FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 33.997 | SEGUNDA-FEIRA, 2 DE MAIO DE 2022 | R$ 5,00

Protesto de bolsonaristas na avenida Paulista faz críticas ao Supremo Eduardo Knapp/Folhapress

Manifestantes em favor de Lula se reúnem em frente ao Pacaembu, em SP Bruno Santos/Folhapress

Bolsonaro participa de ato contra o STF e reforça a tensão

Manifestações antidemocráticas esvaziadas ocorrem em Brasília e capitais; Lula fala a sindicalistas em São Paulo

O presidente Jair Bolsonaro (PL) participou de duas manifestações antidemocráticas criticando o Supremo Tribunal Federal em Brasília e São Paulo neste domingo, Dia do Trabalho.

Na capital federal, não discursou, mas a apoiadores na avenida Paulista falou por vídeo brevemente, evitando ataques diretos à corte.

Reafirmou o mote suposto dos atos, de defesa da liberdade, em referência ao indulto que havia concedido ao deputado Daniel Silveira (PTB-RJ), que havia sido condenado pelo Supremo por manifestações similares e ameaças a ministros.

Afirmou também "dever lealdade a todos vocês" e que "respeita os militares".

Em São Paulo, em evento também pouco concorrido, Luiz Inácio Lula da Silva (PT), líder da corrida eleitoral ao Planalto, fez um discurso contra Bolsonaro e voltado à audiência sindicalista que compareceu. Política A4 a A6

Presidente do Congresso considera manifestação uma anomalia grave A5

Presidente da Câmara dos EUA visita a Ucrânia

A presidente da Câmara dos Representantes dos EUA, Nancy Pelosi, fez uma visita surpresa a Kiev. Com o líder Volodimir Zelenski, ela reafirmou o apoio americano à Ucrânia contra a invasão russa, que vem se materializando com mais fornecimento de armamentos ocidentais ao país. Mundo A9

Eleições e crise externa deverão deixar dólar a R$ 5

Para analistas de mercado, o cenário externo complexo, de combate à inflação nos EUA e com a Guerra da Ucrânia, e a instabilidade política da corrida eleitoral polarizada no Brasil deverão deixar a cotação do dólar na casa dos R$ 5. A moeda subiu 4% em abril, após cair 15% no primeiro trimestre. Mercado A12

Celso R. de Barros

Supremo tem medo é de um golpe do Exército

Daniel Silveira ganhou cargo após ameaçar ministros do STF e ser condenado, para então ser perdoado por Bolsonaro. A corte não reage porque tem medo de um golpe. Se seguir bolsonarista, Exército vai acabar sendo chamado de Exércentrão. Política A8

ENTREVISTA DA 2ª

Clément Voule

Violência na política está cerceando a democracia

Para o relator especial da ONU Clément Voule, que monitora acesso à Justiça e à participação na vida pública no mundo, a violência política, a desinformação, a criminalização de movimentos sociais e ataques a jornalistas no Brasil erodem a democracia.

Nascido no Togo, ele esteve em uma missão de 12 dias no Brasil para aferir as condições de direitos humanos em comunidades e para travar contatos com diversas autoridades. A11

Ambiente B2
Crise climática pode levar a extinção em massa nos oceanos

Esporte B5
Idade não é nada, diz Cesar Maluco, 76, ao lançar cerveja

Ilustrada C1
Dancinhas do TikTok se tornam cruciais para música virar hit

Gabriela Biló/Folhapress

SEGUNDO EMPRESAS DE COLETA, FIM DOS LIXÕES, PREVISTO PARA 2024, SÓ DEVE VIR EM 2063

Catadores separam lixo em aterro de Águas Lindas de Goiás; Ministério do Meio Ambiente diz que é cedo para dizer que plano Lixão Zero falhou Ambiente B1

ISSN 1414-5723
9 771414 572025 33997

ATMOSFERA

São Paulo hoje

26° 17°

0h 6h 12h 18h 24h

Yanomamis foram silenciados, diz líder indígena

Cotidiano B1

Invasão de arraias no rio Tietê, em SP, causa alerta

Ambiente B2

EDITORIAIS A2

Ataque em falso
Sobre falas de Lula e Bolsonaro contra teto de gastos.

Novo choque
Acerca de previsão de efeitos econômicos da guerra.

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

Benett

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Ataque em falso

Lula e Bolsonaro investem contra o teto de gastos, enquanto o problema é o desequilíbrio fiscal

Se há um tema que parece unir os dois líderes nas pesquisas para a eleição presidencial é o teto inscrito em 2016 na Constituição para os gastos do governo, atacado tanto por Luiz Inácio Lula da Silva (PT) quanto por Jair Bolsonaro (PL).

Ambos pregam o relaxamento do ditame legal na crença equivocada de que ele limita a ação do Estado —quando os limites já estão impostos há tempos pelo excesso de endividamento público.

Não é novidade. No ano passado, a gestão Bolsonaro provocou abalo na credibilidade da política fiscal ao recalcular o teto e promover um calote em dívidas judiciais, o que viabilizou a criação do Auxílio Brasil e também o aumento desmesurado das emendas parlamentares ao Orçamento.

Não surpreende, assim, que o mandatário queira mudanças, convenientemente a serem discutidas apenas após as eleições. Para ele, o teto impede o crescimento dos investimentos e precisa ser revisto.

A justificativa, sem sentido, seria a de que existe um excesso de arrecadação, "na casa de R$ 300 bilhões", que não pode ser usado na infraestrutura. Tal sobra, na realidade, inexiste, pois o Tesouro Nacional ainda será deficitário em R$ 66,9 bilhões neste ano, de acordo com a última projeção do Ministério da Economia.

Para afastar o risco de descontrole financeiro, o governo deveria gerar superávits primários (excluindo os gastos com juros) de pelo menos 2% do Produto Interno Bruto, em um ajuste adicional próximo a R$ 200 bilhões.

A mesma linha inconsequente é seguida por Lula. Com retórica demagógica, o cacique petista diz que o limite aos gastos prejudica a área social e é apenas um meio de para garantir o interesse de rentistas, credores da dívida pública.

É desanimador que o presidenciável não valorize sua própria experiência no primeiro mandato, quando manteve gestão austera do Orçamento e favoreceu a queda dos juros e o crescimento.

Não existia o teto de gastos na época, e tanto receitas como despesas cresceram aceleradamente. Mas ao menos havia responsabilidade em manter saldos nas contas para estabilizar o endividamento.

Os cuidados, porém, foram sendo abandonados —primeiro, de modo justificável, como reação ao impacto da crise global de 2008; depois, no governo Dilma Rousseff (PT), por motivação política e ideológica, com o agravante dos embustes na contabilidade pública.

O teto hoje vigente não precisa ser tido como um dogma, obviamente. Trata-se, isso sim, de um mecanismo que permite alguma perspectiva de reequilíbrio gradual das contas públicas, coisa que qualquer governo, à esquerda ou à direita, terá de oferecer ao país.

Novo choque

Governos devem se preparar para impactos de longa duração da guerra na Ucrânia

Relatório do Banco Mundial, divulgado na semana passada, assume projeções sombrias para os impactos da guerra na Ucrânia. O conflito agrava os efeitos econômicos negativos provocados pela Covid, reforçando alterações nos padrões globais de comércio, produção e consumo de produtos básicos.

Os preços permanecerão em alta ao menos até o final de 2024, estima o documento, intitulado Projeções para o Mercado de Commodities.

No setor de energia, por exemplo, as matérias-primas tiveram nos últimos dois anos o maior aumento desde a crise do petróleo de 1973. A previsão é que subam mais de 50% neste ano, na média. Quanto aos grãos, o encarecimento é o maior desde 2008.

Para o Banco Mundial, a acomodação a partir de 2023 e 2024 será lenta, com os preços estacionando bem acima da média dos cinco anos mais recentes. Trata-se de um efeito colateral do maior uso de fontes fósseis, que promoveu choques em diferentes setores.

A guerra na Ucrânia também alterou a dinâmica e os custos do transporte de mercadorias pelo mundo, obrigando a adoção de novas rotas que levam a maior consumo de combustível. Ou seja, criou-se um ciclo que se autoalimenta.

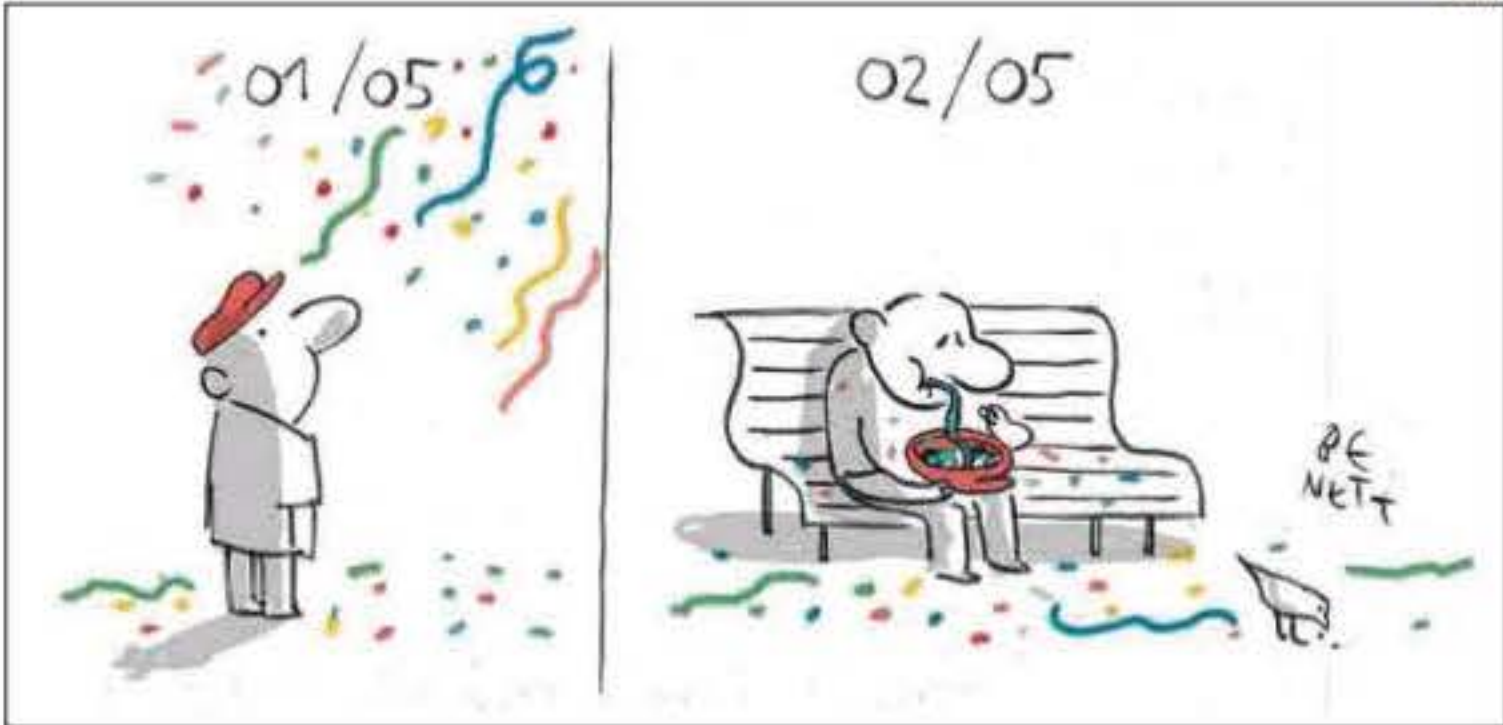
Merecem atenção as recomendações do organismo, para o qual os governos devem agir contra a inflação e a falta de produtos para as famílias mais pobres.

Cumpre utilizar a política pública para ampliar redes de assistência, com transferências de dinheiro aos mais pobres, programas de alimentação escolar e frentes de trabalho —alternativas que podem assegurar uma renda mínima.

Foi o que se fez por aqui com a criação do Auxílio Brasil, embora as motivações e os procedimentos não tenham sido os mais virtuosos. Resta muito a fazer para aperfeiçoar o programa de transferência de renda e garantir seu financiamento nos limites orçamentários.

O Banco Mundial defende ainda cautela no uso de subsídios e controles de preços, especialmente em relação aos combustíveis e os alimentos, que podem gerar o efeito inverso ao desejado.

Em vez de segurar a inflação, tais artifícios tendem a distorcer a oferta dos produtos, ao mesmo tempo em que elevam déficits públicos —o que resulta em novas pressões sobre os preços.

Trata-se de cenário cuja duração é imprevisível, e a tarefa de minorar o sofrimento social demandará, além de compaixão, racionalidade.

Silêncio na praia

Lygia Maria

A Prefeitura do Rio de Janeiro proibiu o uso de caixas de som nas praias. Comemorei. Ouvir música na praia é acabar com a beleza natural da paisagem, é como pichar a Capela Sistina, tocar matraca durante um concerto de Chopin. A decisão causou polêmica, muitos "DJs praianos" inconformados. Porém o que causou espanto foi a grita de alguns intelectuais de esquerda acusando o decreto e seus apoiadores de racismo e elitismo.

O argumento é o mesmo da defesa das pichações (sim, acredite, há quem defenda): são expressões culturais de comunidades negras e pobres. Como se negros e pobres fossem os únicos a ouvirem música alta na praia e como se essa parcela da população adorasse pichações. Ou seja, para essa intelligentsia, negros e pobres não se preocupam sobre como suas ações afetam os outros —o básico de uma sociedade civilizada. Logo, racismo e elitismo em estado bruto.

Ora, os chamados playboys (jovens brancos de classe média/alta) também praticam poluição sonora. Os pobres são os que mais sofrem com pichação: são os mais atingidos (quanto mais pobre o bairro, mais pichação) e têm menos recursos para recuperar o patrimônio depredado.

Pichações e som alto na praia são expressões da cultura brasileira em geral, sem restrição de classe ou raça. O fundamento é a famosa cordialidade brasileira, descrita por Sérgio Buarque de Holanda (já que "cordial" vem de "cordis", "coração" em latim): uma insubordinação do indivíduo a objetos externos que contrariem suas afinidades emotivas. A praia é um espaço público, mas, para o brasileiro médio, isso significa que a praia é dele. Para o pichador, o muro não é do vizinho, é sua tela (apesar de não ter pagado um centavo por ela).

Claro que, na política, vemos práticas semelhantes: nepotismo, patrimonialismo, personalismo etc. Mas, se não defendemos esse comportamento do brasileiro cordial no Planalto, por que deveríamos defendê-lo na praia? Para sermos civilizados, não podemos afagar nossos barbarismos.

A que ponto chegamos

Ana Cristina Rosa

No Dia do Trabalhador, um país forjado sobre os pilares da escravização e que desde a década de 1990 reconhece oficialmente perante a comunidade internacional a existência de trabalho forçado em seu território deveria ir às ruas para exigir respeito e geração de trabalho decente para a população.

Mesmo diante da maior prévia da inflação mensal em 27 anos, da queda no salário médio e de uma multidão de desempregados estabilizada na casa dos 12 milhões, no Brasil a realidade parece ter decidido competir com a ficção dada a quantidade e a proporção de despautérios. E a distopia tem demonstrado uma concretude perturbadora.

Feridas antigas tornaram-se purulentas e mais visíveis. Um exemplo acachapante é o aumento de denúncias de gente mantida em condição "análoga à escravidão". Cerca de 2.000 pessoas foram resgatadas só pela Secretaria de Inspeção do Trabalho (SIT) do Ministério do Trabalho e Previdência em 2021 —o maior número desde 2013.

A falta de informação (e de formação) do povo ajuda a perpetuar essa situação, mas não é a única causa. O cenário envolve sobretudo falta de ética, desumanidade e enorme desvio moral —para dizer o mínimo.

Em áreas urbanas, o "trabalho escravo" doméstico é o mais identificado, o que afeta principalmente mulheres negras. Perturbador assistir ao desabafo da senhora preta de 62 anos —54 deles vividos como escravizada doméstica em Salvador— que chora ao encostar a mão na jornalista que a entrevistou. "Fico com receio de pegar na sua mão branca. (...) Eu boto a minha em cima da sua e acho feio isso."

Poderia ser um trailer de terror psicológico, mas é mostra do dano causado em quem vive numa sociedade estruturada para garantir a perpetuação de privilégios estabelecidos com base em padrões absurdos e injustificáveis, como a cor da pele. No filme "Medida Provisória", dirigido por Lázaro Ramos, a certa altura, um dos personagens indaga: "Como é que a gente deixou chegar a esse ponto?".

Em dias mais felizes

Ruy Castro

Há duas semanas, o Museu do Amanhã, aqui no Rio, abrigou a decisão da etapa brasileira do Campeonato Mundial de Aviãozinho de Papel. Não ria. Os vencedores foram Pedro Capriotti e Isaac Queiroz, paranaenses. Pedro foi o campeão na modalidade tempo no ar, com 7s61, e Isaac, na de distância percorrida, com 40,3 metros. Eles derrotaram 600 concorrentes em eliminatórias disputadas durante meses pelo país. Os dois partem agora para representar o Brasil na grande final em Salzburgo, Áustria, contra 60 países.

Se você acha o assunto irrelevante, experimente fazer um aviãozinho de papel —sabe fazer um, não?— e atirá-lo. Aposto que ele subirá meio metro, se tanto, e descerá vergonhosamente de bico contra o chão. Na mão dos campeões, no entanto, a aeronave já parte sabendo a distância a atingir e o tempo a se manter em voo. E, se o vento e a pressão atmosférica forem favoráveis, eles se arriscam até a piruetas. É um esporte, e proponho a sua inclusão nos próximos Jogos Olímpicos.

Mas, de fato, pode-se perguntar que importância tem isso, diante do desmonte do Brasil promovido por Jair Bolsonaro com a complacência de parte do Congresso, do Poder Judiciário e das Forças Armadas. Com as instituições, a economia e o espírito nacional em ruínas, como ter cabeça para um brinquedo tão infantil?

Dúvida parecida se pôs em 1965, quando um grupo de foliões cariocas criou a Banda de Ipanema e foi cobrado por setores da esquerda. A Banda seria um desaforo diante da ditadura que então começava. E olhe que todos os seus membros eram de esquerda. Só que da esquerda festiva, como eles se definiam. A ideia era: se já sofremos a opressão da ditadura, ainda temos de nos oprimir a nós mesmos?

Os aviõezinhos de papel não derrubarão nem sustentarão Bolsonaro. Mas é bom saber que, em dias mais felizes, eles serão uma brincadeira a que poderemos nos dedicar sem culpa.

Imunidades & corrupção

Marcus André Melo

Professor da Universidade Federal de Pernambuco e ex-professor visitante da Universidade Yale. Escreve às segundas

É intuitiva a noção de que as imunidades são precondição para o exercício da atividade política nas democracias. Como podemos concebê-la se há espaço para retaliação política pelos governantes? Ou ainda sem plena liberdade de expressão? Mas é inegável que ela cria incentivos para o arbítrio e a corrupção.

Chafetz mostrou que duas tradições informaram os dispositivos legais para as imunidades nos EUA e no Reino Unido. A primeira delas, a versão forte do princípio que a soberania parlamentar deve prevalecer em relação a qualquer agente externo, inclusive tribunais, predominou até o século 19; na segunda, a soberania é exercida contra o monarca mas também sobre parlamentares. O Judiciário é visto aqui como potencial agente do povo.

É esta tradição que prevaleceu no Reino Unido, onde não há imunidade de qualquer natureza, cabendo ao Judiciário julgar malfeitos dos parlamentares sem qualquer impedimento.

No polo oposto, está o caso do Paraguai, onde há imunidade vitalícia para os presidentes. No meio do caminho, está a França, que, desde a Revolução Francesa, proibiu a prisão de parlamentares, salvo para crimes comuns (A nossa "Revolução Francesa" é o voto do STF, na ação penal 937/ 2018).

Reddy et al (2020) investigou a questão da "imunidade formal" (garantias processuais como foro especial; proibição ou licença legislativa para prisão etc.) e construiu um índice a partir de 18 critérios (quórum para a licença, duração da imunidade etc.) para membros dos três Poderes, de 90 países.

O Paraguai tem o escore mais elevado (0,89, em uma escala de 0 a 1), seguido de Uruguai (0,83), Brasil e Argentina (empatados em 0,78); Reino Unido, Canadá e Austrália têm escore zero (mediana = 0,38; EUA = 0,28). América Latina e Europa do Leste exibem os maiores escores.

São dois os achados principais da pesquisa. O primeiro, contra intuitivo: a correlação entre imunidade e renda per capita ou nível de democracia é próxima de zero. O segundo: há robusta associação positiva entre imunidade formal e corrupção.

Os autores levam em conta fatores como tradição legal, regras eleitorais, sistema de governo etc. E calcularam índices históricos de imunidade e de corrupção desde o século 19 para eliminar problemas de endogeneidade na estimação do modelo (políticos corruptos têm incentivos eles próprios para aprovar dispositivos de imunidade cada vez mais fortes).

A imunidade formal é crucial nos processos de transição e consolidação das democracias, mas degeneram ao longo processo em arranjos que estimulam a corrupção e outras formas de abuso de prerrogativas.

Assim, o sonho paraguaio de imunidade vitalícia é o canto das sereias de autocratas.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Pandemia, bem-estar e cultura

Ações socioculturais contribuíram para amenizar solidão e ansiedade

Danilo Santos de Miranda
Sociólogo, é diretor regional do Sesc-SP (Serviço Social do Comércio)

Quais os impactos da pandemia no cotidiano das pessoas? Como a cultura se relaciona com essa questão? E como se imagina o mundo pós-pandemia? Essas perguntas resumem inquietações colocadas para a ação do Sesc (Serviço Social do Comércio), instituição que nos últimos anos se reinventou. Nós, e toda a área sociocultural, fomos levados a nos adaptar nessa realidade diversa do que sempre tivemos —antes marcada pela aglomeração.

Adentramos "as nuvens", com atividades online voltadas a promover o convívio. Antes do retorno ao presencial, já era premente refletir sobre o impacto da pandemia para trilhar um caminho futuro. Daí a pesquisa "A reinvenção da vida e da saúde em tempos de pandemia – o lugar da cultura", realizada pelo Sesc por meio de seu Centro de Pesquisa e Formação, em parceria com a Faculdade de Medicina da USP e sob coordenação do médico sanitarista Ricardo Rodrigues Teixeira, dos pesquisadores Rogério da Costa Santos e Sabrina Ferigato e da equipe do Sesc.

A união entre Sesc e universidade culminou num método inusitado de investigação: um questionário online com mediadores (Adriana Couto, Paschoal da Conceição, o rapper Rael e Rita von Hunty) acolhendo os respondentes por meio de vídeos. Assim, a pesquisa se apresentou como uma intervenção cultural colaborativa para pensar os impactos da pandemia no cotidiano e no uso do tempo livre, relacionando-os com as estratégias de enfrentamento da situação adversa deste período. O levantamento identificou a relação das atividades culturais com a saúde e o bem-estar, em destaque à subjetividade dos indivíduos e às formas de se relacionar com o outro e com o mundo, na importância dos vínculos e de lutar por significados e pela cultura.

Foram por volta de 1.100 respondentes para um questionário de cerca de 50 minutos de duração, com perguntas abertas e fechadas. Os resultados destacam o predomínio da ansiedade na experiência relativa à saúde e ao bem-estar. Em relação à parte física, surgiram dores osteomusculares e aumento de peso. Em relação ao bem-estar, sobressaíram preocupações com sedentarismo, aparência física e rotina de trabalho, estudo e lazer, além da preocupação com o risco de contágio e transmissão da Covid-19.

Outros medos e preocupações nessa cartografia dos padecimentos se expressaram no excesso de exposição às telas, na situação política e econômica do país, na tristeza pela catástrofe coletiva e, principalmente, na percepção de prejuízos nas relações sociais. Por outro lado, a pesquisa confirma a importância das atividades culturais nos meios digitais como recurso de resistência e dispositivo de produção de saúde e bem-estar, pois ambos nos permitem voltar a habitar as intensidades da vida e da vida em comum. As ações socioculturais contribuíram para que as pessoas amenizassem os sentimentos de solidão e ansiedade, permitindo reinventar modos de viver e de preservar o pensamento para enfrentar a pandemia.

As atividades que mais contribuíram para a produção de bem-estar foram: ver filmes; ouvir música; ler; conversar; dormir; cuidar de animais de estimação; comer; participar de atividades de ensino; interagir nas redes sociais; cozinhar e praticar jardinagem. Durante a pandemia, o Sesc intensificou e diversificou as ações socioculturais de forma virtual, com debates, apresentações artísticas, ações de educação em saúde, físico-esportivas e tantas outras. Os dados e análises da pesquisa, realizada em 2021, estão disponíveis em sescsp.org.br/olugardacultura.

Por fim, a pesquisa aponta novas possibilidades de investigação científica, outras configurações sociais e diferentes subsídios para o planejamento do que está por vir. Reinventar-se não é só algo possível; é, sim, uma condição da vida existente em cada um de nós sempre que o meio social nos exige respostas. E cada resposta abre um novo caminho a ser trilhado em conjunto, como poetizou Guimarães Rosa: "Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura".

[...]

Pesquisa confirma a importância das atividades culturais nos meios digitais como recurso de resistência e dispositivo de produção de saúde e bem-estar (...). As ações contribuíram para que as pessoas amenizassem os sentimentos de solidão e ansiedade, permitindo reinventar modos de viver e de preservar o pensamento para enfrentar a pandemia

Milagre contábil no INSS

Custo de R$ 360 bilhões na revisão da vida toda não condiz com a realidade

João Badari
Especialista em direito previdenciário e "amicus curiae" no processo da revisão da vida toda pelo Instituto de Estudos Previdenciários

Os dias que se seguiram ao pedido de destaque do ministro Kassio Nunes Marques no julgamento conhecido como revisão da vida toda, no Supremo Tribunal Federal, foram espantosos. Isso em razão de afirmações de que o custo desse direito seria de R$ 360 bilhões, o que não condiz com a realidade.

Na revisão da vida toda, aposentados pedem à Justiça que todas as suas contribuições feitas ao INSS sejam consideradas no cálculo da média salarial para, assim, aumentar a renda previdenciária.

É importante destacar que a revisão da vida toda é uma ação de exceção —conforme contextualizado no voto do ministro Alexandre de Moraes—, na qual o próprio INSS afirma que o benefício alcançaria 31,28% dos aposentados e pensionistas que se aposentaram após março de 2012 e 13 de novembro de 2019. A autarquia vai além: supõe nos autos que, a cada dois aposentados neste perfil, apenas um ajuizaria o processo. Na nota técnica produzida pelo Ministério da Economia (NT SEI 4921/2020/ME), juntada ao processo pelo INSS, foram analisados 108.396 registros aleatórios obtidos pelo sistema Dataprev, o que daria à ação, segundo dados inflados, um custo de R$ 46 bilhões.

Reforço que esse número é superestimado por incluir na conta os anos de 2009 a 2011, "caducados". E trazia ainda a suposição de que 50% dos aposentados ajuizariam o processo de revisão. O fato de claramente trazer uma suposição demonstra que não existe critério científico na elaboração dos dados por parte do INSS.

Porém, após deixar claro nos autos que a ação não se aplica a todos, atestar a decadência para quem se aposentou há mais de dez anos e entender que não cabe para quem se aposentou após a reforma da Previdência, menos de dez dias após a vitória dos aposentados, por 6 a 5, a autarquia se contradisse. No dia 4 de março, foi elaborada a nota técnica nº 12/2022 DIRBEN/INSS, a "nota dos R$ 360 bilhões".

Poucas vezes presenciei uma manobra tão rasteira na manipulação da opinião pública: uma tentativa de inflar ainda mais o número de beneficiários de forma a sustentar uma argumentação de que o Brasil vai quebrar. Nesta nova nota técnica, o INSS exagera ao afirmar que a revisão da vida toda caberia para todos os benefícios após 1999. E, mais, que todos os beneficiários poderiam revisar a sua renda mensal.

Para ser mais didático: se você tem uma empresa com 100 funcionários e não paga corretamente os direitos de 31 deles, teria como 150 pessoas entrarem com uma ação contra a sua empresa e ainda ganharem? Óbvio que não, ainda mais levando em conta que, destes 31, alguns não terão o direito, pois o prazo para acionar o Judiciário venceu.

O ministro Nunes Marques, em seu voto divergente, afirmou que "excepcionalmente, aqui e ali, haverá um trabalhador que teve altos salários e depois caiu no fim da carreira. Mas isso é raro. O normal é que o trabalhador tenha maiores remunerações quando está mais velho e com mais tempo de serviço". Ou seja, até mesmo o voto divergente atesta que é uma ação de exceção.

Os atingidos, como sempre, ficam no lado mais fraco da corda. Este milagre contábil é desleal com os aposentados que tiveram descontos elevados em folha e se encontram com o seu direito à Justiça indefinido.

[...]

Poucas vezes presenciei uma manobra tão rasteira na manipulação da opinião pública: uma tentativa de inflar ainda mais o número de beneficiários de forma a sustentar uma argumentação de que o Brasil vai quebrar. (...) Os atingidos, como sempre, ficam no lado mais fraco da corda

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Comunidade Aracaçá, em terra yanomami (RR), é encontrada queimada e vazia após suspeitas de crime contra indígenas Júnior Hekurari Yanomami no Twitter

Aldeia queimada

Este país está doente, gravemente doente ("Aldeia onde menina yanomami teria sido estuprada é encontrada queimada", Cotidiano, 30/4). Uma doença coletiva alimentada pela psicopatia criminosa dos dirigentes e a cumplicidade de funcionários que desonram seus cargos, por oportunismo ou covardia. E pela indiferença de grande parte da população, capturada por mentiras, interesses mesquinhos ou ódio. E adoeceremos todos.
Maria Lopes (São Paulo, SP)

*

Que descalabro que está em nosso país. Nunca no meu pior pesadelo imaginei que pudesse acontecer essa carnificina que está ocorrendo.
Zizi Paul (São Paulo, SP)

*

Não é possível haver país que não consegue impedir garimpos ilegais. É inacreditável uma coisa dessas!
Victor Henriques (Belo Horizonte, MG)

Lula e policiais

"Bolsonaro não gosta de gente, gosta de policial, diz Lula" (Política, 30/4). Lula não cometeu erro, pois falou o que todos sabem: "Bolsonaro não gosta de gente salvo se for militar". Ou seja, no conjunto de todas as pessoas existentes, ele só se identifica ou gosta dos militares, mas há uma vontade de complicar o que é óbvio.
Benedito C. Pacifico (Duque de Caxias, RJ)

*

Eu repudio Lula e os governos do PT, mas é patético querer ignorar que neste discurso, como sempre faz, ele buscou escolher palavras coloquiais para contrastar "humanidade, empatia e força bruta, frieza". E posso arriscar que mais de 70% da população interpretou exatamente o que ele queria dizer. Aí vem elite terceiraviista enxergar semântica de "policial não é gente" e equiparar isso às coisas mais abjetas que o adversário dele, Jair Bolsonaro, disse com todas as letras.
Jean Michel (São Paulo, SP)

*

Se o Bolsonaro não gosta de povo então por que vive cercado por ele? Quanto ao Lula, só se apresenta à população da bolha dos seus aliados.
Francy Litaiff Abrahim (Manaus, AM)

Livros banidos. Até quando?

É inacreditável que essas agendas ainda tenham espaço ("Banimento de livros por governos locais já atinge 26 estados dos EUA", Mundo, 30/4)! Para vermos que a sociedade não evolui em costumes, imaginário e ideias de forma homogênea. Esses absurdos dialogam com medos e sentimentos de raiva e frustração pela situação que essas pessoas vivem. Culpar minorias pelo aumento da desigualdade não é a solução.
Simone Rodrigues (Cascavel, PR)

'Parada legítima'

Esse pessoal não sabe distinguir barbárie de livre expressão ("Monark vai ao Flow e diz ter causado polêmica com defesa de 'parada legítima'", Ilustrada, 29/4). Pode ameaçar a vida do ministro do STF e de sua família? Pode ameaçar a existência de uma raça inteira? O Flow não aprendeu nada e deve ser desmonetizado novamente.
Barbarella Duran (São Paulo, SP)

*

As pessoas estão dando valor de mais para esse frustrado.
Raquel Bracho (Cabedelo, PB)

O pesadelo da casa própria

O presidente do Banco do Brasil foi indicação de Bolsonaro ("BB leiloa casas ocupadas por famílias pobres", Mercado 30/4). A política do banco deve obedecer à lei dos mais ricos, sem piedade pelos despossuídos da terra, até porque R$ 500 de prestação —até para quem tem emprego— é alto e, para os milhares de desempregados, parece claramente impossível. Só num governo com políticas sociais e emprego haveria uma maneira menos cruel de resolver a insolvência.
Vera Queiroz (Rio de Janeiro, RJ)

*

Lamentável que seja essa situação. O problema não é a atitude do banco, absolutamente regular e legítima. Se o imóvel é financiado, cumpre ao banco tomar as medidas legalmente previstas para o caso de não pagamento. A grande chaga é a escassez de renda e de trabalho.
Antonio Mateos (Santos, SP)

São Paulo, cidade sitiada

Não há perigo só nas esquinas de São Paulo. Há perigo em toda parte. Nas ruas, onde as pessoas são assaltadas e, não raramente, assassinadas. Há perigo nos condomínios e nas casas, que são invadidos e saqueados. Há perigo nos carros, nas bicicletas, nas motos. Há perigo nos cemitérios, onde as sepulturas são violadas e saqueadas. Perigo é a regra. São Paulo se tornou cidade imunda, perigosa, mal cuidada e muito mal administrada. A única sensação que São Paulo me provoca é a enorme vontade de ir embora.
Taís Tinucci (São Paulo, SP)

Museu da Diversidade

Se a idade das trevas voltar, estarei do lado das bruxas ("Museu da Diversidade fecha após decisão da Justiça de SP", Cotidiano, 20/4). Ops, já está voltando.
Ana Rodrigues (Vitória, ES)

*

Museu da diversidade custeado e bancado com dinheiro público? Que patifaria é essa? São Paulo destruída, saqueada, e torram grana pública em Museu da Diversidade? Passem no Capão Redondo para ver pessoas morando em barranco, sem emprego e à beira de córregos.
Eduardo Freitas (São Paulo, SP)

Folha Explica

No **Folha** Explica, como o desse "Caso Daniel Silveira" (Política, 30/4), o olho superior deveria ser "Como não deveríamos ter chegado aqui?". Depois que chegamos aos absurdos diários deste desgoverno, melhor explicar o que não deveria ter sido permitido acontecer.
Antonio Carlos de A. Campos (São Paulo, SP)

Título de eleitor

Tem até artista estrangeiro e famoso incentivando os jovens a tirarem seus títulos de eleitor. Acredito que não faça por mal, mas devia ser informado que o compromisso dos políticos brasileiros com os eleitores acaba centésimos de segundos após o voto na urna eletrônica.
Marcos de Luca Rothen (Goiânia, GO)

O som do Pantanal

Pantanal não encanta hoje como na primeira versão porque falta um de seus pilares: a trilha sonora de Marcus Viana, vanguarda da new age, trocada agora por mórbido solo de violoncelo ("Pantanal, ontem e hoje", Ilustrada Ilustríssima, 1º/5).
Jose Luiz Teixeira (São Paulo, SP)

política

PAINEL | Fábio Zanini

painel@grupofolha.com.br

Passar a limpo

A sucessão de gafes de Lula e o clima de improviso no PT aumentaram a pressão pela profissionalização da pré-campanha. "Tem que criar um gabinete, fazer reunião de coordenação toda manhã, chamar os aliados a cada 15 dias", disse José Dirceu, que coordenou a vitória de Lula em 2002, durante ato das centrais no domingo (1º). Otimista, ele acredita em melhora após a oficialização da pré-candidatura, no sábado (7). Mas pretende atuar apenas nos bastidores. "Se eu apareço, atrapalho".

FLEX Dirceu diz que os problemas na comunicação da campanha foram mais uma questão de falta de relacionamento pessoal que uma crise propriamente dita. "Está cheio de empresa que entende de comunicação, tem que terceirizar."

HOLOFOTE O MST promete criar 5.000 comitês populares em defesa de Lula em cidades de até 50 mil habitantes. Também pretende influenciar no debate sobre o programa de governo do petista. "Não podemos deixar que o tema da reforma agrária fique esquecido nas discussões", diz João Paulo Rodrigues, coordenador do movimento.

NUNCA MAIS O deputado federal Rui Falcão (PT-SP) representou no Conselho Nacional de Justiça contra o presidente do Superior Tribunal Militar, Luis Carlos Gomes Mattos, que minimizou áudios divulgados recentemente relatando torturas durante a ditadura. Na ação, ele pede o afastamento do magistrado do cargo.

ARTE Em suas inserções televisivas, o presidenciável João Doria (PSDB) aparece sentado em uma escadaria, em frente a um muro com pichações, projetando uma imagem informal e citando sua proposta de governo: fazer pelo Brasil o que realizou em São Paulo.

CRIME A imagem contrasta com uma das primeiras atitudes do tucano ao assumir a Prefeitura de SP, em 2017, quando sancionou uma lei antipichação e promoveu ações para apagar grafites, nas quais participou vestido como funcionário de limpeza. Na época, chegou a dizer que "todos os pichadores são bandidos".

HERO O ato deste domingo (1º) na Paulista mostrou a força do discurso em defesa da liberdade de expressão entre os bolsonaristas. A esmagadora maioria das faixas tinha esse mote, mais do que temas tradicionais como defesa da família e das armas. Uma delas, em inglês, dizia "Elon Musk rules" (Elon Musk manda), em referência ao novo dono do Twiter.

MUNDO DA LUA Candidato a deputado federal pelo PL, o ex-ministro Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia) disse no ato que foi o "primeiro astronauta do hemisfério sul". Mas antes dele, que foi para o espaço em 2006, houve astronautas australianos e sul-africanos.

PRESENTE Pré-candidato bolsonarista ao governo paulista, Tarcísio de Freitas (Republicanos) optou por não comparecer ao evento na Paulista. Segundo um aliado, para não correr o risco de problemas com a Justiça Eleitoral. Mesmo assim, teve o nome lembrado por diversos oradores.

LEÃO Em mensagem a apoiadores, Roberto Jefferson (PTB) diz que o partido manterá Daniel Silveira (PTB-RJ) na Comissão de Constituição e Justiça da Câmara. "Não temos espaço para a covardia. Experimentamos toda tribulação e perseguição, mas perseveramos", afirma Jefferson, que cumpre prisão domiciliar.

CLAMOR Apoiadores de Jefferson iniciaram uma campanha para que Jair Bolsonaro o indulte, com confecção de bandeiras e camisetas. Uma das organizadoras é a reverenda Jane Silva, ex-adjunta da Secretaria da Cultura e pré-candidata a deputada federal por MG.

com Guilherme Seto e Juliana Braga

Cláudio

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL	Digital ilimitado	Digital Premium
DO 1º AO 3º MÊS	R$ 1,90	R$ 1,90
DO 4º AO 12º MÊS	R$ 9,90	R$ 9,90
A PARTIR DO 13º MÊS	R$ 29,90	R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 5	R$ 7	R$ 827,90
DF, SC	R$ 5,50	R$ 8	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 6	R$ 8,50	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE	R$ 9,25	R$ 11	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 10	R$ 11,50	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
357.813 exemplares (março de 2022)

1 Ronny Santos/Folhapress

2 Eduardo Knapp/Folhapress

Bolsonaro participa de atos contra Supremo e reforça clima de tensão

Presidente cumprimentou apoiadores em Brasília e falou em vídeo a manifestantes em São Paulo; aliados dizem que crise não escalou

SÃO PAULO E BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) participou neste neste domingo (1º) de dois atos de ataques ao STF (Supremo Tribunal Federal). Um dia antes, Bolsonaro havia estimulado a participação dos manifestantes.

Assim, mantém em alta a temperatura do clima de tensão com Judiciário, iniciada desde a condenação do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) pela corte —mas aliados celebraram o fato de que, se o presidente não colaborou para tranquilizar os ânimos, ao menos não piorou a situação.

Bolsonaro não discursou presencialmente em Brasília. Em São Paulo, apareceu em um telão, com transmissão por vídeo. Fez declarações genéricas e não escalou a crise entre os Poderes, como ocorreu em outros momentos e como era esperado.

Para aliados, o chefe do Executivo fez um gesto aos seus eleitores, mas manteve o tom dos seus conselheiros, de não esticar a corda com o STF — em especial neste momento em que, pela primeira vez, consideram que tiveram uma vitória política diante da corte, com indulto individual de Bolsonaro dado horas após a condenação de Silveira a 8 anos e 9 meses de prisão.

Os atos foram convocados em defesa do deputado bolsonarista. Ele participou presencialmente dos protestos no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Pela manhã, Bolsonaro foi a ato esvaziado contra o STF na Esplanada dos Ministérios, em Brasília. Lá, cumprimentou os presentes. À tarde, entrou ao vivo em vídeo no protesto da avenida Paulista, em São Paulo, onde aliados promoveram ataques ao STF e ao TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Foi de um carro de som na avenida Paulista, no 7 de Setembro do ano passado, que Bolsonaro exortou desobediência a decisões judiciais e xingou o ministro Alexandre de Moraes, do STF, relator de inquéritos que têm como alvo o presidente e seus aliados.

Na última sexta-feira (29), Bolsonaro havia modulado o discurso de crítica ao Supremo. Em entrevista a uma rádio, disse que não quer peitar a corte, mas afirmou que ela cometeu excesso.

Já ministros do STF, após a nova ofensiva do presidente com ataques ao Judiciário e ao sistema eleitoral, reagiram em série em defesa das urnas e das instituições democráticas e contra pressões políticas na corte.

As declarações ocorreram depois de dias de silêncio ou discrição dos magistrados em meio à tensão.

Aliados do presidente defendiam que ele não participasse dos atos, por temor de acentuar a crise.

Em Brasília, a manifestação encheu menos de uma quadra da Esplanada dos Ministérios. Em um dos trios elétricos, havia uma faixa estendida pedindo a criminalização do comunismo e a destituição dos 11 ministros do Supremo.

> **"[Vim] cumprimentar o pessoal que está aqui na manifestação pacífica em defesa da Constituição, da democracia e da liberdade. Então parabéns a todos de Brasília, bem como todos brasileiros que hoje estarão nas rua"**
>
> **Jair Bolsonaro** em live neste domingo (1º)

"Senhores senadores! Nas urnas, iremos nos lembrar das vossas omissões frente a membros do STF", dizia outra, pela qual Bolsonaro passou quando esteve no local.

O Senado é responsável por analisar pedidos de impeachment de ministros do STF, defendidos por bolsonaristas, mas que nunca vingaram no Parlamento.

Os discursos nos carros de som na Esplanada criticaram o STF e o Judiciário de forma geral, atribuindo à corte supostos ataques ao demais Poderes e à Constituição.

Em São Paulo, Bolsonaro participou do ato de forma virtual. Apareceu ao vivo em vídeo, reproduzido em telão, direto do Palácio da Alvorada, em Brasília.

Ele fez rápido discurso no qual enalteceu seus apoiadores. Falou em liberdade e disse ser o chefe de um governo que acredita em Deus, respeita os militares, defende a família e deve lealdade a seu povo. Ele afirmou que o bem sempre vence o mal e finalizou com o lema: "Deus, pátria e família".

Manifestantes exibiam cartazes e faixas contra o Judiciário. "Bolsonaro exerça seu poder constitucional", "TSE é um partido político inimigo do Brasil" e "juízes da su-

Continua na pág. A5

Antonio Molina/Folhapress

Eduardo Anizelli/ Folhapress

1 Discurso de Bolsonaro é transmitido em telão na av. Paulista, em SP **2** Vista da av. Paulista durante ato bolsonarista neste domingo (1º) **3** Protestos em Brasília, na Esplanada dos Ministérios **4** Deputado Daniel Silveira exibe simulacro de placa de rua com seu nome em manifestação no RJ; objeto é similar ao que ele rasgou em 2018, com o nome de Marielle Franco

Continuação da pág. A4

prema corte dão suporte a ladrões corruptos e criminosos do Brasil" eram algumas das frases. Outros pediam o impeachment dos ministros Alexandre de Moraes e Luís Roberto Barroso.

Palavras contra STF, TSE e gritos antidemocráticos marcaram os discursos de quem estava nos caminhões da organização do ato na avenida. Em diversos momentos a PM e o Exército foram exaltados.
Victoria Azevedo, Fábio Zanini, Marianna Holanda e João Gabriel

Pacheco critica, e STF comemora baixa adesão a protestos

BRASÍLIA O presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG), fez críticas aos atos bolsonaristas deste domingo (1º).

O senador não fez referências diretas ao presidente, mas citou os atos no qual ele esteve presente.

"Manifestações ilegítimas e antidemocráticas, como as de intervenção militar e fechamento do STF [Supremo Tribunal Federal], além de pretenderem ofuscar a essência da data, são anomalias graves que não cabem em tempo algum", disse em rede social.

Já ministros do STF, reservadamente, disseram que os protestos foram completamente distintos do atos de raiz golpista de 7 de Setembro, quando o presidente xingou e exortou a desobediência a decisões da Justiça.

Os magistrados reconhecem que atos em que eleitores do presidente pediam a destituição deles ou o fim da "ditadura da toga" são ruins, mas se tranquilizaram com a baixa adesão, que era esperada na corte.

Defesa de Silveira pede arquivamento de ação penal

BRASÍLIA A defesa do deputado Daniel Silveira (PTB-RJ) protocolou neste domingo (1º) no STF (Supremo Tribunal Federal) pedido de arquivamento da ação penal que resultou na condenação do parlamentar a 8 anos e 9 meses de prisão.

O pedido é baseado no perdão da pena concedido por Jair Bolsonaro (PL). O deputado foi condenado por defender invasões ao STF e agressões físicas aos ministros.

A defesa de Silveira pediu o arquivamento de inquéritos correlatos e o restabelecimento de todas as contas do deputado em redes sociais, além da devolução de aparelhos celulares. Seu advogado também pediu a restituição de fiança, já paga, no valor de R$ 100 mil.

Neste domingo (1º), o deputado esteve em atos bolsonaristas em Niterói (RJ), no Rio de Janeiro e em São Paulo. Não chegou a falar sobre o STF, mas disse que ficou muito tempo calado e que "não tem teoria da conspiração, é muito real".

Leia mais sobre o 1º de Maio na pág. A6

Ato esvaziado de centrais em SP tem pedido de voto em Lula

Participantes ignoram regra eleitoral, e ex-presidente adota tom de campanha

Catia Seabra, Bianka Vieira e Thiago Bethônico

SÃO PAULO As centrais sindicais promoveram um ato esvaziado de 1º de Maio neste domingo em São Paulo, e as falas dos participantes foram marcadas por pedidos de voto no ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que falou ao final e manteve o tom de campanha durante seu discurso aos poucos presentes.

O ato ocorreu na praça em frente ao estádio do Pacaembu e teve ainda série de ataques ao presidente Jair Bolsonaro (PL).

Lula foi recepcionado no palco por dirigentes sindicais que puxaram coros de "olê, olê, olê, olá, Lula, Lula" e logo no início de sua fala sugeriu estar preocupado com eventual punição da Justiça Eleitoral por propaganda antecipada.

A lei eleitoral diz que não pode ocorrer pedido explícito de voto antes do início da campanha, o que ocorrerá somente em 16 de agosto. Na prática, a Justiça tem sido tolerante, com raras punições para quem desrespeita a regra.

"Eu fiquei um pouco atrás [dos dirigentes] porque eu não posso falar de eleição. Eu estou aqui num ato de 1º de Maio para discutir o problema dos trabalhadores e das trabalhadoras desse país", afirmou Lula.

"Eu ainda não sou candidato, só dia 7 eu vou ser pré-candidato. Mas se preparem porque alguém melhor do que esse presidente [Bolsonaro] vai ganhar as eleições", acrescentou, para logo adotar um tom eleitoreiro e falar de projetos para um eventual governo seu.

A pré-candidatura do petista à Presidência será lançada no próximo sábado (7), em evento em São Paulo. O provável vice do petista, o ex-governador Geraldo Alckmin (PSB), também deve participar.

"Logo, logo vai estar tudo formalizado e nós vamos acordar num belo dia do mês de outubro, agradecendo a Deus e agradecendo à liberdade. E vamos agradecer porque a liberdade finalmente abriu as asas sobre o povo brasileiro, e nós vamos voltar a ter um país civilizado", afirmou o petista.

Pela programação original, Lula falaria às 13h, após discursos de presidentes de centrais e representantes de partidos. No entanto, como o público presente era abaixo do esperado, colaboradores do ex-presidente decidiram postergar sua participação para as 15h30, mais próximo ao show da cantora Daniela Mercury.

Ato unificado das centrais sindicais para comemorar o 1º de Maio, Dia do Trabalho, na praça Charles Miller, em frente ao estádio do Pacaembu, em São Paulo Bruno Santos/Folhapress

Lula durante discurso a sindicalistas e militantes de esquerda no ato do Dia do Trabalho, em São Paulo Marlene Bergamo/Folhapress

A ideia era atrair mais pessoas para o pronunciamento, reunindo os militantes e sindicalistas com os fãs da cantora baiana. Lula começou a discursar por volta das 15h50.

As centrais chegaram a sugerir que o ato ocorresse na praça da República, menor e de fácil acesso, mas a assessoria direta de Lula insistiu para que fosse na praça Charles Miller, diante do Pacaembu.

Presidente da UGT, Ricardo Patah reconheceu que os organizadores esperavam mais participantes na manifestação. "Não adianta choramingar. Esse é o exército com que contamos para ir às ruas em defesa da democracia e do trabalhador", diz.

O presidente da CUT, Sérgio Nobre, disse que não se trata de quantidade, mas de qualidade da presença. "Aqui não tem sorteio de carro, nem mega show, para atrair gente. É a qualidade de público." Durante o ato, organizadores pediram que participantes fossem para a lateral do palco.

O ato, contudo, não contou com a participação de todas as centrais sindicais. A CSB, ligada ao PDT de Ciro Gomes, não participou. Ciro disse que enviaria uma carta para ser lida durante os discursos, mas o documento não foi recebido.

> **"Ainda não sou candidato, só dia 7 eu vou ser pré-candidato. Mas se preparem porque alguém melhor do que esse presidente vai ganhar as eleições**
>
> **Lula**
> em ato em São Paulo pelo Dia do Trabalho

Antes da fala de Lula, outros nomes do PT e da esquerda discursaram no ato. Fernando Haddad, pré-candidato do PT ao Governo de São Paulo, convocou os apoiadores presentes a conquistarem votos para derrotar Bolsonaro no pleito deste ano e a "botar os fascistas para correr".

Haddad discursou ao lado de petistas como a deputada federal e presidente da legenda, Gleisi Hoffmann (PR), o ex-ministro Aloizio Mercadante e o presidente estadual do PT paulista, Luiz Marinho.

"O que fez Bolsonaro nesses dias? Convocou para um ato contra o STF. Vocês acham que a causa da tristeza do povo brasileiro é o Supremo Tribunal Federal?", questionou Gleisi, presidente do PT, que ouviu um "não" como resposta.

"A causa da tristeza do povo brasileiro é não ter um projeto para esse país, é ter gasolina cara, é ter óleo diesel caro, é ter gás de cozinha caro. É as pessoas irem no mercado e não conseguirem comprar o necessário para poder dar sustentação às suas famílias", disse ainda a deputada.

No início do ato, Bolsonaro foi repetidamente chamado de "fascista" e "genocida" pelos presentes. "Tudo o que ele [Bolsonaro] faz é para o mal da população. Gera desemprego, tira a renda, ataca a saúde, ataca o meio ambiente. Para solucionar isso, só tem um jeito: olê, olê, olê, olá, Lula, Lula", cantou o presidente do Sindicato dos Eletricitários de São Paulo, o Chicão dos Eletricitários.

Petista se desculpa com policiais após gafe em discurso

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) pediu desculpas a policiais após cometer uma gafe enquanto fazia uma série de críticas ao presidente Jair Bolsonaro (PL), seu principal adversário na disputa eleitoral deste ano.

"Ontem eu fui na zona norte, na Brasilândia, fazer um ato com as mulheres para discutir o custo de vida. E, quando eu estava fazendo o discurso, eu queria dizer que o Bolsonaro só gosta de milícia, não gosta de gente, e eu falei que ele só gosta de polícia, não gosta de gente", disse o petista neste domingo (1º), em São Paulo.

"Eu queria aproveitar e pedir desculpas aos policiais desse país, porque muitas vezes [a categoria] comete erros, mas muitas vezes salva muita gente do povo trabalhador, e nós temos que tratá-los como trabalhadores desse país", completou o ex-presidente.

Golpismo do presidente faz duelo com a naftalina do petista

ANÁLISE

Igor Gielow

SÃO PAULO Os antecipados atos concorrentes de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) neste 1º de Maio serviram para dar um desenho claro do desolador cenário político brasileiro a cinco meses da eleição presidencial mais importante desde a redemocratização de 1985.

Primeiro, a clareza: eles giraram em torno dos líderes da corrida eleitoral até aqui, refletindo o que o mundo político já precificou: apenas uma grande surpresa mudará a sensação de que está sendo travado um segundo turno.

A tibieza das outras forças políticas brasileiras em apresentar algo melhor que a autofagia ao eleitor se mostra em seu esplendor. Claro, tudo pode mudar se o Imponderável de Almeida resolver surgir.

Já a desolação decorre principalmente pela atitude golpista explícita adotada pelo presidente da República.

Claro, será argumentado que Bolsonaro pegou leve, evitou ataques diretos ao Supremo Tribunal Federal, moderou o tom. Mas, em um país normal, falaríamos em impedimento de tal conduta.

Como os atos paroxísticos do Sete de Setembro do ano passado já mostraram, enquanto carne houver no osso do Executivo, a tolerância com o intolerável grassará.

É uma crise contratada, claro, essa que Bolsonaro já desenhou com giz de cera.

O centrão finge que não é com ele, dada a tal carne em forma de emendas e Fundo Eleitoral garantidos, mas na hora em que a eleição estiver contestada, isso não será algo seletivo para a Presidência — os votos de seus integrantes estarão no mesmo alvo.

Parece importar pouco o risco real de violência eleitoral e situações limite. O Supremo tem cometido erros táticos que só pioraram o cenário. A transformação do caso Daniel Silveira pelas mãos bolsonaristas em um refrega sobre liberdade de expressão é tão farsesca quanto perigosa.

A presença de um sujeito com a roupa do nativista americano do 6 de janeiro de 2020 a seu lado no Rio é um lembrete meio ridículo, mas real, dos riscos colocados aqui.

À clareza em campo, adiciona-se a desolação. Lula, como concorrente à frente de Bolsonaro, teoricamente teria a obrigação de assumir a dianteira também no embate democrático. Por todas suas falhas em defesa de liberdades, como o desprezo pela imprensa em seus anos de poder explícita, não há registro de seu lado de nada parecido com o que Bolsonaro faz.

> **[...]**
>
> **As manifestações do domingo giraram em torno dos líderes da corrida eleitoral até aqui, refletindo o que o mundo político precificou: apenas uma grande surpresa mudará a sensação de que está sendo travado um segundo turno**

Mas o petista preferiu usar o Dia do Trabalho para fazer um discurso cheirando a naftalina, em sindicalês quase puro. OK, ele falava aos seus, entre eles o proverbial "Paulinho da Farsa Sindical", como todo petista gostava de chamar nos anos 1990. Mas o momento pede mais.

Do ex-presidente, além dos epítetos que só fazem crescer o Pokémon bolsonarista (fascista, genocida), só se a negação da privatização da Eletrobrás, tema tão candente.

Isso para não falar na "nossa Petrobrás", cujos efeitos do amor de petistas e aliados é sabido na casa dos bilhões de reais — e não, isso não foi perdoado ainda pela Justiça.

Eis o desenho político do Brasil neste feriado em pleno domingo: esvaziado de interesse real da população, polarizado à direita e envelhecido à esquerda, para cada um cantar sua vitória no Twitter.

Ramuth e França abrem sabatinas Folha/Uol em São Paulo

SÃO PAULO O ex-governador de São Paulo Márcio França (PSB) será o primeiro pré-candidato ao Palácio dos Bandeirantes a participar das sabatinas promovidas pela Folha e pelo UOL.

O evento ocorrerá na próxima segunda-feira (2), às 10h e será transmitido nos sites dos veículos.

Também na segunda, às 16h, a conversa será com Felício Ramuth (PSD), ex-prefeito de São José dos Campos.

As sabatinas serão ao vivo, e cada candidato terá direito a 60 minutos de fala.

Estão confirmadas as participações nesta semana dos pré-candidatos ao governo paulista Abraham Weintraub (PMB), Elvis Cézar (PDT), Rodrigo Garcia (PSDB), Vinicius Poit (Novo), Altino de Melo (PSTU), Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Fernando Haddad (PT).

O ex-prefeito paulistano Fernando Haddad lidera a corrida para o governo do estado, segundo a última pesquisa do Datafolha. O petista tem 29%, França tem 20%, o ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio de Freitas, 10%, e o governador Rodrigo Garcia (PSDB), 6%.

Abaixo, vêm o ex-prefeito de São José dos Campos Felício Ramuth (PSD) e o deputado federal Vinicius Poit (Novo) com 2%, empatados no limite da margem de erro da pesquisa (dois pontos para mais ou para menos), e o ex-ministro da Educação Abraham Weintraub (PMB) e o metroviário Altino Junior (PSTU), com 1%.

Além das sabatinas com os pré-candidatos ao Governo de São Paulo, ocorrerão conversas com pré-candidatos dos governos de Minas Gerais, Rio, Bahia, Paraná, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará.

A **Folha** e o UOL já realizaram a primeira série de sabatinas com presidenciáveis. Ainda estão previstos debates com candidatos à Vice-Presidência e ao Senado e sabatinas presenciais no segundo turno.

Os debates terão duração de uma hora e meia, sem intervalo. Cada candidato terá um banco de tempo.

Nesse modelo, o participante começa com um saldo de minutos para falar, que vai sendo descontado ao longo do programa até chegar a zero.

Os debates presidenciais ocorrerão às 10h do dia 22 de setembro e, em caso de segundo turno, no dia 13 de outubro, também às 10h. Já o debate com os candidatos à Vice-Presidência será no dia 29 de setembro.

Sabatinas com pré-candidatos ao Governo de SP

- **Márcio França (PSB)** 2/5, às 10h
- **Felício Ramuth (PSD)** 2/5, às 16h
- **Abraham Weintraub (PMB)** 3/5, às 10h
- **Elvis Cézar (PDT)** 3/5, às 16h
- **Rodrigo Garcia (PSDB)** 4/5, às 10h
- **Vinicius Poit (Novo)** 4/5, às 16h
- **Altino Junior (PSTU)** 5/5, às 10h
- **Tarcísio de Freitas (Republicanos)** 6/5, às 10h
- **Fernando Haddad (PT)** 6/5, às 16h
- **2º turno** de 17 a 21/10

Pastores criticam comunismo e Anitta para tentar vender Bolsonaro a jovens

Líderes evangélicos intensificam agenda política em templos de olho em eleitores adolescentes

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Quando não está jogando bola ou fazendo um vídeo para o TikTok, Jean, 15, gosta de adorar a Deus e ouvir sermões bíblicos. Acha Silas Malafaia "maneiro", bem mais do que o "pastor velho" que prega na denominação batista da mãe, daí ter passado a frequentar a igreja do maior canhão bolsonarista no segmento evangélico hoje.

"Aprendi muito hoje", diz na saída do Imersão Amplitude, evento criado pela juventude da Assembleia de Deus Vitória em Cristo para discutir política com fiéis que muitas vezes ainda nem têm idade para tirar o título de eleitor.

Ele terá. Completa 16 anos, idade mínima para tanto, um mês antes da eleição.

O adolescente que mal havia deixado a infância quando Jair Bolsonaro (PL) chegou ao poder diz que saiu do encontro, realizado em fevereiro na sede da igreja carioca, convencido de que sua geração precisa agir, e logo, para evitar um regime comunista no Brasil. Não sabe explicar direito o que seria isso, mas acha que tem a ver com a liberação de drogas e a permissividade no sexo.

Jean nem sabia que já poderia votar neste pleito. Agora sabe.

Alguns dos líderes evangélicos mais populares do Brasil têm intensificado a agenda política em seus templos, de olho nessa faixa etária. A Folha mostrou que, a menos de um mês do prazo para emitir o título de eleitor, apenas 17% dos adolescentes de 16 e 17 anos haviam se cadastrado. Ir às urnas só é obrigatório depois dos 18.

O clamor para que essa turma não deixe de votar aparece num vídeo que anda circulando pela "crentenet", a fauna virtual voltada a evangélicos, tal qual apelidada por um amigo que acompanhava Jean.

"Jovens cristãos influentes fazendo um contraponto a Anitta", escreve Malafaia após disparar o conteúdo para suas listas no WhatsApp. A zanga com a cantora, uma das mais populares do país, deve-se aos duelos públicos que ela vem travando com Bolsonaro e seus asseclas.

Apertado o play, começa o fluxo que tinge de religiosidade o ringue político. São depoimentos costurados sob uma trilha sonora dramática: "Esses artistas estão usando a sua inocência para articular seus planos maléficos esquerdistas", "não se renda ao discurso bonito da internet", "nós somos o futuro da nação, e Deus nos convoca para essa guerra espiritual" etc.

O vídeo fecha com "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos", o slogan do bolsonarismo.

O ex-presidente Lula (PT), potencial rival de Bolsonaro, não é nominalmente citado, mas lá está ele. "Não permita que o que já nos fez sofrer volte ao poder", diz o pastor André Valadão, da Igreja Batista da Lagoinha, um nome particularmente pop na garotada evangélica.

Deputada evangélica Ana Caroline Campagnolo em evento conservador Bruno Santos - 12.out.19/Folhapress

Valadão fala a língua dos jovens. Faz sucesso com a caixa de perguntas e respostas que abre em suas redes sociais. Há muitas banalidades, como o seguidor que quer saber se é pecado comer sushi ("claro que não, se deixar, eu como uma baleia crua"), ou a seguidora que cogita divórcio porque o marido se recusa a tratar uma disfunção erétil ("é pecado, você casou na enfermidade e na saúde, tá?").

De um aparelho de musculação da academia, respondeu que o fiel disposto a comemorar o alcance global de Anitta "não é crente, não, gente, pelo amor de Deus".

Valadão incentiva abertamente o engajamento político dos cinco milhões de seguidores que acumula só no Instagram. Questionado se seria "bolsominion", rebate: "Uma coisa eu sou: contra o socialismo, o comunismo e esse petismo da desgrama aí". Pede em seguida que votem em deputados de direita.

Em janeiro, recebeu na sua igreja em Orlando (EUA), onde está sediado, o ministro Fábio Faria (Comunicações) e o blogueiro Allan dos Santos, foragido da política brasileira. Tema do encontro: fé e política. Uma das frases de efeito ali proferidas pelo pastor: "A Bíblia não é um travesseiro pra gente deitar, é uma espada pra gente guerrear".

No fim daquele mês, Valadão recepcionou no mesmo púlpito o caçula dos três filhos políticos do presidente. "Eduardo Bolsonaro, vem cá, precioso, querido".

O deputado do PL-SP foi e aproveitou o espaço dado para sovar um alvo preferencial da direita aliada a Bolsonaro. "O comunismo é uma bactéria esperando o sistema imunológico e suas defesas baixarem para voltar", disse.

O vereador Nikolas Ferreira (PL-MG) participou do primeiro encontro promovido por Valadão e depois esteve no Amplitude, de Malafaia. Junto com a deputada estadual Ana Caroline Campagnolo (PL-SC), é uma das estrelas da juventude bolsonarista.

Ele tem 25 anos e estudou na PUC mineira. Ela, hoje com 31, frequentou uma universidade pública em Santa Catarina. Os dois se destacaram, no início da carreira política, pelas críticas a um suposto monopólio da esquerda nas faculdades, que moeria todo e qualquer estudante afeito a valores conservadores. Defendem o Escola Sem Partido.

No telão da igreja, duas imagens: uma feminista pisando em cima de uma cruz e "Satã reina" pichado na porta de um banheiro de universidade pública. É uma covardia o que fazem com gente como ela, reclama Campagnolo, autointitulada antifeminista. Conta que era a única cristã numa turma de 30 alunos. Aí já viu. "Esses ambientes estão filtrando e dominando hegemonicamente o pensamento."

A deputada ainda questionaria por que muitas mulheres se queixam de dupla jornada, no trabalho e depois em serviços domésticos. "Cuidar da sua família é humilhante?"

Humilhação, para quase todos que palestraram no evento, seria permitir a volta da esquerda ao poder.

Fux, do STF, suspende eleição indireta em Alagoas que opõe aliados de Lira e Renan

José Matheus Santos

RECIFE O presidente do STF (Supremo Tribunal Federal), Luiz Fux, suspendeu neste domingo (1º) a eleição indireta para governador de Alagoas. O pleito estava previsto para esta segunda-feira (2) na Assembleia Legislativa.

A eleição opõe aliados do senador Renan Calheiros (MDB) e do presidente da Câmara, o deputado federal Arthur Lira (PP).

Em abril, Renan Filho (MDB) renunciou ao cargo de governador para ficar apto à disputa do Senado em outubro.

O primeiro da linha sucessória seria Luciano Barbosa (MDB), eleito vice-governador em 2018, mas ele virou prefeito de Arapiraca, maior cidade do interior do estado, nas eleições municipais de 2020.

Sem vice, a titularidade do governo provisório seria do presidente da Assembleia, Marcelo Victor (MDB). No entanto, o parlamentar preferiu não assumir o governo tampão para não ficar inelegível para a disputa por uma cadeira no Legislativo em outubro.

Desde 2 de abril, quem está à frente do Governo de Alagoas é o presidente do Tribunal de Justiça do estado, desembargador Klever Loureiro.

Fux atendeu a um pedido do PSB, partido comandado em Alagoas pelo prefeito de Maceió, João Henrique Caldas, conhecido como JHC e opositor dos Calheiros.

O PSB havia questionado o fato de a votação para governador e vice estar prevista para acontecer de forma separada, uma para cada cargo.

Além disso, a votação será aberta entre os deputados, segundo o edital da Assembleia. Para a sigla, a regra viola a confidencialidade do voto e é incompatível com a Constituição.

Ao suspender a eleição indireta, Fux definiu que a sua decisão é válida até que o ministro Gilmar Mendes decida sobre uma ação do PP, partido de Arthur Lira, com pedido semelhante.

Não há prazo para que Gilmar tome uma decisão, mas a expectativa nos dois lados da disputa alagoana é que o magistrado se manifeste até a manhã desta segunda.

Antes mesmo da eleição indireta, a batalha pelo governo alagoano se dá nos tribunais.

Isso começou na quarta (27), quando a primeira instância da Justiça de Alagoas suspendeu o pleito, mas, dois dias depois, a medida foi derrubada pelo presidente em exercício do Tribunal de Justiça, desembargador José Carlos Malta Marques, atendendo a um recurso da Procuradoria-Geral do Estado.

No sábado (30), o PSB recorreu ao Superior Tribunal de Justiça, mas a decisão do TJ de Alagoas foi mantida pelo ministro Jorge Mussi, vice-presidente do STJ. Restou ao PSB recorrer ao STF, o que aconteceu no domingo.

O PP foi ao Supremo com pedido semelhante na madrugada do domingo —esse é o pedido relatado por Gilmar Mendes, que deve ter a palavra final sobre o caso.

Independentemente da data, a escolha do novo chefe do Executivo será indireta. Ou seja, os 27 deputados estaduais definirão quem ficará à frente do Palácio República dos Palmares até dezembro.

Para o pleito indireto, apoiadores do ex-governador Renan Filho já estão articulados para eleger o deputado estadual Paulo Dantas (MDB).

Para isso, basta maioria simples dos votos entre os deputados. Como o MDB tem 15 dos 27 parlamentares, a vitória é dada como certa. O acordo de bastidor também prevê que ele dispute a reeleição em outubro, pelo voto popular.

No entanto a oposição não deixará de marcar presença na eleição indireta. O deputado estadual Davi Maia (União Brasil) é o oposicionista mais viável eleitoralmente no plenário da Casa. Davi tem o apoio do senador Rodrigo Cunha (União Brasil) e de aliados do presidente da Câmara Federal, Arthur Lira (PP).

Outro que concorrerá é o deputado estadual Cabo Bebeto (PL), apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Praticamente certa da derrota no Parlamento, a oposição partiu para questionar na Justiça o trâmite da votação na Assembleia alagoana.

Em conversas reservadas, os opositores realçam os argumentos jurídicos, mas frisam que, quanto mais a eleição demorar, pior pode ser a situação para Paulo Dantas. Isso porque, se eleito, ele teria menos tempo para inaugurar ou ordenar obras como governador.

A lei eleitoral limita a ação de chefes do Executivo a partir de julho para evitar desequilíbrio na campanha eleitoral.

Desde o início da batalha judicial na quarta, Renan Calheiros e Renan Filho têm feito publicações nas redes sociais em provocação a Arthur Lira. Eles acusam o presidente da Câmara de tentar um "golpe". Já Lira diz que há uma narrativa do senador e afirma que defende "a transparência e o rito jurídico legal".

Principais candidatos na eleição indireta

Paulo Dantas (MDB)
deputado estadual e aliado de Renan Filho (ex-governador)

Davi Maia (União Brasil)
deputado estadual, é o candidato da oposição

Cabo Bebeto (PL)
deputado estadual e apoiador de Bolsonaro

Jair quer criar Exércentrão

Militares aceitam ser arma do latrocínio que Bolsonaro comete diariamente?

Celso Rocha de Barros

Servidor federal, é doutor em sociologia pela universidade de Oxford (Inglaterra)

Daniel Silveira é o novo vice-presidente da comissão de Segurança da Câmara. Ganhou o cargo como recompensa porque ameaçou de morte os ministros do STF, foi condenado à cadeia e perdoado pelo presidente da República.

O que entusiasmou seus colegas de Parlamento foi o precedente jurídico que o caso Silveira estabeleceu: de agora em diante, está decidido que presidentes podem soltar aliados condenados pela Justiça.

O STF não reagiu à provocação do presidente da República porque teme que as Forças Armadas deem um golpe de Estado em apoio a Bolsonaro. Ninguém tem medo do Jair. O medo é do Exército. Como se viu no último 7 de Setembro, quando o Exército não aparece para brigar por ele, Jair se senta no chuveiro e chora.

Ou seja: as Forças Armadas garantiram que, daqui em diante, presidentes possam soltar deputados condenados pela Justiça. Bonito, isso.

É coisa muito comum nas democracias mais consolidadas. Na Suíça, por exemplo, sempre que um psicopata quer matar ministros da Suprema Corte, os militares invadem o Parlamento e colocam ele na presidência de alguma comissão. No Canadá, mesma coisa, não passa semana sem que alguém que quer agredir a Suprema Corte seja libertado da cadeia pelos chefes das Forças Armadas.

O hino do Exército alemão começa com "Fascista do bumbum sarado/Fomos na cana soltar/Pra que no orçamento secreto/O centrão nos deixe entrar". A métrica se perde um pouco na tradução.

Falando sério, é uma vergonha que as Forças Armadas aceitem ser a arma que Bolsonaro aponta para o Brasil para cometer seus crimes.

Acabar com a crise institucional seria facílimo. Bastaria que os chefes das Forças Armadas publicassem o seguinte comunicado: "Caro Jair: se você tentar um golpe, a gente vai te matar. Forte Abraço, Forças Armadas Brasileiras".

Mas não.

No governo Bolsonaro, pela primeira vez em nossa história, os chefes das Forças Armadas renunciaram coletivamente em protesto contra o presidente da República.

Segundo o ex-ministro da defesa Raul Jungmann, Bolsonaro havia ordenado à Força Aérea que sobrevoasse o STF para quebrar os vidros do prédio. Se os próprios oficiais que renunciaram tivessem contado isso ao público, Bolsonaro teria sofrido impeachment. Por que não contaram?

Imagino que os militares não sejam todos golpistas. Se fossem, o 7 de Setembro de 2021 teria dado certo. Não deu. Nenhum militar apareceu. Isso é excelente.

Mas também é óbvio que há uma facção de desertores nas Forças Armadas que apoia o golpe de Bolsonaro, ou, ao menos, tem interesse em se deixar usar como ameaça sempre que Bolsonaro comete um crime.

Nesse caso, o Brasil, e as próprias tropas, precisam saber de que lado da briga os militares bolsonaristas estão entrando. Bolsonaro matou Maracanãs inteiros durante a pandemia, matou a Lava Jato, montou o orçamento secreto, fez a festa do centrão e agora consagrou o perdão presidencial a políticos condenados, sempre sacudindo os militares como ameaça na frente das instituições.

Os militares bolsonaristas aceitam ser a arma do latrocínio que Bolsonaro comete diariamente contra o Brasil? Aceitam ser fiadores do orçamento secreto?

Esse é o papel que Bolsonaro lhes deu. Se continuar bolsonarista, o Exército logo se chamará Exércentrão.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | SEG. Celso R. de Barros | **TER. Joel Pinheiro da Fonseca** | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Ciro Gomes (PDT) durante gravação de sua live semanal nas redes sociais Mathilde Missioneiro - 22 fev 22/Folhapress

Polarização dificulta formar palanques para Ciro Gomes

Mesmo no Nordeste estados estão inclinados a apoiar Lula ou Bolsonaro

Danielle Brant

BRASÍLIA A manutenção do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e do presidente Jair Bolsonaro (PL) isolados no topo das pesquisas de intenção de voto é um dos principais entraves encontrados por Ciro Gomes, pré-candidato do PDT, para montar palanques no país.

Ciro se mantém consistentemente em terceiro lugar na disputa presidencial. Nas duas últimas pesquisas de intenção de voto divulgadas pelo Datafolha, o presidenciável aparecia em empate técnico com Sergio Moro (União Brasil).

A quase certa saída do ex-juiz da disputa, no entanto, terá pouco impacto para o pedetista —a maior parte dos votos migra para Bolsonaro.

Sem conseguir se aproximar de Lula e Bolsonaro, que, juntos, têm cerca de 70% das intenções de votos, Ciro tenta assegurar alianças em estados com maior número de eleitores, mas esbarra em resistência. Isso porque para alavancar a campanha, pré-candidatos a governos e cargos eletivos federais e estaduais buscam atrelar seus nomes aos dos dois primeiros colocados.

Isso acaba gerando dúvidas até em palanques em que o PDT considerava o apoio praticamente assegurado, como é o caso de Minas Gerais. No estado, o PSD de Gilberto Kassab lançou o ex-prefeito de Belo Horizonte Alexandre Kalil como pré-candidato ao governo.

Em fevereiro, Ciro esteve na capital mineira quando o PSD ainda tinha o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (MG), como pré-candidato à Presidência. Na visita, o pedetista expressou respeito à decisão do partido de Kassab de apostar em um nome próprio, mas não deixou de fazer acenos ao ex-prefeito de BH.

No mês seguinte, Pacheco desistiu da corrida presidencial. Desde então, o PSD não preencheu a vaga de presidenciável —e existe uma possibilidade grande de que isso não aconteça e de que o partido libere os diretórios para montar seus palanques.

Enquanto isso não se confirma, Kalil tem se aproximado de Lula —a avaliação é de que o apoio do petista o tornaria mais competitivo contra o atual governador, Romeu Zema (Novo). Há um entrave, porém: a intenção do PT de lançar o deputado federal Reginaldo Lopes ao Senado. O PSD quer Alexandre Silveira para a vaga.

No Rio de Janeiro, o PDT lançou o nome de Rodrigo Neves, ex-prefeito de Niterói, para o governo do estado. O retrato é bem parecido com a disputa nacional: ele aparece em quarto em um cenário com o ex-governador do Rio Anthony Garotinho (União Brasil) e em terceiro em simulação sem o político tradicional.

A diferença maior que tem [em relação a 2018] é que hoje tem um fundo eleitoral mais forte e muito concentrado [hoje, o maior é o do União Brasil]

Carlos Lupi
presidente do PDT

No estado, Ciro também negocia o apoio do PSD, que lançou o ex-presidente da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil) Felipe Santa Cruz para a disputa ao Palácio Guanabara. A articulação para formação de palanque é centralizada no prefeito do Rio de Janeiro, Eduardo Paes, presidente do diretório estadual do partido.

Inicialmente, Neves e Santa Cruz formariam uma chapa, mas a disputa em torno de quem encabeçaria a parceria acabou afastando a possibilidade.

Em São Paulo, maior colégio eleitoral do país, o PDT oficializou o nome de Elvis Cezar, ex-prefeito de Santana de Parnaíba, para a disputa do governo do estado. Elvis foi filiado ao PSDB por 19 anos.

O nome dele, por enquanto, não foi testado em nenhuma pesquisa tradicional —a do Datafolha divulgada em abril não fez simulações com o pedetista. Alguns levantamentos, no entanto, indicam que o pré-candidato teria 1% das intenções de voto.

No Nordeste, segunda região com maior número de eleitores do país, atrás do Sudeste, a situação de Ciro também é complicada. Mesmo no Ceará, base eleitoral do pedetista, há disputas internas envolvendo a formação do palanque do ex-ministro da Fazenda.

O estado registra uma disputa interna pela cabeça de chapa para a eleição de outubro ao governo, como mostrou a Folha. Os mais cotados para ocupar a posição são o ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio (PDT) e a governadora Izolda Cela (PDT), que assumiu o Palácio da Abolição no dia 2 de abril após a renúncia de Camilo Santana (PT) para disputar o Senado.

A governadora teria o apoio do PT de Lula. Caso o nome escolhido seja o do ex-prefeito de Fortaleza, o partido poderia lançar candidatura própria, fortalecendo o palanque de Lula no estado —pelo acordo, o PDT disputaria o governo e, na mesma aliança, o PT lançaria Camilo Santana ao Senado.

Na Paraíba, o PDT enfrenta uma crise que culminou com uma intervenção no diretório estadual, que era comandado pela família Feliciano. A migração do deputado federal Damião Feliciano para a União Brasil fez com que o partido de Carlos Lupi retirasse Renato Feliciano, filho do parlamentar, da presidência da direção estadual.

Até então, o nome do PDT ao governo do estado era o da vice-governadora da Paraíba Lígia Feliciano, mulher de Damião. O episódio, porém, gerou incerteza em relação à manutenção da pré-candidatura da política. Mesmo sem a controvérsia o palanque já era frágil: o líder nas pesquisas de intenção de voto é o atual governador, João Azevêdo (Cidadania), que manifesta apoio público a Lula.

Um dos palanques mais fortes que o pedetista pode ter no país é a Bahia, onde o ex-prefeito de Salvador ACM Neto (União Brasil) se inclina a apoiar Ciro. Um respaldo mais explícito, porém, só seria dado após o fim das conversas para construção de uma candidatura única na terceira via —a data oficial é 18 de maio.

Até lá, a União Brasil ainda trabalha o nome do presidente do partido, Luciano Bivar, para compor uma chapa no autodenominado "centro democrático".

No Sul, o PDT busca palanque próprio no Rio Grande do Sul. A ideia é lançar o presidente do Grêmio, Romildo Bolzan, ao governo do estado. Em simulações, ele aparece em terceiro nas pesquisas de intenção de voto. No Paraná, o partido estuda candidatura ao Senado.

Já na região Norte, há uma aliança com a família Barbalho para compartilhar o palanque no Pará com o MDB, que tem como pré-candidata a senadora Simone Tebet. No Amazonas, a defensora pública Carol Braz é o nome do partido para a disputa ao governo do estado, mas aparece distante dos líderes nas pesquisas, o ex-governador Amazonino Mendes (Cidadania), o atual governador, Wilson Lima (União Brasil) e o senador Eduardo Braga (MDB).

O presidente do PDT minimizou a relevância da polarização no país na formação dos palanques de Ciro. "A diferença maior que tem [em relação a 2018] é que hoje tem um fundo eleitoral mais forte e muito concentrado [hoje, o maior é o do União Brasil]", disse. Com isso, o partido tem mais recursos para injetar na campanha eleitoral, além do maior tempo de TV.

Na avaliação de Carlos Lupi, o momento ainda é de negociações e de espera. "Todo mundo vai decidir perto das convenções", disse. "Quanto mais partidos não têm candidatos, o tempo de televisão nacional majoritário é novamente dividido proporcionalmente a quem tiver, o que acaba ajudando."

Segundo ele, o apoio de ACM Neto a Ciro na Bahia é garantido. "Já tem esse compromisso de fazer palanque para o Ciro. Pode ser único ou não, a depender das alianças", afirmou. Lupi disse ainda que no Rio de Janeiro e em Minas as conversas prosseguem.

"Em Minas o Kalil tem uma relação muito boa com o Ciro, de muitos anos. E na questão do Eduardo [Paes] é muito parecida. O Eduardo inclusive já declarou voto para o Ciro."

O líder da Ucrânia, Volodimir Zelenski, em destaque, à dir., em encontro com a presidente da Câmara dos EUA, Nancy Pelosi, em Kiev Presidência da Ucrânia via AFP

Pelosi faz visita surpresa a Kiev, em novo aceno dos EUA contra a Rússia

Após reunião com Zelenski, líder da Câmara afirma que americanos apoiarão a Ucrânia 'até a vitória'

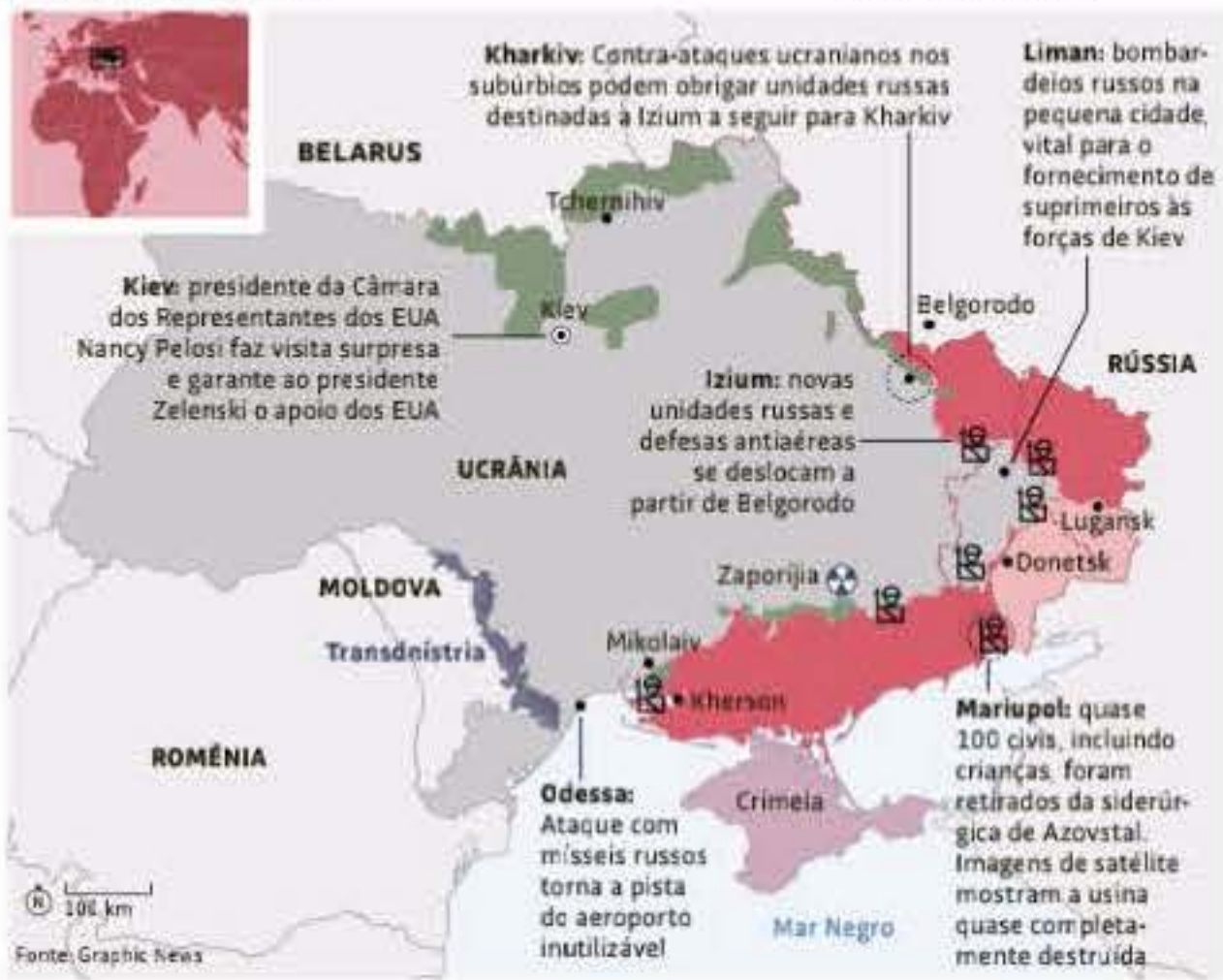
KIEV E BEZIMENNE | AFP E REUTERS Em um novo aceno dos EUA contra a Rússia, a presidente da Câmara de Representantes dos EUA, Nancy Pelosi, reuniu-se com o líder da Ucrânia, Volodimir Zelenski, durante uma visita surpresa a Kiev neste domingo (1º). Trata-se da mais alta autoridade política americana a viajar para a nação ora invadida desde o início da guerra contra a Rússia.

"Agradeço aos EUA por ajudarem a proteger a soberania e a integridade territorial do nosso Estado", escreveu Zelenski no Twitter, numa mensagem junto com um vídeo que mostra ele recebendo a delegação dos EUA na entrada da Presidência em Kiev.

Em nota, a delegação americana, que depois viajou ao sudeste da Polônia e para Varsóvia, afirmou ter realizado a visita "para enviar uma mensagem inequívoca e retumbante ao mundo: os EUA estão com a Ucrânia". "Um apoio adicional americano está a caminho", destacaram os legisladores, dizendo que "vão converter a demanda de financiamento do presidente [Joe] Biden em um pacote legislativo".

A passagem por Kiev foi mantida em segredo até que a missão retornasse à Polônia, onde Pelosi e os parlamentares realizaram uma entrevista coletiva, prometendo apoiar a Ucrânia "até a vitória". A democrata também condenou a "invasão diabólica" liderada pelo líder russo, Vladimir Putin.

Em uma dramática escalada dos esforços dos EUA contra a Rússia, Biden pediu na quinta (28) US$ 33 bilhões (cerca de R$ 166,6 bilhões) ao Congresso americano em ajuda à Ucrânia. A ampla solicitação de financiamento inclui mais de US$ 20 bilhões (R$ 100,7 bilhões) para armas, munições e outros tipos de assistência militar e US$ 8,5 bilhões (R$ 42,8 bilhões) em ajuda econômica direta ao governo em Kiev, além de US$ 3 bilhões (R$ 15,1 bilhões) para auxílio humanitário e alimentar.

A Rússia, que já havia alertados os EUA a "não continuarem testando a paciência" de Moscou, numa referência à visita a Kiev dos secretários de Estado, Antony Blinken, e de Defesa, Lloyd Austin, afirmou neste sábado (30), por meio de seu chanceler, Serguei Lavrov, que, se Washington e outros aliados da Otan estiverem realmente interessados em resolver o conflito, devem parar de enviar armas para a Ucrânia.

A declaração do ministro das Relações Exteriores da Rússia parece ter sido respondida por Pelosi neste domingo, quando ela disse que não seria dissuadida por ameaças do Kremlin em torno do fornecimento das armas necessárias para a Ucrânia vencer. "Não se intimide pelos intimidadores."

Durante a passagem pela Ucrânia, Blinken e Austin anunciaram o retorno progressivo da presença diplomática americana no país e uma ajuda adicional, direta e indireta, de mais de US$ 700 milhões.

Ainda que Biden e parceiros ocidentais tenham insistido reiteradamente que não participariam diretamente da guerra, devido ao risco de a disputa descambar para o uso de armas nucleares, no segundo dia do conflito já havia uma engrenagem de ajuda militar em curso. Ela já superou os US$ 7 bilhões, quase o dobro do orçamento de defesa anual de Kiev, US$ 3,7 bilhões só dos Estados Unidos.

Os movimentos mais incisivos de Biden na Guerra da Ucrânia ocorrem num momento em que ele tem apenas 41,7% de aprovação, segundo o site americano de estatísticas FiveThirtyEight, e em que a eleição de meio de mandato nos EUA, em novembro, aproxima-se. No pleito, os democratas colocam em jogo a estreita maioria que mantêm no Congresso.

Na Praça de São Pedro para a bênção dominical, o papa Francisco disse que Mariupol foi "barbaramente bombardeada e destruída" numa guerra que chamou de "regressão macabra da humanidade".

Em uma demonstração prática de sua retórica contra a ajuda ocidental a Kiev, o Ministério da Defesa russo afirmou neste domingo ter conduzido um ataque com mísseis contra um aeródromo militar perto da cidade portuária de Odessa, destruindo uma pista e um hangar com armas e munições fornecidas pelos EUA e por países europeus.

No sábado, a Ucrânia já havia dito que mísseis russos derrubaram uma pista recém-construída no principal aeroporto local —não ficou claro se as autoridades ucranianas estavam se referindo ao mesmo incidente, e a agência de notícias Reuters não pôde verificar imediatamente as afirmações.

Moscou voltou seu foco na guerra para o sul e para o leste da Ucrânia depois de não conseguir capturar Kiev. Em março, as forças russas capturaram Kherson, cidade 100 km ao norte da Crimeia, anexada pela Rússia em 2014, e desde então ocuparam Mariupol.

O tempo melhorou na região do Donbass, o leste russófono ucraniano objeto de ofensiva de Moscou. A previsão para dez dias indica ausência da chuva que vinha atrapalhando os russos nas ações em campo aberto, com elevação da temperatura que pode solidificar caminhos hoje enlameados.

Com informações do New York Times

67º dia de incursões da Rússia na Ucrânia

- Reivindicado por separatistas, mas sob domínio ucraniano
- Sob domínio dos separatistas e agora reconhecidas por Moscou
- Ocupado por tropas russas
- Contra-ataque ucraniano
- Anexada pela Rússia em 2014
- Maior usina nuclear da Europa
- Cidades sitiadas
- Combates intensos

Quase cem civis são retirados de usina em Mariupol, diz Zelenski

Um comboio de quase cem civis foi retirado neste domingo dos bunkers da siderúrgica Azovstal, na portuária Mariupol, depois de as Nações Unidas e a Cruz Vermelha liderarem um acordo para aliviar o cerco mais destrutivo da Guerra da Ucrânia até aqui.

Sob ataque há quase dois meses, a cidade se transformou numa espécie de terreno baldio, com número desconhecido de mortos e milhares de pessoas tentando sobreviver sem água nem comida.

"Começou a retirada de civis de Azovstal. O primeiro grupo de quase cem civis já está a caminho de uma área controlada. Amanhã nos reuniremos com eles", escreveu Zelenski no Twitter. Os resgatados foram levados ao vilarejo de Bezimenne, área de Donetsk sob controle de separatistas apoiados pela Rússia.

Mariupol está sob controle russo, mas alguns combatentes e civis se abrigaram no subsolo da siderúrgica da era soviética, fundada sob Josef Stálin e projetada como um labirinto de bunkers e túneis para resistir a ataques. Natalia Usmanova, 37, que foi retirada dali, conta ter vivido dias de terror.

"Quando o bunker começou a tremer, fiquei histérica. Minha preocupação era que [o local] desabasse", afirmou ela, que também se lembrou da falta de oxigênio nos abrigos e do medo que tomou conta de todos. "Você não pode imaginar o que passamos, o terror."

Quando o bunker tremeu, fiquei histérica. Minha preocupação era que desabasse. Você não pode imaginar o que passamos, o terror. Morei lá, trabalhei lá toda a minha vida, mas o que vimos lá foi terrível

Natalia Usmanova, 37
funcionária da usina Azovstal

Biden faz troça da oposição, de si mesmo e dos democratas em evento da mídia

Rafael Balago

WASHINGTON O presidente dos EUA, Joe Biden, retomou neste sábado (30) uma tradição da política americana: fazer piadas sobre si mesmo no jantar da WHCA (Associação de Correspondentes da Casa Branca).

O evento, realizado desde os anos 1920, não ocorreu em 2020 e 2021, devido à Covid, e não teve a presença de Donald Trump durante o mandato dele. O último líder a ir ao jantar havia sido Barack Obama.

Biden começou o discurso fazendo piada com sua rejeição nas pesquisas de avaliação. "Estou animado de estar hoje com o único grupo com menor taxa de aprovação que eu", disse, referindo-se à imprensa.

O presidente também ironizou as dificuldades para aprovar projetos. "Esperava encarar oposição dura no Senado, mas pensei que isso viria dos republicanos. Não estou, porém, preocupado com as eleições de meio de mandato. Podemos ter mais impasses no partido, mas estou confiante que vamos resolver isso durante os seis anos que restam de mandato", brincou, como se estivesse com a reeleição garantida.

Sobre a oposição, fez graça com os embates do governo da Flórida com a Disney, contrária a uma lei estadual que veta conteúdos sobre gênero em escolas. "Ronald Reagan disse a Gorbatchov: 'Derrube este muro'. Hoje os republicanos dizem: 'Derrubem a casa do Mickey'. E logo vão atacar o castelo da Cinderela."

Depois, o democrata adotou tom mais sério ao falar da Guerra da Ucrânia e ressaltar a importância da imprensa. "Sempre acreditei que o bom jornalismo é um espelho para refletir o bom, o mau e a verdade."

Após o discurso do presidente, o humorista sul-africano Trevor Noah fez piadas com a imprensa, o presidente e a oposição. "Vocês gastaram os últimos dois anos dizendo a todos a importância de usar máscaras e evitar grandes aglomerações em lugares fechados. E quando alguém oferece um jantar, vocês se voltam para Joe Rogan", disse, citando o apresentador de podcast que minimizou a pandemia.

O evento reuniu cerca de 2.600 pessoas em um hotel em Washington. Foram tomadas precauções para tentar evitar contágios, como exigir teste de Covid com resultado negativo feito no mesmo dia e comprovante de vacinação. Apesar disso, Biden optou por ficar pouco tempo no local. Ele não participou do jantar e chegou na hora em que a sobremesa estava sendo servida.

Nas últimas semanas, houve vários casos de Covid na Casa Branca. A vice-presidente Kamala Harris anunciou ter sido contaminada, e, no começo de abril, Nancy Pelosi, presidente da Câmara dos Representantes, também disse ter sido infectada. As duas estavam vacinadas e não tiveram complicações.

O jantar dos correspondentes é realizado pela WHCA desde 1920. O dinheiro arrecadado com a venda de convites é usado para custear as atividades da entidade durante o ano e bancar bolsas de estudo. Desde 1924 os presidentes americanos costumam comparecer ao evento. O único a não ir foi Trump.

O ressurgimento do Brics

Desafio do bloco é atuar além da agenda militar russa

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

Comenta-se com ironia que a invasão da Ucrânia pela Rússia, motivada para avantajar Moscou e inaugurar uma nova era geopolítica, acabou reforçando o Ocidente. Entretanto, outro desdobramento surpreendente tem merecido menos atenção dos observadores: o ressurgimento do Brics.

Depois de festejarem os 20 anos do bloco melancolicamente no ano passado, os países-membros, Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul, pareciam prontos para seguir caminhos diferentes.

As ambições da China, cujo PIB cresceu 18 vezes desde 2001, criaram fricções dentro do grupo. Sob Narendra Modi, a Índia iniciou uma virada atlantista, pró-ocidental, com a entrada no Quad, o grupo de diálogo para a contenção de Pequim liderado por Washington. Inspirado pela loucura bolsonarista, o Brasil tentou se alinhar aos Estados Unidos de Trump e adotou uma violenta retórica anti-China.

Atormentada por uma crise doméstica, a África do Sul perdeu relevância dentro e fora da África. O mergulho de cabeça da Rússia na guerra poderia ter implodido o bloco. Mas o contrário aconteceu.

As explicações para a reação quase unissona do Brics diante do conflito entre Ocidente e Rússia vão além da solidariedade anti-imperialista e das articulações frenéticas do Kremlin para impedir seu isolamento.

Os outros membros, começando por China e Índia, viram no Brics o fórum mais apropriado para buscar o equilíbrio entre o apoio inevitável a Moscou e a preservação de sua integração com a economia global.

No novo mundo, caracterizado pelo acirramento entre superpotências, o bloco surgiu como um porto seguro do velho multilateralismo. Não por acaso, sua próxima cúpula, agendada para junho, será a mais escrutinada da última década.

Para o Brasil, que se encontra à deriva desde o fracasso da diplomacia bolsonarista, o regresso do Brics pode acelerar sua reinserção internacional.

Para tanto, a prioridade deve ser consolidar outras agendas além da delicada questão militar. Num momento em que a Índia sofre com uma onda de calor tirada de um livro de ficção científica, o aprofundamento da cooperação na luta contra a crise climática, além da organização em torno de polos de tecnologia e indústria, parece uma evidência.

Uma abordagem mais ambiciosa e inovadora seria vincular o desenvolvimento do Brics a outros mecanismos de integração prioritários ao Brasil. Na América do Sul, o projeto de moeda compartilhada apresentado por Fernando Haddad e Gabriel Galípolo nesta **Folha** *dialoga com a agenda de reorganização do sistema financeiro, prioridade absoluta da China na era das supersanções, e, ao mesmo tempo, atende ao desafio de reforçar o poder de negociação brasileiro perante os parceiros comerciais euroasiáticos.*

Também o futuro das relações entre Brasil e os países africanos, potências do agronegócio, será construído invariavelmente em torno da relação com a China e a Índia, que reúnem mais de 40% da humanidade. A próxima década deve confirmar que Pequim e Nova Déli serão os únicos países do Brics a realizarem a profecia de Jim O'Neill, criador do acrônimo, e a alcançarem o status de potência global. Cabe ao Brasil transformar a frustração em uma nova agenda estratégica.

| SEG. Mathias Alencastro | **QUI. Lúcia Guimarães** | SÁB. Tatiana Prazeres, Jaime Spitzcovsky

Manifestante no chão tenta se proteger de policial durante confronto em protesto do Dia do Trabalho, em Paris Alain Jocard/AFP

Atos e violência no 1º de Maio pressionam reeleito Macron

Cartazes com frases como 'aposentadoria antes da artrite' criticam líder francês

PARIS | REUTERS Milhares de pessoas participaram de protestos do feriado de 1º de Maio em toda a França neste domingo para pedir justiça social e melhores salários, além de pressionar o presidente reeleito Emmanuel Macron a abandonar os planos de aumentar a idade mínima para se aposentar no país.

A maioria dos atos foram pacíficos, mas em Paris agentes de segurança intervieram após manifestantes black blocs tentarem montar uma barricada em uma rua próxima à Praça da República, segundo a polícia.

Uma loja da rede de fast food McDonald's e uma imobiliária na praça Leon Blum também foram saqueadas, e as janelas de ambos os estabelecimentos, quebradas.

O custo de vida foi o principal tema da eleição e deve seguir como uma questão importante para o pleito legislativo, em junho, no qual o partido de Macron e seus aliados terão de vencer para conseguirem implementar suas políticas pró-mercado, incluindo o aumento da idade de aposentadoria de 62 para 65 anos.

Cerca de 250 manifestações foram organizadas em Paris e em cidades como Lille, Nantes, Toulouse e Marselha. Na capital, sindicatos participaram dos atos ao lado de políticos —a maioria dos quais de esquerda— e de ativistas contra a crise climática. Muitos dos que marcharam levavam cartazes como "aposentadoria antes da artrite", "aposentadoria aos 60 e preços congelados" e "fora Macron".

> Quanto mais forte for a mobilização neste 1º de Maio, mais seremos capazes de pressionar as políticas do governo
>
> **Philippe Martinez**
> líder da central sindical CGT

"Quanto mais forte for a mobilização neste 1º de Maio, mais nós seremos capazes de pressionar as políticas do governo", afirmou Philippe Martinez, líder CGT (Confederação Geral do Trabalho), antes do início dos atos. "O governo terá de lidar com o problema do poder de compra aumentando os salários."

Macron foi reeleito para um novo mandato de cinco anos à frente do Palácio do Eliseu ao derrotar a ultradireitista Marine Le Pen no segundo turno, realizado no domingo passado. O ultraesquerdista Jean-Luc Mélenchon, que ficou em terceiro na primeira volta, compareceu à marcha em Paris.

Ele quer unir a esquerda, incluindo os Verdes, para dominar o Parlamento e pressionar Macron, mas até agora esse arranjo não se concretizou. "Não faremos nenhuma concessão nas aposentadorias", afirmou Mélenchon. O candidato derrotado disse também manter esperanças de que um pacto para construir uma nova "união popular" da esquerda fosse acordado até a noite deste domingo.

Diferentemente de anos anteriores, Le Pen não colocou uma coroa de flores na estátua de Joana d'Arc, que o partido dela usa como símbolo nacionalista. Ela foi substituída pelo presidente interino do Reunião Nacional, Jordan Bardella, que disse que a derrotada está se preparando para as eleições legislativas.

Em um vídeo, Le Pen pediu a eleitores que apoiem quantos deputados de sua legenda forem possíveis em junho, o que, segundo ela, poderia proteger o poder de compra e evitar que Macron implemente "um projeto perigoso para a França e para o povo francês". O pleito ocorrerá em 12 e 19 de junho.

Cubanos vão às ruas no Dia do Trabalho pela 1ª vez em 3 anos

HAVANA | REUTERS E AFP Com bandeiras do país e cartazes com o rosto de Fidel Castro e entoando "Cuba vive e trabalha", a população da ilha caribenha foi às ruas do país para celebrar o Dia do Trabalho neste domingo, na primeira comemoração do tipo desde o início da pandemia de Covid.

Os participantes foram convocados pelo governo, que forneceu ônibus para levá-los até a Praça da Revolução, em Havana. Lá, o líder do regime, Miguel Díaz-Canel, e seu antecessor, Raúl Castro, ambos utilizando máscaras de proteção, acompanharam o desfile.

Trabalhadores do setor de saúde abriram o evento na capital, com bandeiras, faixas e frascos gigantes de papel que simulavam as vacinas Soberana e Abdala, desenvolvidas por cientistas locais contra a Covid.

Não foi divulgada, até a conclusão desta edição, a estimativa oficial da quantidade de participantes nas marchas. A ONG Cubalex, com sede em Miami, afirmou nesta semana que jornalistas independentes e ativistas foram avisados para não saírem de casa neste domingo. "Assim vive a ilha no Dia do Trabalho, precedida de dias de repressão", escreveu a organização em um post no Twitter.

+ Morre Ricardo Alarcón, por anos o 3º homem mais poderoso de Cuba

O ex-chanceler e ex-presidente da Assembleia Nacional morreu aos 84, no sábado. Ele teve papel crucial no acordo para acabar com o êxodo de cubanos pelo mar em 1994 e foi protagonista no retorno à ilha de Elián Gonzalez, à época com sete anos.

TODA MÍDIA | **Nelson de Sá**

nelson.sa@grupofolha.com.br

Bolsonaro obtém fertilizante e se oferece para voltar a Moscou

Ecoando por russos como Lenta, jornais turcos como Vatan noticiaram coletiva de seu ministro do exterior, retornando de viagem ao Brasil. Segundo ele, "Bolsonaro disse que está pronto para organizar uma visita conjunta a Moscou com importantes líderes de países, se o presidente Erdogan achar proveitoso".

O chanceler turco teria ouvido do presidente brasileiro: "Nós gostaríamos de contribuir com seus esforços". A Turquia vem reunindo russos e ucranianos, buscando acordo de paz. "Nós dissemos que voltaríamos a falar com eles", acrescentou o chanceler.

Segundo a Agência Brasil, Bolsonaro falou a agricultores em Uberaba (MG) que "mais de 30 navios com fertilizantes estão a caminho da Rússia para o Brasil, resultado da viagem" que fez em fevereiro a Moscou. "Nossa agricultura não para", teria dito.

A chinesa CCTV produziu extensa reportagem sobre a posição de Bolsonaro, de virtual apoio à Rússia, apesar da "pressão dos EUA". Ouve de Zhou Zhiwei, do Centro de Estudos Brasileiros da Academia Chinesa de Ciências Sociais, que "as razões da atitude são complexas e realistas".

Sublinha a importação de fertilizantes e as relações pouco "estáveis" com Washington e a União Europeia nos últimos três anos. Afastar-se da tradição diplomática brasileira de multilateralismo teria impacto negativo em sua reeleição, acrescentou Zhou.

A TV também ouviu do ex-ministro da Defesa Aldo Rebelo que "EUA e Otan ignoraram as preocupações de segurança da Rússia e avançaram para a atual situação caótica". E que "o Brasil continuará mantendo uma relação de respeito e cooperação com os EUA, mas não é relação exclusiva".

A REENCARNAÇÃO DE LULA Com o enunciado "O Brasil está pronto para a próxima encarnação do presidente Lula?", o Observer, edição de domingo do Guardian, se adianta em uma semana ao lançamento oficial da candidatura. Foi a Natal ouvir da governadora petista Fátima Bezerra ao criador do jingle da campanha de 1989, Hilton Acioli. Na versão do jornal inglês para os versos famosos: "Lula lá – a star is sparkling. Lula lá – the flourishing of hope". Avisa porém que "a missão de Lula pode ser mais dura do que progressistas esperavam".

EM AUDIÊNCIA, A GUERRA ACABOU?
Sites americanos como Mediaite, com a imagem acima, destacam que, 'conforme o interesse na Ucrânia diminui' nos Estados Unidos, em abril a Fox News colocou 12 programas no topo da lista de audiência —enquanto a CNN, concentrada na guerra, sofria 'o declínio mais dramático', com a sua primeira atração na lista aparecendo na 23ª posição

entrevista da 2ª

O jurista togolês Clément Nyaletsossi Voule, relator especial da ONU, em São Paulo Eduardo Knapp - 8.abr.22/Folhapress

Clément Nyaletsossi Voule, 51
Jurista nascido no Togo, na África Ocidental, foi apontado em 2018 como relator especial da ONU sobre a liberdade de reunião e de associação, cujo trabalho inclui eleições e oportunidades de participação política da sociedade. Antes, Voule foi secretário-geral da Anistia Internacional no Togo e diretor do programa africano do International Service for Human Rights (ISHR), em Genebra (Suíça)

Clément Nyaletsossi Voule

Crescente violência política no Brasil está matando a democracia

Em missão no país, relator da ONU afirmou que desinformação e ataques a direitos e dignidade restringem o espaço cívico no país

> “A ausência de conclusão do caso Marielle, quatro anos depois da execução de uma representante eleita, cria ambiente de impunidade e de medo. Sabemos que violações de direitos ocorrem, a questão é como o Estado e o Judiciário lidam com elas. O Brasil tem sistema de Justiça forte, mas que não entrega decisões em tempo razoável, e isso prejudica o acesso à Justiça

> Desacreditar o sistema eleitoral é abrir caminho para que as pessoas não aceitem os resultados. E o que acontece nesses casos? Pessoas podem usar violência. Enfraquecer o poder do voto, minando a própria democracia, coloca o país numa situação muito perigosa

POLÍTICA

Fernanda Mena

SÃO PAULO A crescente violência política —intensificada após o assassinato ainda não solucionado da vereadora Marielle Franco—, a proliferação de desinformação, o silenciamento da sociedade civil organizada, o processo de criminalização de movimentos sociais e o ataque a jornalistas e às populações tradicionais estão restringindo o espaço cívico no Brasil.

Para o relator especial da Organização das Nações Unidas (ONU) sobre a liberdade de reunião e de associação, Clément Nyatletsossi Voule, esses são vetores de uma crise que colocou a democracia brasileira a perigo.

Jurista nascido no Togo, na África Ocidental, Voule tem como mandato, entre outros, o monitoramento da garantia de acesso à Justiça e participação na vida pública, uma liberdade crucial para qualquer período de eleições e que parece estar especialmente ameaçada no Brasil de hoje.

"Eu condeno qualquer medida de restrição de participação social e política, como a restrição à consulta pública sobre políticas e processos decisórios, ilustrada pelo fechamento de 650 conselhos no país", aponta ele. "E também pelo excessivo uso da força durante protestos e operações policiais no Brasil. A falta de um protocolo público e unificado para as forças de segurança tem gerado violações de direitos humanos."

Para ele, a violência política no país tem um recorte racial e de gênero, incidindo de maneira mais contundente entre mulheres negras, em especial ligadas à comunidade LGBTQIA+. "Quando a participação política de qualquer pessoa coloca sua vida em risco é porque estão matando a democracia."

Voule esteve no Brasil, no início de abril, em missão de 12 dias. O período foi apertado para as visitas a comunidades de Salvador, Brasília, Rio e São Paulo. E para a agenda com autoridades do Judiciário e da Procuradoria, parlamentares e ministros, dentre os quais chamou a atenção a ausência da ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves.

Menos de duas semanas, no entanto, foram suficientes para o relator testemunhar a chegada ao Congresso de uma proposta presidencial de recrudescimento da lei antiterrorismo, que ameaça movimentos sociais, e a tentativa de censura à manifestação política de artistas durante o festival Lollapalooza.

*

A liberdade de expressão vem sendo evocada no Brasil para atacar pessoas, grupos e instituições. Quais são seus limites? Os limites são o da desinformação e o do respeito aos direitos e à dignidade dos outros. São aqueles providos pela Constituição e pelo direito internacional. A liberdade de expressão permite a você levantar preocupações e críticas a algo ou a alguém, mas não lhe dá a permissão de desinformar ou de atacar os direitos dos outros. Discursos de ódio violam liberdades e direitos fundamentais.

Pelo que eu vi no Brasil, há um movimento de desinformação e de ataque orquestrado ligado ao aumento no uso das mídias sociais. Essas são ferramentas utilizadas por 85% dos brasileiros e precisam ser usadas para a sociedade viver junto, porque elas expandem a nossa liberdade e o nosso espaço cívico.

Mas o uso que tem sido feito dessas ferramentas por algumas lideranças é algo perigoso. Elas são usadas para propagar desinformação contra certos grupos, indivíduos e instituições. E a desinformação é algo que destrói a democracia. Também estão sendo usadas para assediar e atacar a dignidade dos outros online, o que tem ocorrido com frequência contra jornalistas profissionais, em especial as mulheres que têm sido alvo de campanhas de difamação.

Qual é a responsabilidade das empresas de tecnologia neste cenário? Empresas têm responsabilidade e precisam investir em monitoramento de conteúdo, trabalhando em cooperação com sistemas de Justiça e autoridades locais para garantir que suas plataformas não sejam usadas contra a democracia e os direitos humanos. Também é obrigação de qualquer autoridade de Estado, incluindo o Judiciário, garantir que provedores de internet e de plataformas obedeçam às leis do país que estão de acordo com parâmetros internacionais. Eles precisam garantir que essas plataformas não serão usadas para enfraquecer a democracia.

Como você avalia o ataque a jornalistas hoje no país? A mídia é uma guardiã fundamental da democracia, responsável por informar da maneira mais imparcial possível e por revelar à arena pública as transgressões cometidas por governos e autoridades.

Ela também é essencial na cobertura de protestos porque registra uso excessivo da força e abusos cometidos por policiais ou por participantes de protestos. No Brasil, a imprensa também vem sendo acuada em atos e manifestações de alguns grupos, o que é lamentável. Quando a mídia é atacada e a liberdade de atuação dos jornalistas se restringe, perde a democracia, porque a livre circulação de informações fica comprometida.

Durante sua missão ao Brasil, o presidente Jair Bolsonaro propôs uma mudança na lei antiterrorismo, que vem sendo criticada por defensores de direitos humanos. Debati com as autoridades brasileiras. Ao ler a proposta [do presidente], alguém pode se perguntar: o Brasil está sob a ação de grupo terrorista? Existe no Brasil o medo que vemos em outros países que sofreram ataques terroristas de fato? Então, qual é o propósito dessa lei antiterrorismo?

Do meu ponto de vista, a partir do que li e do que ouvi nas comunidades, o propósito é o de criminalizar movimentos sociais. As emendas vão criar tensões com a sociedade civil e restringir o trabalho de organizações sociais.

Por que isso é problemático? Movimentos sociais são importantes em preservar direitos porque apontam para os desafios que as comunidades enfrentam e utilizam sua capacidade de mobilização como instrumento de pressão. Se elas são silenciadas, perde-se canal entre sociedade e autoridades e também um meio de denúncia a organismos internacionais.

O que você ouviu de autoridades e de comunidades no país? Autoridades se dividem: algumas reconhecem os problemas, outras os negam e há aquelas que dizem que minha percepção está equivocada. Sempre respondo que estou disposto a corrigir minha percepção a partir de evidências.

Nas comunidades, muitas pessoas levantaram problemas relacionados à impunidade, em especial nos casos que envolvem forças de segurança. Há tantos e tantos casos, um deles sendo o de Marielle Franco, que deteriorou o ambiente político. Com a aproximação das eleições, como fica a segurança dos candidatos?

O assassinato de Marielle Franco materializou um tipo de violência política que parece estar crescendo. Como isso interfere nas eleições? A ausência de conclusão do caso Marielle, quatro anos depois da execução de uma representante eleita, cria ambiente de impunidade e de medo. Sabemos que violações de direitos ocorrem, a questão é como o Estado e o Judiciário lidam com elas. O Brasil tem sistema de Justiça forte, mas que não entrega decisões em tempo razoável, e isso prejudica o acesso à Justiça.

Há muitas mulheres, especialmente afrodescendentes e LGBTQIA+, que estão entrando nessa campanha com medo por suas vidas, mas também com receio de sofrer o assédio digital a que muitas já foram submetidas. Se essas pessoas tiverem medo a ponto de desistirem do pleito, é porque estão matando a democracia. Estão impedindo as pessoas de participarem do processo e de exercerem suas liberdades fundamentais.

Então o Brasil está matando sua democracia? Diria que a democracia no Brasil está em crise. E é importante que o Estado olhe para esses casos e para esse ambiente de violência, intensificado pelo armamento da população. A lei que facilitou a compra de armas e munições colabora para esse ambiente de temor em torno das eleições.

O atual presidente tem levantado suspeitas infundadas sobre o sistema eleitoral brasileiro. De que maneira isso agrava o cenário? Estive nas cortes eleitorais e eles foram categóricos: não há evidência de qualquer falha ou fragilidade. Por outro lado, se o sistema perde a confiança das pessoas, elas podem não votar ou não reconhecer as eleições. Desacreditar o sistema é abrir caminho para que as pessoas não aceitem os resultados. E o que acontece nesses casos? Pessoas podem usar violência. Enfraquecer o poder do voto, minando a própria democracia, coloca o país numa situação muito perigosa.

Que tipo de perigo? O caso mais próximo é o dos EUA, onde houve uma crise recente ligada ao sistema eleitoral e um levante [que levou à invasão do Capitólio]. Não dá para comparar, mas as autoridades do Brasil precisam tomar medidas para prevenir possíveis consequências, ou ninguém estará a salvo. E a comunidade internacional pode ajudar o Brasil nisso. Se essa polarização seguir, observadores internacionais podem vir e monitorar o processo.

mercado

Para onde vai a cotação do dólar? Veja o que pensam especialistas

Volta a R$ 4,70 ou R$ 5,70 é considerada improvável; recomendação ao turista é comprar aos poucos

Clayton Castelani e Eduardo Cucolo

SÃO PAULO O dólar subiu quase 4% em abril, depois de ter caído 15% no primeiro trimestre. A oscilação reflete a mudança no humor dos investidores, que passaram a esperar um contexto mais difícil para o Brasil com o endurecimento do combate à inflação nos EUA e turbulências internas com a polarização da corrida eleitoral ao Planalto.

Analistas consultados pela Folha afirmam que dificilmente o dólar voltará a oscilar muito abaixo dos R$ 4,70 até o fim de 2022, conforme ocorreu no primeiro quarto do ano, embora os fundamentos para a formação da taxa de câmbio —tais como as paridades entre países quanto ao comércio exterior, poder de compra e a relação entre juros e inflação— pudessem sustentar essa cotação por mais tempo.

Em contrapartida, eles consideram que há pouco espaço para nova escalada ao patamar de R$ 5,70, como no início do ano. O cenário projetado neste momento é de uma taxa circundando os R$ 5, embora reconheçam que a imprevisibilidade das variáveis que influenciam o câmbio impeça mirar com precisão a cotação futura da moeda americana.

Apesar de certo consenso sobre o horizonte do câmbio, o caminho a percorrer é acidentado. Oscilações passaram a ser ainda mais esperadas após o repique da Covid na China e a decisão da Rússia de intensificar sua ação militar na Ucrânia e subir o tom das ameaças ao Ocidente.

Em relação a comprar ou não a moeda para uma viagem internacional, a imprevisibilidade do câmbio leva a uma receita básica: buscar o preço médio. A regra é comprar quantidades iguais de dólares em intervalos regulares no período entre o início do planejamento e o embarque.

O que dizem os analistas

*

Nicola Tingas, economista-chefe da Acrefi (Associação Nacional das Instituições de Crédito, Financiamento e Investimento)

Para ele, o dólar só caiu no primeiro trimestre porque o real foi excessivamente desvalorizado no ano passado.

Neste ano, juros altos o suficiente para compensar os riscos do Brasil em um momento de incerteza no exterior, ações de empresas locais crescendo a reboque da alta das commodities e até certa calmaria na política doméstica ajudaram a atrair investidores para o Brasil.

Porém, na avaliação de Tingas, a piora do cenário internacional no último mês deixou pouco espaço para a manutenção de uma cotação justa, abaixo dos R$ 4,80.

Fundamentos econômicos não são as únicas variáveis a determinar o câmbio. Expectativas sobre o futuro do país também entram na conta. Nesse sentido, a política pode pesar mais no curto prazo, como ocorreu no segundo semestre de 2021.

Fernanda Consorte, economista-chefe do Banco Ourinvest

A economista argumenta que a recente alta no câmbio é também um ajuste à aproximação do período eleitoral e à polarização da disputa entre duas candidaturas, a do presidente Jair Bolsonaro (PL) e a do ex-presidente Lula (PT).

Uma disputa acirrada, com governo e oposição em condições de êxito, alerta investidores para o crescimento do risco fiscal, que neste momento pode ser entendido como o receio de que uma escalada de decisões e promessas populistas poderiam prejudicar a execução do Orçamento.

Daniel Miraglia, economista-chefe da Integral Group

Também considera que o câmbio já começou a mostrar o preço da eleição e que a tendência é que isso se intensifique. Mas ele reforça que é o que acontece lá fora, especialmente nos Estados Unidos, que vai ditar o ritmo do mercado até o fim do ano.

O banco central americano, o Fed (Federal Reserve), tirou a sua taxa de juros de referência do zero em março, além de ter encerrado um programa injetou bilhões de dólares no mercado financeiro por meio da compra de títulos imobiliários e do Tesouro.

A fartura de liquidez estimulou a economia durante a fase mais aguda da pandemia, mas também aqueceu o mercado consumidor antes da normalização da oferta de bens e insumos, que segue prejudicada pela rigorosa política de combate à Covid na China. O resultado foi a maior alta de preços em quatro décadas.

Para tentar barrar a inflação, o Fed subiu sua taxa em 0,25 ponto percentual há pouco mais de um mês e deverá aplicar aumentos iguais ou superiores a meio ponto em cada uma das suas seis reuniões previstas até o fim deste ano. Um aperto impensável há pouco tempo e que põe o mundo em alerta para uma forte desaceleração da economia global.

Juros mais altos nos Estados Unidos tendem a atrair para os títulos soberanos do país investidores que estavam posicionados em países mais arriscados, como o Brasil.

Sandra Blanco, estrategista-chefe da Órama

Para ela, a busca de investidores por refúgio na proteção dos ativos ligados ao dólar passa a ser uma tendência ainda mais forte com o prolongamento da guerra na Ucrânia e o repique da Covid na China.

Nos dois casos, a principal ameaça é a inflação. O preço de referência do petróleo bruto, o Brent, flutua acima dos US$ 100 por barril desde o início da guerra. E, apesar de os confinamentos em grandes cidades da China para conter o coronavírus potencialmente reduzirem a demanda por combustível, uma nova paralisação no país apertaria ainda mais o gargalo da oferta geral de produtos.

Daniel Weeks, economista-chefe da Garde

Afirma que o Brasil pode se beneficiar pela falta de boas alternativas de investimento entre os grandes emergentes. Segundo ele, o país ganha com o efeito da alta dos preços de commodities sobre a atividade, oferece juros elevados e tem alguma estabilidade política, quando comparado com Rússia, Turquia e China, por exemplo.

Também na avaliação do economista, parte dos dólares vindos do superávit comercial recorde projetado para 2022 deverá entrar no país, algo que não ocorreu no ano passado. Em 2021, a balança registrou saldo recorde de US$ 61 bilhões, mas entraram efetivamente no Brasil US$ 9,8 bilhões.

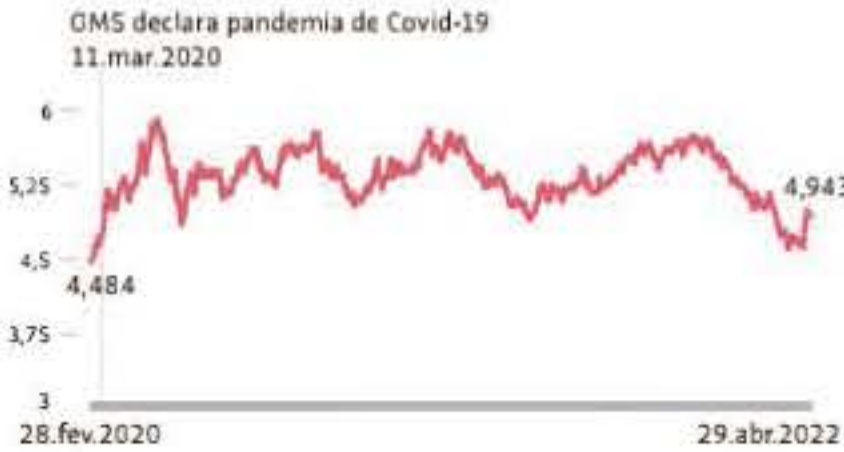
"Neste ano, esse dinheiro deve entrar, porque os juros estão mais altos", afirma Weeks.

Ele projeta um dólar de R$ 4,75 no fim deste ano e R$ 4,85 no fim de 2023. E diz que parte dessa volta do câmbio deve ajudar a reduzir a inflação a partir do segundo semestre.

Bruno Capusso, diretor de tesouraria do Banco Fator

Afirma que é natural que o real sofra mais no cenário atual após a forte valorização no primeiro trimestre. "O processo de apreciação entrou em standby, mas não acho que tenha sido interrompido."

Ele diz que a posição do país como exportador de commodities e o diferencial de juros em relação ao exterior são as principais linhas de defesa para evitar uma desvalorização mais forte da moeda nacional.

Dólar, juros e petróleo sobem com riscos globais

Uma nova indústria trilionária está em formação

Demanda por chips torna atrativos papéis de empresas do setor nos EUA

Marcos de Vasconcellos

Jornalista, assessor de investimentos e fundador do Monitor do Mercado

As gigantes de tecnologia americanas seguem batendo ponto no noticiário nacional. Não tem como fugir da influência do maior mercado do mundo nos seus investimentos, caso você ainda não tenha entendido isso.

A compra do Twitter, por Elon Musk; o despencar dos papéis da Netflix; e, agora, a previsão de uma queda de até US$ 8 bilhões nas receitas da Apple neste trimestre são temas obrigatórios para reavaliar seus investimentos.

A gigante dos iPhones, iPads, MacBooks e família antevê a queda em razão de dificuldades na cadeia de suprimentos. E qual é o item que falta nas fábricas da Apple, montadoras de veículos e empresas de celulares? Sim, ele de novo: o chip.

Semicondutores, os microchips que você tem nas mãos agora, ou no bolso, caso esteja lendo o jornal impresso, passaram por uma má fase nos últimos dois anos, quando grandes fábricas do item na Ásia pararam a produção por causa de lockdowns e terríveis incêndios.

Agora, sua produção está mais perto dos parâmetros normais, mas a demanda explodiu. A McKinsey, gigante mundial de consultoria empresarial, publicou recentemente um documento intitulado "The semiconductor decade: A trillion-dollar industry", em tradução livre: "A década dos semicondutores: Uma indústria trilionária".

O estudo contabiliza que, em 2021, essa indústria viu suas vendas crescerem mais de 20%, atingindo cerca de US$ 600 bilhões. Com base em uma série de pressupostos macroeconômicos, os analistas apontam que o crescimento anual agregado da indústria pode atingir a média de 6% a 8% ao ano, até 2030, quando atingirá a marca de US$ 1 trilhão.

A ideia de ter conectividade em tudo alastra o uso dos chips. Hoje, é relativamente simples desligar as luzes da casa e fechar as cortinas do quarto apenas dizendo "boa noite" para um assistente virtual. Os vasos sanitários que abrem e fecham suas tampas sozinhos, esquentam o assento e dão a descarga através de sensores há bem pouco tempo eram coisa de feiras de tecnologia. Hoje, estão à venda em shopping centers.

Do total desse crescimento, 70% devem vir do aumento da demanda em três indústrias: automotiva; de computação e armazenamento de dados; e de wireless.

Por meio de BDRs (papéis negociados no Brasil que replicam o movimento das ações em Bolsas estrangeiras), é relativamente simples encontrar na nossa Bolsa gigantes da área, como TSMC (TSMC34); Nvidia (NVDC34); ASML (ASML34); e Intel (ITLC34).

Para quem pensa em assumir posições aproveitando o crescimento a longo prazo, é um setor promissor.

Além disso, a recente debandada de investidores do setor da tecnologia nos EUA deu uma boa baixa nos preços dos papéis de tecnologia. E ouvi de gestores de grandes fundos brasileiros que seus canhões já começam a ser apontados novamente para lá, deixando as apostas no mercado brasileiro para 2023.

O meu email é marcos@monitordomercado.com.br

Retração de ofertas na Bolsa em anos eleitorais joga contra Eletrobras

Número médio de operações cai 46% em semestres de pleito; privatização pode ser afetada também por juros, pandemia e guerra

Fábio Pupo

BRASÍLIA A intenção do governo de privatizar a Eletrobras em 2022 desafia o histórico de retração de ofertas de ações na Bolsa de Valores em anos de eleições presidenciais, principalmente se a operação ficar para o segundo semestre. A operação é uma das prioridades do ministro Paulo Guedes (Economia) no último ano de mandato do presidente Jair Bolsonaro (PL).

Levantamento da **Folha** com base em dados da B3 nos últimos 18 anos mostra que o número médio de operações cai 34% em anos de disputa pelo Palácio do Planalto. Considerando apenas segundos semestres, a quantidade média cai quase pela metade (46%) nesses casos.

As ofertas foram ainda mais escassas em eleições mais recentes. Em 2018, houve apenas cinco operações —sendo duas no segundo semestre. Em 2014, foram duas —das quais apenas uma na segunda metade do ano.

A pesquisa leva em conta tanto ofertas primárias de ações (quando a empresa emite novos papéis e os vende no mercado) como secundárias (operação em que os acionistas vendem papéis que detêm).

O governo pretende privatizar a Eletrobras por meio de duas operações em Bolsa, uma primária e outra secundária. No primeiro movimento, a empresa emitiria novos papéis para vendê-los apenas a investidores privados. Em um segundo movimento, a União venderia parte dos papéis que detém.

Ao fim do processo, o governo abriria mão do controle da empresa e diminuiria a participação da União de 72% para 45% do capital votante.

Em abril, o TCU (Tribunal de Contas da União) pediu mais 20 dias de análise sobre o processo e frustrou os planos do governo de um avanço mais rápido. O cronograma teve que ser ajustado, e agora o Executivo prevê uma operação entre junho e agosto.

Governo e empresa ainda buscam demonstrar otimismo sobre a operação. Guedes afirma que a privatização pode ocorrer "muito em breve", e o ministro Bento Albuquerque (Minas e Energia) diz que há "muito interesse" do mercado mesmo com o cenário eleitoral. "Acreditamos que poderá ocorrer, sim, sem dúvidas, até o mês de julho deste ano", disse.

O levantamento mostra que anos eleitorais podem, de fato, ter espaço para as operações. Em 2010 (último ano do governo Lula), por exemplo, foi feita a megacapitalização da Petrobras que atraiu recursos para a exploração do pré-sal.

Apesar do otimismo, integrantes de governo e empresa ouvidos pela **Folha** reconhecem que as condições de mercado em 2022 podem atrapalhar a venda. Não tanto pela atratividade da operação em si, mas pela situação da Bolsa nos próximos meses —que pode, no limite, inviabilizar a operação.

Ricardo Rocha, professor de finanças do Insper, afirma que a avaliação dos investidores profissionais tradicionalmente considera variáveis como risco e custo de oportunidade de capital. Em anos eleitorais, a análise passa a ser permeada pela incerteza sobre o futuro governo e as consequentes decisões sobre uma gama de assuntos que incluem despesas públicas, endividamento e até carga tributária.

"Vamos nos colocar no papel da empresa que está há quatro anos se preparando para se colocar no mercado. Ela vai esperar passar a eleição, porque o investidor nesse momento vai querer deságio", afirma. "Quanto mais próximo das eleições, maior o risco político", diz.

Neste ano, se somam às preocupações políticas o aumento dos juros (que deixa a renda fixa mais atraente, tirando recursos da Bolsa) e os problemas de escala global. "O Brasil é muito influenciado pelo cenário internacional, que não está pacificado. Além da pandemia, a gente não sabe aonde vai chegar a guerra na Europa", afirma. "Estamos em uma economia global desequilibrada e, sem isso, já seria desafiador [privatizar]", diz.

Se por um lado o cenário político de 2022 já traz candidatos conhecidos nas primeiras posições nas pesquisas —o que, em tese, diminui incertezas sobre os próximos quatro anos—, por outro há um clima de crise institucional próximo às eleições que eleva as preocupações.

> **"Vamos nos colocar no papel da empresa que está há quatro anos se preparando para se colocar no mercado. Ela vai esperar passar a eleição, porque o investidor nesse momento vai querer deságio. Quanto mais próximo das eleições, maior o risco político**
>
> **Ricardo Rocha**
> professor de finanças do Insper

Cristiano Corrêa, professor de finanças do Ibmec São Paulo, afirma que tentativas de Bolsonaro de questionar o Judiciário ou o processo eleitoral geram incerteza no mercado e alimentam o refúgio dos recursos na renda fixa em vez do risco da Bolsa.

"Tenho um presidente que a todo momento traz um fato novo, e isso se reflete no mercado financeiro. Na prática, ainda não resultou em nada [ainda mais grave], mas é o presidente falando. Essa desregulação institucional aumenta a incerteza", afirma.

"Na hora em que um presidente busca ou entende que desrespeitar uma ordem judicial é o melhor caminho para solucionar um problema, o investidor se pergunta se a legislação é suficiente para manter as coisas no lugar. Então isso se reflete diretamente na avaliação de risco de mercado e na decisão dos investidores", diz.

Histórico das ofertas de ações na Bolsa

Número de ofertas (primárias ou secundárias)

Valor das ofertas
Em R$ bi**

Média histórica anual de operações — 26,4

Média histórica de operações no 2º semestre — 16,5

Média de operações em anos eleições presidenciais — 17,4

Média de operações no 2º semestre de anos com eleições presidenciais — 8,75

O que prevê a privatização da Eletrobras

A companhia deixa de controlar Eletronuclear, dona de Angra 1 e Angra 2, e Itaipu, que serão transferidas para uma nova estatal, a ENBPar. A mudança reduz a participação de mercado da nova empresa

31% é a participação da Eletrobras na geração hoje

26% é a participação estimada após a operação

Serão emitidas ações para também reduzir a participação do governo, que terá direito a uma golden share, ação especial que dá direito a veto

Participação da União

72% Hoje

45% + golden share Depois

*Período de eleição presidencial **Valores corrigidos pelo IPCA ***Inclui megaoferta da Petrobras em 2010 de R$ 235 bilhões (valor corrigido pelo IPCA). Fonte: B3

PAINEL S.A. | *Joana Cunha*

painelsa@grupofolha.com.br

Conectividade

O Ibrachina (Instituto Sociocultural Brasil-China), entidade voltada à integração entre os dois países, tem feito encontros com representantes do empresariado, do poder público e da comunidade acadêmica para discutir caminhos para transformar a capital paulista em cidade inteligente. O principal alvo é o centro. Com o uso de drones, a Smart Sky, parceira no projeto, criou uma maquete virtual do Mercado Municipal, a fim de coletar dados e compará-los com futuras mudanças.

LEGUMES Thomas Law, presidente do Ibrachina, diz que há pretensão de inaugurar uma escola de gastronomia no Mercadão, promovendo intercâmbio entre chefs internacionais e levando startups de foodtech para a região.

VERDURAS Neste ano, foram realizadas três reuniões por meio do grupo São Paulo 2030. A mais recente teve a presença de professores da PUC e do Mackenzie e do secretário de Urbanismo e Licenciamento de SP, Marcos Duque Gadelho.

ELEVADOR A região das avenidas Berrini e Chucri Zaidan, na zona sul de São Paulo, tem hoje uma taxa de vacância de lajes corporativas superior ao da média da capital, favorecendo os inquilinos. Segundo o balanço da consultoria JLL para o primeiro trimestre de 2022, o percentual de metros quadrados desocupados em imóveis premium em São Paulo era de 24,6%.

ESPAÇO No chamado eixo Berrini-Chucri, estava em 32%. A alta taxa está ligada ao aumento do estoque nos últimos anos, quando muitos prédios novos foram entregues. No primeiro trimestre, a ocupação do edifício Birmann 32, na Faria Lima, fez com que a vacância de imóveis premium na região caísse. Segundo a Cushman & Wakefield, a taxa de lajes desocupadas na região está em 16,9%. Para a JLL, está em 8%.

ESPELHO O fundador do grupo Ikesaki, Hirofumi Ikesaki, morreu no domingo (1º) aos 94 anos. Ele era presidente de honra da Beauty Fair e da Acal (Associação Cultural e Assistencial da Liberdade). A Ikesaki Cosméticos, fundada em 1964 no bairro da Liberdade, em São Paulo, é considerada a primeira loja de produtos de beleza do país.

BOMBA Projeções do setor de energia apontam que o preço do petróleo pode alcançar US$ 116 por barril na média anual em 2022, diz o IBP (Instituto Brasileiro de Petróleo e Gás), a partir de dados do Oxford Institute for Energy Studies. A manutenção prolongada do preço em patamar alto tende a atrair investimento, afirma o IBP.

TERMÔMETRO Os hospitais Einstein e Hcor voltaram a registrar alta no número de pacientes com casos confirmados de Covid. No HCor, na última quinzena de abril, a instituição afirma ter passado de uma média de sete atendimentos diários de casos de síndrome gripal no pronto-socorro para 40 ocorrência por dia. A taxa de testes positivos para a Covid passou de 3,3%, em março, para 8,7%, em abril.

AGLOMERAÇÃO Para a administração do hospital, o aumento era previsto por causa dos feriados de Páscoa e Tiradentes. No último, houve também a realização do Carnaval, com desfiles e saída de blocos. "É importante ressaltar que não estamos nem perto do número do auge da pandemia. Hoje, temos um paciente internado com Covid. Em março de 2021, tínhamos 166", diz em nota o infectologista do Hcor, Pedro Mathiasi.

MÁSCARA O Einstein teve crescimento similar. A taxa de testes com resultado positivo ficou em 8,2% na semana epidemiológica entre os dias 24 e 30 de abril. Nesse intervalo, 4.255 exames foram realizados, dos quais 348 acusaram a contaminação pelo vírus.

URNAS Reitores de universidades particulares e especialistas do ensino superior privado vão discutir propostas para o Fies no próximo encontro do setor, neste mês, que deve resultar no documento para ser levado a candidatos das eleições.

ESCOLA Celso Niskier, presidente da Abmes (Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior), diz que tem na pauta uma sugestão de alteração no modelo de financiamento. A ideia é que o aluno, após formado, comece a pagar a dívida somente quando tiver renda, e que o valor das parcelas varie de acordo com o salário recebido, podendo ser interrompido, caso ele não tenha condições.

MATEMÁTICA As empresas também querem levar suas ideias para a reforma tributária. Elas dizem que um aumento na carga dos impostos pode impactar os estudantes das classes C e D.

com Andressa Motter, Paulo Ricardo Martins e Fernanda Brigatti

INDICADORES

JUROS

Abr., em % ao mês ■ Mínimo ■ Máximo

Fonte: Procon-SP

CONTRIBUIÇÃO À PREVIDÊNCIA

Competência abril

Autônomo e facultativo

Valor mín.	R$ 1.212,00	20%	R$ 242,40
Valor máx.	R$ 7.087,22	20%	R$ 1.417,44

O autônomo que prestar serviços só a pessoas físicas (e não a pessoas jurídicas) e o facultativo podem contribuir com 11% sobre o salário mínimo. Donas de casa de baixa renda podem recolher sobre 5% do piso nacional. O prazo para o facultativo e o autônomo que recolhe por conta própria vence em 16.mai

MEI (Microempreendedor)

Valor mín.	R$ 1.212	5%	R$ 60,60

Assalariado	Alíquota
Até R$ 1.212,00	7,5%
De R$ 1.212,01 até R$ 2.427,35	9%
De R$ 2.427,36 até R$ 3.641,03	12%
De R$ 3.641,04 até R$ 7.087,22	14%

O prazo para recolhimento das contribuições do empregado vence em 20 mai. As alíquotas progressivas são aplicadas sobre cada faixa salarial que compõe o salário de contribuição

IMPOSTO DE RENDA

Em R$	Alíquota, em %	Deduzir, em R$
Até 1.903,98	isento	
De 1.903,99 até 2.826,65	7,5	142,80
De 2.826,66 até 3.751,05	15	354,80
De 3.751,06 até 4.664,68	22,5	636,13
Acima de 4.664,68	27,5	869,36

EMPREGADOS DOMÉSTICOS

Considerando o piso na capital e Grande SP

R$ 1.296,32	Valor, em R$
Empregado	98,48
Empregador	255,25

O prazo para o empregador do trabalhador doméstico venceu em 6.mai. A guia de pagamento do empregador inclui a contribuição de 8% ao INSS, 8% do FGTS, 3,2% de multa rescisória do FGTS e 0,8% de seguro contra acidente de trabalho. A contribuição ao INSS do doméstico deve ser descontada do salário. Sobre o piso da Grande SP, as alíquotas do empregado são de 7,5% e 9%. Para salário maior, de 7,5% a 14%, aplicadas sobre cada faixa do salário, até o teto do INSS

INSS tem mais de 1 milhão à espera de perícia médica

Greve, pandemia e falta de servidor pioram situação de quem precisa de benefício

Cristiane Gercina

SÃO PAULO A fila de perícias médicas do INSS ultrapassou mais de 1 milhão de agendamentos, segundo informações do Ministério do Trabalho e Previdência. Ao todo, 1.008.112 segurados esperam para ser atendidos por um médico.

O número de perícias inclui todos os tipos de benefício que necessitam de avaliação pericial para concessão. Na lista, estão auxílio-acidente, auxílio por incapacidade temporária —antigo auxílio-doença— e aposentadoria incapacidade permanente —antiga aposentadoria por invalidez—, pagos a quem tem alguma incapacidade para trabalhar.

Há ainda outros benefícios, como BPC (Benefício de Prestação Continuada), aposentadoria da pessoa com deficiência e aposentadoria especial, entre outros, que necessitam da análise de um médico.

Há poucas semanas, o número de cidadãos à espera de atendimento estava em torno de 780 mil, mas, com o início da greve dos peritos, que na sexta-feira (29) chegou a 31 dias, o quadro se agravou.

Segurado tenta atendimento em agência do INSS em SP com funcionamento prejudicado por paralisação de peritos, em fevereiro Ronny Santos - 8.fev.22/Folhapress

Dados da ANMP (Associação Nacional dos Médicos Peritos) mostram que houve ao menos 320 mil remarcações de exames periciais desde o início da greve.

A espera para conseguir um atendimento também é longa e está em cerca de 60 dias, segundo informações do governo enviadas ao Congresso na edição da medida provisória 1.113, que tenta implantar a perícia médica a distância em alguns benefícios, com envio de atestado pela internet, como já ocorreu na pandemia.

Francisco Eduardo Cardoso Alves, vice-presidente da ANMP, afirma que a categoria tem cumprido a decisão do STJ (Superior Tribunal de Justiça) e mantém 70% dos médicos peritos em atendimento nas agências, enquanto 30% estão parados. Hoje, a Perícia Médica Federal tem 3.400 profissionais, mas com afastamentos, 3.200 estão na ativa.

"Os peritos se sentem indignados com a forma como o governo vem tratando a categoria. Temos mais de 320 mil perícias remarcadas no período e, até agora, não se moveram para negociar", afirma.

Dentre as reivindicações dos médicos, estão reposição salarial de 19,9% —o governo oferece reajuste de 5% a todos os servidores—, melhores condições de trabalho, com todos os profissionais fazendo atendimentos presenciais e sem nenhum deles "fora da agenda de atendimentos" e concurso público para regiões do país onde é necessário mais profissionais.

O mais de 1 milhão de segurados na fila do INSS para a perícia médica reflete um conjunto de fatores, segundo especialistas. Dentre eles estão a greve dos peritos, a pandemia, que aumentou o número de cidadãos em busca de benefício incapacitados em um período no qual as agências ficaram fechadas, e a falta de servidores.

O segurado que tem perícia marcada não pode deixar de comparar à agência da Previdência no dia e na hora agendados. Se não conseguir atendimento por causa da greve, é preciso provar, de alguma forma, que esteve no local.

O ideal é pedir a algum funcionário do INSS um documento registrando data e hora em que esteve no posto do INSS, com assinatura e carimbo do órgão. Caso não seja possível, a orientação de especialistas é fazer uma foto, que contenha data e horário, e conversar com pessoas que também estavam lá, que possam servir de testemunha, caso seja necessário.

Clientes comemoram suspensão de repasse de planos da Amil

Daniele Madureira

SÃO PAULO Cliente da Amil, a microempresária paulista Maria de Fátima da Silva, 50, está aliviada com a decisão da ANS (Agência Nacional de Saúde Suplementar), divulgada na sexta (29), de proibir que a empresa venda sua carteira de planos individuais e familiares para a APS.

A venda da carteira para a APS (do próprio grupo UnitedHealth, dono da Amil) fora realizada em dezembro e, na sequência, um fundo de investimentos recém-criado, o Fiord Capital, se tornou dono da APS no negócio, que envolve 330 mil planos nos estados de São Paulo, Rio e Paraná. Pouco antes do anúncio, os clientes já vinham observando mudanças, para pior, na rede de credenciada, o que motivou até o aumento das reclamações na ANS.

"Achei excelente, espero que a Amil volte a ser como antes", diz Maria de Fátima, que se incomodou com mudança da rede de laboratórios credenciados.

"A Amil tirou o Lavoisier e, no lugar dele, colocou um laboratório pequeno, o Carezzato, que só faz os exames às segundas."

O administrador de empresas Benjamin Wainberg, 68, se diz aliviado, mas receoso. Para ele, a determinação da ANS resolve temporariamente o caso. "É como morfina no momento da dor, você tem um alívio, mas ainda não está curado", diz ele, que deve passar em breve por uma cirurgia e vai dar início a uma série de exames pré-operatórios.

Em comunicado na sexta, a ANS declarou a nulidade do contrato de compra e venda de quotas celebrado entre a Amil e a Fiord Capital, a Seferin & Coelho e Henning Von Koss. O acordo previa aporte de R$ 2,34 bilhões da Amil na APS —ambas pertencem à americana UnitedHealth. Ou seja, por se tratar de uma carteira deficitária, que não dá lucro, a Amil iria pagar para passar o negócio à frente.

Em janeiro, havia sido anunciada mudança no controle da APS, repassada para três sócios: Fiord Capital, gestora de investimentos criada em novembro pelo empresário Nikola Lukic; Seferin & Coelho, empresa gaúcha com negócios em telemedicina, casa de repouso e dona da rede de hospitais Life Plus; e Henning von Koss, ex-executivo de empresas do setor, como a própria Amil e a Hapvida.

Em fevereiro, a ANS barrou essa operação, pela "ausência de informações sobre a suposta aquisição do controle societário da APS por uma empresa de reestruturação financeira".

No início de abril, A ANS determinou a suspensão da venda da carteira de clientes individuais e familiares, por constatar que "os compradores das quotas da APS não têm capacidade financeira suficiente para garantir o equilíbrio econômico-financeiro da APS".

Amil e APS tiveram dez dias para se manifestar. A ANS, então, na reunião da diretoria colegiada na sexta, decidiu anular em definitivo a autorização para a transferência de carteira.

Em nota, a Amil disse que vai acatar a decisão da agência. "A prioridade da Amil segue sendo garantir que seus beneficiários tenham pleno acesso aos cuidados de saúde que necessitam."

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220513

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220513 de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de medicamentos, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 5132022, até o dia 16/05/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 27 de Abril de 2022. RAIMUNDO VIEIRA COUTINHO - PREGOEIRO

COMISSÃO DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

A Comissão de Administração Pública convida o público interessado para participar de Audiência Pública Semipresencial para debater a seguinte matéria:

PL 292/2022 - Executivo - RICARDO NUNES
Dispõe sobre a remuneração pelo regime de subsídio dos integrantes do Quadro Técnico dos Profissionais da Guarda Civil Metropolitana – QTG, da Prefeitura do Município de São Paulo, criado pela Lei nº 16.239, de 18 de julho de 2015, e dá outras providências.

Data: 04/05/2022
Horário: 13h30
Local: Plenário 1º de Maio (1º andar) / Auditório Virtual
Endereço: Viaduto Jacareí, 100, Bela Vista
O acesso do público em geral à Câmara Municipal de São Paulo será permitido mediante a aferição obrigatória de temperatura e, segundo o cronograma vacinal municipal, a apresentação de comprovante de vacinação ou relatório médico que justifique óbice à imunização, o uso de máscaras de proteção facial torna-se obrigatório quando houver ocupação acima da metade da capacidade do auditório ou sala de reunião, conforme Art. 2º do Ato nº 1.504, de 02 de março de 2021, alterado pelo Ato nº 1.539, de 29 de março de 2022.
Para assistir: Será permitido o acesso do público até o limite de capacidade do auditório, considerando o protocolo de segurança sanitária vigente. O evento será transmitido ao vivo pelo portal da Câmara Municipal de São Paulo, na seção Auditórios Online no endereço www.saopaulo.sp.leg.br/transparencia/auditorios-online, e pelo canal da Câmara Municipal no Youtube: www.youtube.com/camarasaopaulo.

Para participar: Encaminhe sua manifestação por escrito ou inscreva-se para participar ao vivo por videoconferência através do Portal da CMSP na internet http://www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual/inscricoes/. Também serão permitidas inscrições para participação do público presente no auditório.

Caso não possa, por qualquer motivo, participar da videoconferência, não deixe de encaminhar sua MANIFESTAÇÃO POR ESCRITO, através de formulário disponível em https://www.saopaulo.sp.leg.br/audienciapublicavirtual/ ou pelo e-mail admt@saopaulo.sp.leg.br

Para maiores informações: admt@saopaulo.sp.leg.br

Prefeitura Municipal de Curitiba
Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

SOLICITAÇÃO DE MANIFESTAÇÃO DE INTERESSE (MI)
SELEÇÃO DE CONSULTORES
BRASIL

Programa de Mobilidade Sustentável de Curitiba
SOLICITAÇÃO PARA A APRESENTAÇÃO DE MANIFESTAÇÃO DE INTERESSE Nº 010/2022 PROJETO BR-L1532
AVISO DE PUBLICAÇÃO

No do Projeto: *BR-L1532*
No do Contrato/Seleção: 4958-OC/BR
A PREFEITURA MUNICIPAL DE CURITIBA solicitou financiamento ao *Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID)*, e se propõe utilizar parte destes fundos para efetuar pagamentos de despesas elegíveis em virtude do Programa de Mobilidade Sustentável de Curitiba: Aumento da Capacidade e Velocidade do INTER 2 para Contratação de serviços técnicos especializados de CONSULTORIA PARA IMPLEMENTAÇÃO DE BIM (BUILDING INFORMATION MODELING) e CIM (CITY INFORMATION MODELING).
O INSTITUTO DE PESQUISA E PLANEJAMENTO URBANO DE CURITIBA – IPPUC convida os consultores elegíveis a apresentar o seu interesse para os serviços solicitados. Os consultores interessados deverão proporcionar informação que demonstre que estão qualificados para prestar os serviços (folhetos, descrição de serviços semelhantes executados, experiência em condições idênticas, corpo técnico adequado etc.). É permitida a associação em consórcio para melhorar as suas qualificações.
Os consultores serão selecionados de acordo com os procedimentos estabelecidos nas *Políticas para Seleção e Contratação de Consultores Financiados pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento* (edição atual), e está aberta a todos os Consultores de Países Elegíveis, conforme definido nestas normas.
Os Consultores interessados poderão obter mais informação por meio do endereço abaixo indicado, durante o horário comercial das *08h às 12h e das 14h às 18h*.
As manifestações de interesse deverão ser enviadas via postal, ou correio eletrônico ao endereço abaixo indicado o mais tardar até às *15h* do dia 18/05/22.

Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba – IPPUC
At: Paulo Roberto Socher, Coordenador Geral da UTAG/BID
Rua Bom Jesus, 669, Curitiba, Paraná - CEP 80035-010
Tel: 41 – 3250 1407 - E-mail: utag@ippuc.org.br

SECRETARIA DE ESTADO DE DEFESA CIVIL - RJ

AVISOS

PROCESSO SEI-270042/000971/2021
PREGÃO ELETRÔNICO INTERNACIONAL Nº 03/22
OBJETO: REGISTRO DE PREÇOS PARA AQUISIÇÃO DE VIATURA TIPO AUTO BUSCA E SALVAMENTO (ABS)
NOVA DATA DE ABERTURA: 24/06/2022, às 08h30min.
NOVA DATA ETAPA DE LANCES: 24/06/2022 às 09h.

O Edital encontra-se à disposição dos interessados no site: www.comprasgovernamentais.gov.br ou www.cbmerj.rj.gov.br/licitacoes, podendo ser retirado, de forma impressa, na Coordenação de Licitações e Contratos/DGAF/SEDEC, sito à Praça da República, 45 – Centro – RJ, de 2ª a 5ª feira, das 08:00 às 17:00 horas, e 6ª feira, das 08:00 às 12:00 horas. Informações pelos Tels. (21) 2333-3084 / 2333-3085 ou pelo e-mail: pregaoeletronico@cbmerj.rj.gov.br

ERRATA N.º 01
PROCESSO SEI-270042/001325/2021
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 23/22
OBJETO: REGISTRO DE PREÇOS PARA AQUISIÇÃO DE COTURNO MILITAR PRETO
NOVA DATA DE ABERTURA: 12/05/2022, às 09h
NOVA DATA ETAPA DE LANCES: 12/05/2022 às 09h30min

O Edital e a Errata encontram-se à disposição dos interessados no site: www.compras.rj.gov.br ou www.cbmerj.rj.gov.br/licitacoes, podendo ser retirados, de forma impressa, na Coordenação de Licitações e Contratos/DGAF/SEDEC, sito à Praça da República, 45 – Centro – RJ, de 2ª a 5ª feira, das 08:00 às 17:00 horas, e 6ª feira, das 08:00 às 12:00 horas. Informações pelos Tels. (21) 2333-3084 / 2333-3085 ou pelo e-mail: pregaoeletronico@cbmerj.rj.gov.br

SECRETARY OF STATE OF CIVIL DEFENSE - RIO DE JANEIRO

NOTICE
BIDDING N.º 03/2022

PROCESS: SEI-270042/000971/2021
OBJECT: Acquisition of Auto Search Vehicle Rescue
NEW OPENING DATE: 24/06/2022
HOUR: 09 AM – Time Local
LOCAL: Virtual public session – www.comprasgovernamentais.gov.br.

The Rio de Janeiro Military Fire Department (Brazil) wishes to inform those whom it may concern that the draft of the bidding documents, contract agreement, annexes, additional terms and conditions for Public Purchases – The objects will be available at the following websites: www.comprasgovernamentais.gov.br or www.cbmerj.rj.gov.br/licitacoes. Sign in: Auto Search Vehicle Rescue/Viatura Auto Busca e Salvamento (ABS) – JUNE 24 (09 AM) – Local Time.

COMUNICADO - O SINDMOTORLIX - SINDICATO DOS MOTORISTAS EM EMPRESAS DE COLETA DE LIXO INDUSTRIAL DE SÃO PAULO, legal representante dos trabalhadores participantes da categoria de coleta de lixo industrial de grandes geradores no município de São Paulo, cumprindo decisão das assembleias gerais extraordinárias realizadas no período de 14 a 25 de março de 2022, fundamentado nas disposições contidas no artigo 513, alínea "e", da CLT, **COMUNICA** que está aberto o prazo de 30 (trinta) dias, para os trabalhadores não associados exercerem o direito de oposição ao desconto da **CONTRIBUIÇÃO ASSISTENCIAL**, nos seguintes termos: a) O prazo para oposição será de 30 (trinta) dias contados do primeiro dia subsequente à data base, no período de 02/05/2022 até 31/05/2022. b) A carta de oposição não tem um padrão estipulado, podendo ser uma simples menção de que não deseja o desconto da contribuição assistencial, devendo conter obrigatoriamente, nome completo, CPF, empresa e CNPJ e assinatura do trabalhador(a). c) O local para entrega da carta de oposição será na sede da entidade situada na rua Barão de Itapetininga, 255, 4º andar, sala 402, nesta capital, de segunda a sexta no horário das 14hs às 16hs. d) Não serão aceitas cartas de oposição fora do prazo, ainda que seja pessoalmente, ou por terceiros. São Paulo 02 de maio de 2022. Marco Antonio Domingos - Presidente.

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220403

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220403, de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de material médico hospitalar, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 4032022, até o dia 16/05/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 27 de Abril de 2022. CRÍACO BARBOSA DAMASCENO NETO - PREGOEIRO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220039

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220039, de interesse da Companhia de Água e Esgoto do Ceará – CAGECE, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de Conjuntos Bombas com Motores de Combustão a Diesel Estacionários, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 3092022, até o dia 16/05/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 27 de Abril de 2022. SIMONE ALENCAR ROCHA - PREGOEIRA

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220005

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220005, de interesse da Secretaria do Planejamento e Gestão – SEPLAG, cujo OBJETO é: Registro de Preços, visando futuras e eventuais aquisições de Material de Consumo – Água Mineral, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 3192022, até o dia 16/05/2022 às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 27 de Abril de 2022. ÊNIO JOSÉ GONDIM GUIMARÃES - PREGOEIRO

Companhia Brasileira de Distribuição
Companhia Aberta de Capital Autorizado
CNPJ/ME nº 47.508.411/0001-56 – NIRE 35.300.089.901

Edital de Convocação
Assembleia Geral Extraordinária

Ficam convocados os senhores acionistas da Companhia Brasileira de Distribuição ("Companhia") a se reunirem em Assembleia Geral Extraordinária ("Assembleia"), a ser realizada de modo exclusivamente digital e remoto no dia 31 de maio de 2022, às 15:00 horas, a fim de deliberarem sobre as seguintes matérias constantes da Ordem do Dia: I. Ratificação da contratação da Magalhães Andrade S/S Auditores Independentes, como empresa especializada responsável pela elaboração do laudo de avaliação do patrimônio líquido da SCB Distribuição e Comércio Varejista de Alimentos Ltda. ("SCB"), a ser incorporada pela Companhia, com data base de 31 de março de 2022 ("Laudo de Avaliação da Incorporação"); II. Aprovação do Laudo de Avaliação da Incorporação; e III. Proposta de incorporação, pela Companhia, da sua subsidiária SCB, nos termos e condições descritos no "Protocolo e Justificação de Incorporação da SCB", celebrado pelos administradores da Companhia e da SCB. Informamos que permanecem à disposição dos Senhores Acionistas, na sede social da Companhia, nas páginas de relações de investidores da Companhia (www.gpari.com.br), da Comissão de Valores Mobiliários ("CVM") (www.cvm.gov.br) e da B3 (www.b3.com.br), toda documentação pertinente às matérias que serão deliberadas na Assembleia ora convocada, incluindo a proposta da administração e manual de participação para esta Assembleia ("Proposta da Administração e Manual de Participação"). Participação na Assembleia Geral via sistema eletrônico: Os Acionistas que desejarem participar da Assembleia por meio da plataforma digital deverão acessar o endereço eletrônico https://www.tenmeetings.com.br/assembleia/portal/?id=ED1E20CE8F1C, preencher o seu cadastro e anexar todos os documentos necessários para sua habilitação para participação e/ou voto na Assembleia, conforme indicados abaixo, com, no mínimo, 3 (dois) dias de antecedência da data designada para a realização da Assembleia, ou seja, até o dia 29 de maio de 2022. Após a aprovação do cadastro pela Companhia, o Acionista receberá seu login e senha individual para acessar a plataforma por meio do email utilizado para o cadastro. Os seguintes documentos deverão ser encaminhados pelos acionistas por meio do endereço eletrônico indicado acima: (a) extrato atualizado contendo a respectiva participação acionária expedido pelo órgão custodiante; (b) para pessoas físicas: documento de identidade com foto do acionista; (c) para pessoas jurídicas: (i) estatuto social ou contrato social consolidado e os documentos societários que comprovem a representação legal do acionista e (ii) documento de identidade com foto do representante legal; (d) para fundos de investimento: (i) regulamento consolidado do fundo; (ii) estatuto ou contrato social do seu administrador ou gestor, conforme o caso, observada a política de voto do fundo e documentos societários que comprovem os poderes de representação; e (iii) documento de identidade com foto do representante legal; (e) caso qualquer dos Acionistas indicados nos itens (b) a (d) acima venha a ser representado por procurador, além dos respectivos documentos indicados acima, deverá encaminhar (i) procuração com poderes específicos para sua representação na Assembleia; (ii) documento de identidade do procurador presente, bem como, no caso de pessoa jurídica ou fundo, cópias do documento de identidade e ata de eleição do(s) representante(s) legal(is) que assinou(aram) o mandato que comprovem os poderes de representação. Para esta Assembleia, a Companhia aceitará procurações outorgadas por Acionistas por meio eletrônico, assinadas preferencialmente com uso da certificação ICP-Brasil. Participação na Assembleia Geral por meio de boletim de voto à distância: Nos termos da Resolução da CVM 81, de 29 de março de 2022, conforme detalhado na Proposta da Administração e Manual de Participação, os Acionistas que tenham interesse em exercer o seu direito de voto por meio do boletim de voto à distância deverão enviar as instruções de voto (a) diretamente à Companhia por e-mail, acompanhadas dos documentos indicados nos itens (a) a (e) acima; (b) por meio (i) dos seus respectivos agentes de custódia (caso prestem esse tipo de serviço); ou (ii) do Agente Escriturador, por meio dos canais por ele disponibilizados. Para o Boletim de Voto à Distância produzir efeitos o dia 24 de maio de 2022, ou seja, 7 (sete) dias antes da data da Assembleia, deverá ser o último dia para o seu recebimento por uma das formas acima indicadas, e não o último dia para seu envio. Se o Boletim de Voto à Distância for recebido após o dia 24 de maio de 2022, os votos não serão computados. A Companhia não exigirá a entrega física do documento e outras formalidades de legalização, conforme termos constantes da Proposta da Administração e Manual de Participação. Assim, em caso de eventuais dissonâncias entre a Proposta da Administração e Manual de Participação e o item 12.2 do Formulário de Referência da Companhia com relação à documentação e formalidades para participação nas assembleias gerais da Companhia, devem prevalecer as disposições da Proposta da Administração e Manual de Participação. Informações detalhadas sobre a participação do acionista diretamente, por seu representante legal ou procurador devidamente constituído, bem como as regras e procedimentos para participação e/ou votação à distância na Assembleia, inclusive orientações para envio do Boletim e ainda, orientações sobre acesso à plataforma digital e regras de conduta a serem adotadas na Assembleia constam da Proposta da Administração e Manual de Participação.

São Paulo, 29 de abril de 2022.

Guillaume Marie Didier Gras
Vice-Presidente de Finanças e Diretor de Relações com Investidores do GPA

PREFEITURA MUNICIPAL DE GUAREÍ
RETIFICAÇÃO DE EDITAL – TOMADA DE PREÇOS Nº 10/2022 – PROCESSO ADM Nº 072/2022
A Prefeitura Municipal de Guareí torna público que foi retificada a PLANILHA ORÇAMENTÁRIA e o CRONOGRAMA FÍSICO FINANCEIRO do edital de licitação modalidade Tomada de Preços nº 10/2022, cujo objeto da presente licitação é a escolha da proposta mais vantajosa para contratação de empresa para execução de construção de estação elevatória de esgoto no Bairro Floresta, objeto do CONVÊNIO Nº SIMA/CSAN Nº 002/2022, firmado com a SECRETARIA DE ESTADO DE INFRAESTRUTURA E MEIO AMBIENTE e o MUNICÍPIO DE GUAREÍ, conforme projeto, memorial descritivo e quantitativos em anexos. Os envelopes deverão ser protocolados no Setor de Protocolo do Paço Municipal até as 9:00 horas do dia 17 de maio de 2022 e a abertura da sessão pública ocorrerá no mesmo dia 17/05/2022 as 9:30 horas na sala do Departamento de Licitações, localizado no prédio do Paço Municipal "Juvenal Augusto Soares", situado na Rua Professora Ana Cândida Rolim, nº 46, centro de Guareí/SP. O edital e seus anexos encontram-se disponíveis no endereço www.guarei.sp.gov.br ou poderá ser retirado no Setor de Licitações da Prefeitura, localizado no Paço Municipal, Rua Professora Ana Cândida Rolim, nº 46, centro, no horário de expediente de segunda à sexta feira. Maiores informações através do telefone (15) 3258 8300 ou e-mail licitacao@guarei.sp.gov.br
Prefeitura Municipal de Guareí, em 29 de abril de 2022.
JOSÉ AMADEU DE BARROS – Prefeito Municipal

CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220342

A Secretaria da Casa Civil torna público a REMARCAÇÃO do Pregão Eletrônico No 20220342, de interesse da Secretaria da Saúde – SESA, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de medicamentos. MOTIVO: Correção no lançamento. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 3422022, até o dia 16/05/2022, às 9h (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 28 de Abril de 2022. JOSÉ CÉLIO BASTOS DE LIMA - PREGOEIRO

CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220003

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220003 de interesse do Corpo de Bombeiros Militar – CBMCE, cujo OBJETO é: Registro de Preço para futuras e eventuais aquisições de materiais permanentes de salvamento, conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 4712022, até o dia 13/05/2022, às 14h30min (Horário de Brasília–DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 26 de Abril de 2022. CARLOS ALBERTO COELHO LEITÃO - PREGOEIRO

ESTADO DO CEARÁ
PODER JUDICIÁRIO
TRIBUNAL DE JUSTIÇA
Comissão Permanente de Contratação

ADENDO 01 AO PREGÃO ELETRÔNICO Nº 16/2022.
A Comissão Permanente de Contratação do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará comunica que o Edital do Pregão Eletrônico n.º 16/2022, que trata da "**contratação de pessoa jurídica especializada para a prestação de serviços de natureza continuada com mão de obra exclusiva para cerimonialista (CBO 3548-25), coordenador de eventos (CBO 1311-15), regente de grupo coral (CBO 2626-15) e chefe de cerimonial, bem como EPI, quando necessários, sofreu as seguintes alterações: novas datas para o referido certame:** RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS ATÉ: 13/5/2022 às 14:00 horas (Horário de Brasília). ABERTURA DAS PROPOSTAS: 13/5/2022 às 14:00 horas (Horário de Brasília). INÍCIO DA SESSÃO DE DISPUTA DE PREÇOS: 13/5/2022 às 14:30 horas (Horário de Brasília). **Permanecem inalterados as demais cláusulas e condições do referido Edital e Anexos.**

Fortaleza, 29 de abril de 2022
PRESIDENTE DA COMISSÃO PERMANENTE DE LICITAÇÃO DO TJCE

AVISO DE LICITAÇÃO - PREGÃO ELETRÔNICO No 20220013

A Secretaria da Casa Civil torna público o Pregão Eletrônico No 20220013 de interesse da Casa Civil, cujo OBJETO é: Registro de Preço para Taxa por Transação (Transaction Fee) visando futuras e eventuais contratações de serviços de reserva, emissão e entrega de bilhetes de passagens aéreas no âmbito nacional e internacional e demais serviços correlatos (passagens rodoviárias e ferroviárias no âmbito internacional, serviços de reservas de hotéis e veículos terrestres de qualquer porte, translado, seguro de saúde e de bagagem), conforme especificações contidas no Edital e seus Anexos. RECEBIMENTO DAS PROPOSTAS VIRTUAIS: No endereço www.comprasnet.gov.br, através do No 5072022, até o dia 16/05/2022, às 9h30min (Horário de Brasília-DF). OBTENÇÃO DO EDITAL: No endereço eletrônico acima ou no site www.seplag.ce.gov.br. Procuradoria Geral do Estado, em Fortaleza, 26 de Abril de 2022. ROBINSON DE BORBA E VELOSO - PREGOEIRO

Federação dos Empregados de Agentes Autônomos do Comércio do Estado de São Paulo. Pelo presente edital, ficam convocados todos os trabalhadores que estejam inorganizados na base, ou cujo sindicato esteja sob intervenção judicial, como também os trabalhadores representados pela entidade federativa nas cidades de Osasco, Barueri, Caieiras, Cajamar, Carapicuíba, Cotia, Francisco Morato, Franco da Rocha, Itapecerica da Serra, Itapevi, Jandira, Pirapora do Bom Jesus, Santana de Parnaíba e Vargem Grande Paulista, para participarem da assembleia extraordinária, conforme data e horário determinado abaixo, das categorias com data-base em 1º de maio 2022: 1- Categoria Representantes Comerciais e Empresas de Representação Comercial, realizar-se-á no dia 02 de junho de 2022, às 17h00 em 1ª convocação, com 2/3 (dois terços) dos trabalhadores da categoria, ou às 17h30min., em 2ª convocação, com qualquer número de trabalhadores da categoria presente; 2- Categoria Comissários e Consignatários, realizar-se-á no dia 07 de junho de 2022, às 17h00 em 1ª convocação, com 2/3 (dois terços) dos trabalhadores da categoria, ou às 17h30min., em 2ª convocação, com qualquer número de trabalhadores da categoria presente; 3- Categoria Arquitetura e Engenharia Consultiva, realizar-se-á no dia 09 de junho de 2022, às 17h00 em 1ª convocação com 2/3 (dois terços) dos trabalhadores da categoria, ou às 17h30min., em 2ª convocação, com qualquer número de trabalhadores da categoria presente; 4- Categoria Locadoras de Filmes em Vídeo e DVD, realizar-se-á no dia 14 de junho de 2022, às 17h00 em 1ª convocação, com 2/3 (dois terços) dos trabalhadores da categoria, ou às 17h30min., em 2ª convocação, com qualquer número de trabalhadores da categoria presente. Todas as assembleias se realizarão na Rua Gaspar Lourenço, 514, Vila Mariana, São Paulo/SP, com a seguinte ordem do dia: 1) Aprovar, ou não, os termos da CCT negociada com a entidade patronal, cuja data-base é 1º de maio de 2022; 2) Aprovar, ou não, a continuação da Assembleia, que se manterá permanente até o final das negociações, ficando autorizado o presidente da Federação a convocar através de boletins, sessões de assembleias extraordinárias presenciais e virtuais; 3) Deliberar quanto à aprovação, ou não, da contribuição assistencial e/ou da taxa negocial ou outras para custeio da entidade sindical a ser descontada em folha de pagamento de todos os trabalhadores das categorias, revertida em favor da entidade sindical como forma de solidariedade e retribuição ao grupo associativo pela representação das negociações coletivas e abrangência do instrumento normativo que delas resultarem; 5) Concessão de poderes à diretoria da entidade sindical para, em conjunto com os sindicatos da categoria ou isoladamente, manter negociações coletivas, celebrar acordos, convenções coletivas de trabalho ou aditivos, para as cidades e regiões onde não existam sindicato organizados, ou que estejam sob intervenção da Federação bem como tomar as medidas que julgar necessárias, na busca de solucionar as negociações coletivas. São Paulo, 02 de maio de 2022. Lourival Figueiredo Melo - Presidente.

EDITAL DE LEILÃO DE ALIENAÇÃO FIDUCIÁRIA
Ana Claudia Carolina Campos Frazão, Leiloeira inscrita na JUCESP sob o nº 836, com escritório Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, devidamente autorizada pelo Credor Fiduciário ITAÚ UNIBANCO S.A, inscrito no CNPJ sob nº 60.701.190/0001-04, com sede na Praça Alfredo Egydio de Souza Aranha, nº 100, Torre Olavo Setubal, na Cidade de São Paulo/SP, nos termos do Instrumento Particular de Venda e Compra de bem imóvel, Financiamento com Garantia de Alienação e Outras Avenças de nº 10127486109, no qual figura como Fiduciante FERNANDO LUIS REMBERG TOPA, CPF/MF nº 059.442.048-26 e sua mulher SORAIA ALVES REMBERG TOPA, CPF/MF nº 126.270.468-96, levará a PÚBLICO LEILÃO de modo Presencial e On-line, nos termos da Lei nº 9.514/97, artigo 27 e parágrafos, no dia 19 de maio de 2.022, às 15h30min, à Rua Hipódromo, 1141, sala 66, Mooca, São Paulo/SP, em PRIMEIRO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 1.500.103,63 (Um milhão Quinhentos Mil Cento e Três Reais e Sessenta e Três Centavos), o imóvel objeto da matrícula nº 398.175 do 11º Cartório de Registro de Imóveis de São Paulo/SP, com a propriedade consolidada em nome do credor Fiduciário constituído por: *"Casa nº 16, do projeto de tipo B1, com frente para a via de circulação interna, integrante do empreendimento denominado "Condomínio Residencial Palmeiras", situado na Rua Engelbert Romeo, nº 124, e Rua Varsóvia, no bairro do Rio Bonito, lugar denominado dos Guerras, no 32º Subdistrito – Capela do Socorro, com a área real privativa construída de 157,180m², mais a área real privativa de quintal e garagem de 85,416m², totalizando a área real privativa de 242,596m², e mais uma área real comum 60,501m², perfazendo uma área real de 303,097m², sendo 160,956m² de área coberta aprovada e 142,133m² de área descoberta, correspondendo-lhe uma fração ideal de áreas construídas de 0,028568, cabendo-lhe ainda, um terreno de utilização exclusiva de 161,880m², mais uma área ideal sobre o terreno comum de 60,501m², totalizando uma área ideal de 222,381m² ou 0,031514, que corresponde a sua participação sobre o todo do terreno condominial"*. Obs. Ocupado. Desocupação por conta do adquirente, nos termos do art. 30 da lei 9.514/97. Ônus do imóvel: Consta Ação de Execução - Penhora – Processo nº 1007182-63.2019.8.26.0002. (Esta penhora será baixada pelo credor fiduciário) Caso não haja licitante em primeiro leilão, fica desde já designado o dia 31 de maio de 2.022, às 15h30min, no mesmo horário e local, para realização do SEGUNDO LEILÃO, com lance mínimo igual ou superior a R$ 750.051,82 (Setecentos e Cinquenta Mil Cinquenta e Um Reais e Oitenta e Dois Centavos). Todos os horários estipulados neste edital, no site do leiloeiro (www.FrazaoLeiloes.com.br), em catálogos ou em qualquer outro veículo de comunicação consideram o horário oficial de Brasília-DF. O(s) devedor(es) fiduciante(s) será(ão) comunicado(s) na forma do parágrafo 2º-A do art. 27 da lei 9.514/97, incluído pela lei 13.465 de 11/07/2017, das datas, horários e locais da realização dos leilões fiduciários, mediante correspondência dirigida aos endereços constantes do contrato, inclusive ao endereço eletrônico ou por edital, se aplicável, podendo o(s) fiduciante(s) adquirir sem concorrência de terceiros, o imóvel outrora entregue em garantia, exercendo o seu direito de preferência em 1º ou 2º leilão, pelo valor da dívida, acrescida dos encargos e despesas, conforme estabelecido no parágrafo 2º-B do mesmo artigo, ainda que, outros interessados já tenham efetuado lances, para o respectivo lote do leilão. O envio de lances on-line se dará exclusivamente através do site www.FrazaoLeiloes.com.br, respeitado o lance mínimo e o incremento mínimo estabelecido, em igualdade de condições com os participantes presentes no auditório de leilão de modo presencial, na disputa pelo lote do leilão, com exceção do devedor fiduciante, que poderá adquirir o imóvel preferencialmente em 1º e 2º leilão. Os interessados em participar do leilão de modo on-line, deverão se cadastrar no site www.FrazaoLeiloes.com.br, e se habilitar acessando a página deste leilão, clicando na opção HABILITE-SE, com antecedência de até 01 (uma) hora, antes do início do leilão presencial, não sendo aceitas habilitações após esse prazo. A venda será efetuada em caráter "ad corpus" e no estado de conservação em que se encontra. O proponente vencedor por meio de lance on-line ou presencial terá prazo de 24 horas depois de comunicado expressamente pelo leiloeiro acerca da efetiva arrematação do imóvel, condicionada ao não exercício do direito de preferência pelo devedor fiduciante, para efetuar o pagamento, por meio de transferência bancária, da totalidade do preço e da comissão do leiloeiro correspondente a 5% sobre o valor do arremate. A transferência bancária deverá ser realizada por meio de conta bancária de titularidade do arrematante ou do devedor fiduciante, mantida em instituição financeira autorizada pelo BCB - Banco Central do Brasil. As demais condições obedecerão ao que regula o Decreto nº 21.981 de 19 de outubro de 1.932, com as alterações introduzidas pelo Decreto nº 22.427 de 1º de fevereiro de 1.933, que regula a profissão de Leiloeiro Oficial. (HP_1716-01)

São os comentários, estúpido!

Comentários e reações se tornam mais importantes que post editorializado

Ronaldo Lemos

Advogado, diretor do Instituto de Tecnologia e Sociedade do Rio de Janeiro

Quer influenciar pessoas? Ou vender ideias e produtos? Então esqueça posts, vídeos, influenciadores e outros conteúdos que aparecem na parte de cima das redes sociais. O que importa cada vez mais é a parte de baixo: os comentários, as reações, as respostas, as repercussões e as interações ao que é postado.

O que domina no mundo de hoje é o aparente caos da parte aberta e livre para interação nas redes sociais. Seria esse o surgimento de uma nova democracia na comunicação? Ou o triunfo do "povo" em sua sabedoria descentralizada?

Nada disso! O que acontece é que grupos econômicos e políticos, que já têm poder, aprenderam técnicas para controlar a parte de baixo das mídias sociais. Essas técnicas envolvem uso de robôs, sockpuppets e times coordenados de forma centralizada para espalhar a "mensagem" ou a "ação" que é do interesse desses grupos.

Tudo com uma diferença importante. Na parte de cima, o conteúdo pelo menos é assinado, dá para saber de onde veio e há um mínimo de responsabilidade editorial envolvida. Na parte de baixo, o conteúdo se disfarça de "voz do povo", de pessoas aparentemente desinteressadas expressando sua opinião. Mas o que ocorre, na verdade, é o uso de dinheiro, pessoas e o emprego de poder computacional para dominar os espaços interativos das redes sociais.

Os exemplos são muitos. A começar por uma marca de roupas que vem fazendo enorme sucesso justamente por utilizar de forma implacável esse tipo de marketing que atua nas caixas de comentários das redes sociais. A marca usa não só influenciadores para espalhar seus produtos mas também um exército de pessoas e contas controladas que patrulham as redes sociais falando bem dos seus produtos e rebatendo na hora quaisquer críticas à qualidade das roupas ou seu modo de produção.

Ou ainda o caso dos fãs da cantora Anitta que usaram uma estratégia para fazer parecer que a cantora estava sendo ouvida mundialmente no Spotify. Grupos coordenados atuaram na plataforma, dando a impressão de que a nova música da artista era a mais ouvida no mundo todo. Só que a ação partia exclusivamente do Brasil. Quem olhasse só o Spotify pensaria estar diante de um fenômeno "espontâneo". A realidade era uma ação coordenada e oculta ocorrendo nos bastidores.

O mesmo tipo de questionamento surgiu com relação ao vencedor do Big Brother Brasil. As votações do programa estão cada vez mais coordenadas e articuladas por equipes de marketing ligadas aos participantes. Quem tem mais dinheiro e mais poder computacional controla mais votos.

Esse é exatamente o problema. Não há "voz do povo" aqui, mas sim efetividade de novos métodos ocultos de marketing. Ou ainda, há uma nova lei do mais forte, pela qual quem tem dinheiro e poder computacional domina os espaços abertos da esfera pública digital.

Em suma, daria para dizer para quem ainda não percebeu: a comunicação do presente está nos comentários e reações, estúpido! Só que estúpido, no caso, somos todos nós, arrebatados por um novo tipo de marketing centralizado que se disfarça de multidão anônima.

READER

Já era Orkut

Já é A volta de um novo Orkut

Já vem O "já era" do novo Orkut

Venda de carros tem leve alta em abril, mas cai 21% no ano

SÃO PAULO A venda de veículos leves e pesados em abril mostra sinais de melhora. Foram comercializadas 147.256 unidades, alta de 0,3% ante março, que teve dois dias úteis a mais. Os dados são baseados no Renavam (Registro Nacional de Veículos Automotores).

A leve melhora, contudo, ainda está longe de compensar as perdas em 2022. Ante abril de 2021, houve queda de 15,9%. Nesta segunda (2), ocorre a cerimônia de posse do novo presidente da Anfavea (associação das montadoras), Márcio de Lima Leite. Ele substitui Luiz Carlos Moraes, que volta a se dedicar exclusivamente à Mercedes-Benz do Brasil, onde ocupa o cargo de diretor de comunicação corporativa e relações institucionais.

Leite é diretor jurídico e de relações institucionais do grupo Stellantis na América do Sul. **Eduardo Sodré**

Morre Carlos Eduardo Moreira Ferreira, que presidiu a Fiesp

Empresário, que também comandou a CNI e foi deputado, tinha 83 anos

SÃO PAULO Morreu neste domingo (1º), aos 83 anos, Carlos Eduardo Moreira Ferreira, empresário que presidiu a Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e a CNI (Confederação Nacional da Indústria) e foi deputado federal pelo antigo PFL, eleito em 1998 por São Paulo. A causa da morte não foi informada.

Carlos Eduardo Moreira Ferreira, que presidiu a Fiesp entre 1992 e 1998 e a CNI em dois períodos, entre 1999 e 2002, e foi um dos dos responsáveis pela concepção do Telecurso 2000 Ichiro Guerra - 21.mar.00/Folhapress

Natural da capital paulista, Ferreira era advogado ligado ao setor de energia elétrica e presidiu a antiga Companhia Paulista de Energia Elétrica, que nos anos 1960 atendia 18 municípios do interior paulista.

Nos anos 1980, tornou-se vice-presidente da Fiesp, quando se dedicou à elaboração do Plano de Ação do Sistema CNI. Foram dois mandatos como presidente da Fiesp e do Ciesp (entre 1992 e 1998), período em que vivenciou o impeachment de Fernando Collor, a hiperinflação, a sobrevalorização do real, os juros elevados e a abertura do mercado brasileiro, segundo a Fiesp.

Em nota de pesar, a federação paulista afirmou que Moreira Ferreira "deixa um efetivo legado para a indústria e para o Brasil" e "será uma eterna referência como líder setorial", uma vez que defendeu "bandeiras importantes como a quebra de monopólios estatais e reformas estruturais (administrativa, previdenciária e tributária)".

"O setor produtivo perdeu um grande líder, que será sempre lembrado pela habilidade política e pela notável atuação em favor do desenvolvimento da indústria de São Paulo e do Brasil", disse em nota a CNI, entidade que presidiu nos períodos de 3 de agosto de 1999 a 17 de setembro de 2001, e de 5 de junho a 8 de outubro de 2002.

Também em nota de pesar, a Firjan (Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro) afirmou que, depois de chegar à presidência da Fiesp, em 1992, Moreira Ferreira "lutou pelas reformas e desonerações tributárias, uma dentre tantas pautas nas quais era parceiro da Firjan".

A federação paulista destaca que a gestão do empresário foi "marcada por um olhar social", com um "ambicioso programa de educação a distância do Sesi-SP e do Senai-SP, em parceria com a Fundação Roberto Marinho e transmitido pela TV".

O programa em questão era o Telecurso 2000, diz a Firjan, ressaltando que Moreira Ferreira foi um dos responsáveis pela concepção e lançamento da iniciativa de educação a distância.

"O programa atingia cerca de 30 milhões de brasileiros fora do sistema escolar", diz a nota da federação do Rio.

"Por sua forte atuação em prol do desenvolvimento da indústria e do país, foi agraciado pelo governo federal com a Ordem do Mérito Militar no grau de Comendador especial e com o grau de Grande-Oficial da Ordem do Mérito Empresarial, classe industrial, pelo governo de Portugal", informa a nota da Firjan.

Carlos Eduardo Moreira Ferreira deixa A mulher e quatro filhos.

Catador recolhe material recém-despejado no lixão de Águas Lindas de Goiás, cidade no entorno do Distrito Federal Gabriela Biló/Folhapress

Ritmo do governo Bolsonaro para fechar lixões joga meta para 2063

Presidente assinou plano que prevê fim da destinação de resíduos até 2024, mas programa patina

Vinicius Sassine

ÁGUAS LINDAS DE GOIÁS (GO) Uma das principais promessas do governo de Jair Bolsonaro (PL) para a área ambiental, o fim dos lixões e aterros controlados no país tem andado em ritmo lento. Na toada atual, a meta de interromper o uso desses locais em 2024 vai atrasar quase 40 anos — o objetivo só seria alcançado em 2063.

Dados do panorama anual elaborado pela Abrelpe, associação que reúne empresas do setor de coleta de lixo, apontam que em 2018 havia 3.001 municípios sem aterros sanitários, destinando resíduos a lixões e aterros controlados. Em 2020, eram 2.868 municípios.

Isto significa que houve evolução em 133 municípios. Mantido este ritmo, seriam necessários mais 43 anos para zerar os lixões, o que jogaria a meta do governo para 2063.

O ritmo é mais lento do que o verificado de 2017 para 2018, quando o número de municípios com destinação inadequada caiu de 3.352 para 3.001.

A atual gestão lançou, em abril de 2019, o programa Lixão Zero, capitaneado pelo então ministro Ricardo Salles, demitido em 2021.

O objetivo era, com uma iniciativa voltada para as cidades, contrapor-se ao fracasso da política ambiental do governo para os biomas brasileiros, Amazônia em especial, onde houve o maior desmatamento dos últimos 15 anos.

No último dia 13, em um evento no Palácio do Planalto, Bolsonaro e o atual ministro do Meio Ambiente, Joaquim Leite, assinaram o decreto que institui o Plano Nacional de Resíduos Sólidos. Ele prevê o fim da destinação de resíduos a lixões e aterros controlados a partir de 2024, mas o ritmo do Lixão Zero, vitrine de Salles, Leite e Bolsonaro, mostra que isso só ocorreria em 2063.

Uma visita a um desses lixões mostra a dura realidade de quem vive ali.

As dezenas de catadores que reviram todos os dias o lixão de Águas Lindas de Goiás, no entorno do Distrito Federal, torcem para estar no melhor lugar da fila por volta das 17h, quando aparece diariamente um caminhão com lixo recolhido em Brasília.

Com a crise, o arrefecimento da pandemia e a perda de renda nos dois anos que se passaram, há cada vez mais gente ali. A torcida é para estar à frente quando chega o caminhão com lixo que seria de Ceilândia, que tem material mais valioso que o de Águas Lindas, uma cidade pobre a 50 quilômetros do centro de Brasília.

"De Águas Lindas, vem só a 'bagaça', porque tem muito catador na rua, que recolhe o material antes de chegar aqui", diz Márcio Jesus, 30, uma vida inteira no lixão. "Do DF, vem mais material, inclusive latinha. Mas a gente não dá preferência, é o que chegar."

Jesus, pai de duas crianças, é de Feira de Santana (BA). Está em Águas Lindas desde os primeiros anos de vida. No lixão a céu aberto da cidade, "desde que se entende por gente". "Minha mãe já me trazia aqui no carrinho de mão", diz ele.

O vínculo quase eterno com o lixão, que se repete com dezenas de catadores que ali estão em condições subumanas de trabalho, é a evidência de um fracasso histórico. O Brasil não consegue eliminar os lixões e aterros controlados, outra forma inadequada para destinação de lixo.

O Ministério do Meio Ambiente usa números diferentes dos apresentados pela Abrelpe, considerados referência no setor, para defender que a redução dos lixões está andando em um ritmo mais rápido.

A pasta usa dados de uma entidade parceira do governo desde o início da gestão Salles, a Abetre, de empresas interessadas na concessão da gestão de resíduos. Segundo o ministério, 645 lixões já foram fechados, e faltariam 2.612.

"O encerramento dos lixões não pode ser calculado por meio de uma regra de três simples. Depende de um conjunto de medidas estruturantes para possibilitar a viabilidade técnica e econômica do encerramento", afirmou o Ministério do Meio Ambiente, em nota. "Não estamos ainda em 2024 para se dizer que algo foi ou não alcançado."

A Abetre atualiza os dados com maior frequência, e por isso a pasta usa os dados da associação, segundo a nota.

> O encerramento dos lixões não pode ser calculado por meio de uma regra de três simples. Depende de medidas para possibilitar a viabilidade técnica e econômica
>
> **Ministério do Meio Ambiente**

"O Lixão Zero está em plena execução, cumprindo seus objetivos e com resultados expressivos. Foi criado para reverter o baixo resultado obtido nos oito anos que seguiram ao lançamento da Política Nacional de Resíduos Sólidos, em 2010, período que abrangeu três gestões no Executivo federal — essas sim, sem nenhum resultado expressivo no tema."

Pelo menos seis cidades no entorno de Brasília seguem sem aterro sanitário. Águas Lindas, por exemplo, não tem nenhuma parceria em andamento com o governo federal para mudar essa realidade, segundo a prefeitura.

"O município tem trabalhado para atender a legislação, mas tem enfrentado dificuldades locacionais e financeiras como a maioria", disse a prefeitura em nota.

A meta de eliminar todos os lixões até 2024 já consta da lei de 2020 que atualizou o marco legal do saneamento básico. O cronograma previsto na lei também está atrasado.

Uma saída proposta pelo governo Bolsonaro, mencionada no Plano Nacional de Resíduos Sólidos, é cobrar de 100% dos brasileiros, também até 2024, uma taxa de limpeza urbana. Dados de 2020 mostram que essa cobrança é feita por 29,2% dos municípios.

O primeiro rascunho do plano previa que os 100% de cobrança só seriam alcançados em 2040. A determinação também está expressa no novo marco do saneamento, conforme o ministério.

No lixão de Águas Lindas, catadores dividem espaço com urubus. O caminhão com lixo de Brasília descarrega muito resto de comida, recolhido de restaurantes. Esses restos também interessam a uma parcela dos catadores, para alimentar porcos.

Tanto Águas Lindas quanto o DF dizem que não há caminhões do governo do DF despejando resíduos ali. O lixo de Brasília vai para um aterro sanitário, diz o governo local.

O que pode estar ocorrendo é um descarte por iniciativa de grandes geradores de resíduos, segundo o SLU (Serviço de Limpeza Urbana do DF), o que é crime ambiental.

Laura Tauane acaba de completar 18 anos. São 11 anos no lixão, primeiro com a mãe, agora com o marido. "É uma vida inteira. Queria fazer qualquer outra coisa que não fosse trabalhar aqui", diz ela, mãe de três filhos.

Aurineide dos Santos chegou ao lixão quando tinha 40 anos. Está com 54. Três de seus oito filhos a acompanham na coleta. Os dias mais disputados no lixão reúnem até 70 pessoas, diz.

O Ministério do Meio Ambiente disse apoiar os municípios no fim dos lixões. Sobre os do entorno de Brasília, afirmou que o assunto deveria ser tratado com as prefeituras.

A prefeitura de Águas Lindas disse ter sancionado uma lei para gestão integrada de resíduos e afirmou atuar para identificar soluções alternativas de descarte.

'Yanomamis foram ameaçados e silenciados', diz líder indígena

COTIDIANO

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO Os yanomamis estão com muito medo de falar sobre o suposto estupro e morte de uma menina de 12 anos porque foram silenciados e ameaçados, disse à Folha o líder indígena Júnior Hekurari Yanomami, presidente do Conselho Distrital de Saúde Indígena Yanomami e Ye'kwana (Condisi-YY).

Foi ele quem trouxe o caso à tona em um vídeo nas redes sociais na semana passada e quem visitou a região em Roraima, junto a equipes da Polícia Federal, Ministério Público Federal, Funai (Fundação Nacional do Índio) e Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena).

O grupo encontrou um acampamento ilegal de garimpeiros que fica a 500 metros da aldeia. "Os yanomamis estavam com muito medo de falar. Eles diziam: 'Não sei, não sei', 'eu sou gerente dos garimpeiros', 'tem pistola, tem pistola'. Aí perguntei onde estava a comunidade e disseram que estava no mato. Eles não falavam absolutamente nada. Foram bem orientados, eu percebi isso", afirma Júnior.

Um vídeo gravado por garimpeiros dias antes mostra um homem com parte desses indígenas: "Estão dizendo que mataram uma índia, estupraram e jogaram, viemos aqui para relatar que isso é uma mentira. Isso é uma verdade ou uma mentira? Aconteceu?", pergunta ele às quatro pessoas, que apenas balançam a cabeça e dizem "não".

Júnior acrescenta que, na quarta, "os indígenas só queriam salvar materiais dos garimpeiros: geladeira, freezer, TV. O delegado falou que não podiam levar, mas mesmo assim levaram algumas coisas". Durante as duas horas em que permaneceu ali, a PF destruiu parte do ponto de logística.

Apenas cinco a dez minutos de barco e caminhada separam o acampamento da aldeia Aracaçá, onde a comitiva esteve na quinta (28 . Porém, eles só encontraram as casas queimadas, sem ninguém. Antes moravam 25 pessoas.

"Percebi que tinha a marca de cremação de um corpo. Quando um yanomami morre, cremamos o corpo para ritual. Em seguida abandonaram a comunidade. Estão dentro da mata", diz Júnior.

A **Folha** procurou a PF e o MPF, mas não teve resposta. Após a ida à aldeia, os órgãos divulgaram notas que dizem que não encontraram indícios de crimes na região e que as apurações continuariam.

"É uma situação muito grave. Não pode concluir a investigação com duas horas de visita. Tem que ser continuado", cobra Júnior, que também pede a apuração de outros supostos crimes contra yanomamis.

Raias invadem rio Tietê e geram temor de acidentes

Barragens para Usina de Itaipu mudaram curso dos peixes que têm ferrões

Ana Bottallo

SÃO PAULO Nos últimos anos, novos moradores passaram a ser vistos nos afluentes dos rios Paraná e Tietê, no interior de São Paulo. São as raias de água doce, mais especificamente espécies do gênero *Potamotrygon*.

Com seu formato de disco e corpo recoberto de bolinhas pretas e amarelas que lembram uma estampa de leopardo, esses peixes cartilaginosos, apesar de não serem exóticos, são considerados invasores —isto é, não ocorrem originalmente ali. Essa presença tem acendido um alerta em especialistas.

As raias (ou arraias, os dois são usados igualmente para esses peixes que, junto com os tubarões, formam os elasmobrânquios) possuem mais de 600 espécies no mundo, das quais cerca de 30 são de água doce e endêmicas da América do Sul.

Apesar da sua presença bem demarcada na região Amazônica e no Pantanal, sua distribuição ao sul era limitada abaixo da bacia do rio Paraguai, comum apenas na bacia do rio Prata, na Argentina.

Com a formação das barragens no rio Paraná, especialmente para construção da Usina de Itaipu, levando à transposição da barreira natural de Sete Quedas, esses animais conseguiram subir o rio e já se espalham por quase todo o território do interior dos estados de São Paulo e Paraná.

Em cerca de 30 anos, os peixes já avançaram 140 quilômetros acima do rio Tietê, uma velocidade extremamente rápida para animais com cerca de 1 metro de comprimento e que geralmente ficam na beira dos rios, sem percorrer longas distâncias. O problema, segundo especialistas, é que as raias são animais peçonhentos e a sua presença em novos locais tem levado a um aumento de acidentes.

"A primeira vez que soube da presença de arraias no Paraná foi há 20 anos, no pontal do Paranapanema [afluente do rio Paraná], próximo ao município de Teodoro Sampaio, em São Paulo. Nesse tempo, elas subiram em uma velocidade inacreditável, e agora já há dados da presença delas no baixo do rio Tietê, em cidades como Três Lagoas e Itapura e, mais recentemente, Araçatuba e Buritama", explica o professor da Faculdade de Medicina da Universidade Estadual Paulista (Unesp) de Botucatu, Vidal Haddad Júnior.

Embora sejam consideradas pouco agressivas, os acidentes com as raias surgem quando são pisadas. Nesse momento, para se defenderem, elas usam suas caudas como se fosse um chicote. Elas têm também um ferrão repleto de veneno abaixo do rabo e costumam atingir principalmente pés e pernas.

Em sua pesquisa de doutorado na Unesp, a enfermeira Isleide Moreira documentou a invasão desses animais no interior do estado de São Paulo, chegando em áreas conhecidas como "prainhas", muito procuradas pelas populações locais como opção de lazer e turismo.

O registro mais longevo que ela encontrou em sua análise foi em Buritama, cidade localizada a 531 km da capital.

Segundo a bióloga Patricia Charvet, da Universidade Federal do Ceará, as raias da família Potamotrygonidae (da qual fazem parte as espécies encontradas no Tietê) já são reconhecidas na região amazônica como uma das principais causas de afastamento por motivos de saúde dos pescadores.

"É importante destacar que a ferroada é um mecanismo de defesa desses animais. Elas vivem em geral enterradas em ambiente arenoso e não muito fundo, e é em situações assim que o acidente pode ocorrer, ou no momento de manuseio após a pesca", afirma.

Charvet ressalta que comunidades ribeirinhas na Amazônia e também na Argentina já possuem comportamento "adaptado" para as raias: os locais costumam entrar nos rios "arrastando" os pés no fundo, sem levantá-los, pois ao menor contato as raias costumam fugir.

Como é um tipo de acidente que não costuma ter registro, faltam dados oficiais no Brasil sobre lesões causadas por raias.

De acordo com uma pesquisa da Universidade Estadual do Amazonas, do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e da Fundação da Saúde do Estado do Amazonas, publicada em 2018, a incidência de acidentes com raias naquela região é de 1,7 a cada 100 mil pessoas.

Segundo Haddad, a rápida expansão das arraias no Tietê também está relacionado com sua biologia. "São peixes vivíparos, ou seja, dão à luz a filhotes já formados. Como não têm predadores naturais, elas se espalharam de maneira muito rápida. Eu cheguei a coletar mais de 50 bichos em uma mesma manhã", diz.

O ictiólogo (especialista no estudo de peixes) e doutor em zoologia pela USP Thiago Loboda já realizou diversos estudos com as raias e explica que a ação humana nos rios Tietê e Paraná facilitou uma colonização natural do animal.

Para diminuir a ocorrência dos acidentes, o biólogo dá algumas dicas. "O momento de cuidado é ao entrar no rio ou descer de uma embarcação, pois é nessa hora que elas podem ferroar. Entrar correndo, espalhando água para todo lado, não é uma boa, pois elas vão se assustar", explica.

Um dos fatores que comprovam como essas espécies se adaptaram bem aos "novos ambientes" é que estudos genéticos de algumas populações têm mostrado que elas são estáveis, completa ele.

A bióloga e coordenadora do projeto Tubarões e Raias de Noronha, Bianca Rangel, ressalta que há muita preocupação com os acidentes que podem ocorrer no mar com os elasmobrânquios, mas pouca preocupação com casos na água doce.

"Diariamente ocorrem acidentes com raias em todos os rios, principalmente na região amazônica [por ser a maior área de distribuição das espécies], mas as pessoas nem ligam, tratam como se fosse um acidente comum", diz.

Ela afirma que o fato de os animais estarem lá deve agora ser encarado como algo natural, não devendo ser feito um controle. "É aquela velha briga de ambientalistas, no momento em que os empreendimentos são feitos não há uma avaliação a longo prazo dos efeitos que podem gerar [na natureza]. Agora que está feito, não temos como controlar, mas informar sobre o hábito de vida desses animais", afirma.

Segundo Haddad, programas de educação ambiental e conscientização já estão sendo feitos com os pescadores de Pereira Barreto, no baixo Tietê.

"Para os pescadores, é um animal que antes eles não conheciam, e pode parecer estranho. O cuidado de conscientizar, mostrar como reagir, o que deve ser feito, isso é uma forma de reduzir os acidentes", diz.

Avanço das raias de água doce no rio Tietê

Peixes subiram cerca de 140 km rio acima em aproximadamente 30 anos

- Área ampliada abaixo
- Bacia do Baixo Tietê
- Registro de raia de água doce

Buritama é o local mais recente onde foram avistados os animais, em 2021

Onde fica

Ficha técnica

Nome (científico)	Raia de água doce (*Potamotrygon amandoe*)
Tamanho	20 cm a 25 cm
Ameaça para os humanos	Inofensivo

Fonte: Mapeamento de arraias fluviais do gênero Potamotrygon no rio Tietê, no estado de São Paulo; tese de doutorado de Isleide Moreira, 2021

Como não têm predadores naturais, [as raias] se espalharam muito rápido. Eu coletei mais de 50 em uma manhã

Vidal Haddad Júnior
professor da Universidade Estadual Paulista (Unesp)

Crise do clima, se não contida, pode levar a extinção em massa no mar

Phillippe Watanabe

SÃO PAULO Se a humanidade não controlar ao menos em parte a a crise climática, o mundo poderá vivenciar uma extinção em massa nos oceanos, aponta uma uma pesquisa publicada na revista Science.

A extinção massiva ocorreria até 2300, em uma projeção baseada no pior cenário possível calculado pelo IPCC (Painel Intergovernamental de Mudança do Clima da ONU). Mesmo em outro cenário, com emissões um pouco mais baixas, as perdas de espécies seriam significativas nos oceanos, apontam os cientistas.

O estudo foi feito pelos pesquisadores Justin L. Penn e Curtis Deutsch, ambos das universidades Princeton e Washington (EUA). A modelagem feita por eles aponta que é necessário limitar a no máximo 2°C o aumento da temperatura para evitar a tragédia ambiental.

O Acordo de Paris tem como objetivo limitar o aquecimento global a um patamar ainda menor, de 1,5°C, mas até agora não conseguiu frear o aumento. Segundo a pesquisa, mantendo o aquecimento global nesse nível, seria possível reduzir em mais de 70% a gravidade da extinção que ameaça os oceanos.

Os pesquisadores apontam que as cinco grandes extinções da história terrestre ocorreram em associação com mudanças ambientais na Terra, mas nenhuma delas teve ligação com a ação humana.

Em 2021, as temperaturas dos oceanos foram as mais elevadas desde o início dos registros históricos, enquanto a quantidade de gás oxigênio disponível nelas foi provavelmente a mais baixa.

Considerando extinções locais, pesquisadores afirmam que os riscos aumentam em locais em que espécies marinhas estão próximas de seus limites ecofisiológicos, o que costuma ocorrer conforme se aproxima da linha do Equador, com águas mais quentes e/ou menor nível de O_2 no mar.

O modelo feito pelos pesquisadores aponta uma certa sobreposição entre os locais com maior riqueza biológica no oceano e as áreas com as maiores taxas de extinção local.

Mas, parte das espécies que vivem nessas águas mais quentes podem conseguir migrar para mares em latitudes mais altas —antes mais frios e futuramente mais quentes— e encontrar um novo habitat. Já as espécies polares, sem chances em oceanos mais quentes, podem acabar extintas em todo o planeta.

Porém, o quadro pintado pelos pesquisadores é incompleto. O modelo leva em conta só a temperatura e O_2 disponível. Mas a mudança climática afeta os oceanos de outros modos tão graves quanto, como com a acidificação dos mares. Ou seja, as perdas podem ser ainda maiores. E isso tudo ainda sem contar situação mais locais, como poluição e sobrepesca.

Em um comentário sobre o estudo, na mesma Science, os pesquisadores Malin L. Pinsky e Alexa Fredston afirmam que felizmente as emissões de gases não estão no caminho do pior cenário possível, considerando as políticas para limitar as emissões de gases-estufa e o menor crescimento das economias globais.

cotidiano

A empreendedora Sandra Mara durante a entrevista; após o caso, ela mudou de cidade Antonio Molina/Folhapress

Mulher sofre ataques após caso envolvendo morador de rua

Diagnosticada com bipolaridade, ela diz que relação sexual foi fruto de surto

João Gabriel e Raquel Lopes

BRASÍLIA Aos 14 anos, Sandra Mara Fernandes começou a trabalhar numa lavoura de café em Minas Gerais, estado em que nasceu. Aos 18, se mudou para o Distrito Federal. Foi empregada doméstica, manicure e recepcionista, até abrir uma loja de roupas.

Desde março, sua vida tornou-se pública. Sandra, 34, virou notícia por ter tido relação sexual com um morador em situação de rua —Givaldo Alves de Souza, 31— dentro de um carro, na cidade de Planaltina (Distrito Federal).

Passou a sofrer ataques nas redes sociais. Recebe com frequência mensagens com xingamentos e insultos de cunho sexual, entre outras ofensas que classifica como humilhantes. Já bloqueou mais de 80 contatos no seu celular.

Precisou vender sua loja e mudar-se de cidade. O marido, o personal trainer Eduardo Alves, também é alvo de ataques em suas redes sociais de uso profissional. Na Justiça, a empreendedora obteve uma liminar proibindo Gilvado de falar publicamente sobre ela.

"Ele me expôs como mulher, como ser humano, ele me atacou de todas as maneiras possíveis, ele acabou ali com a minha moral. Criaram perfis falsos em meu nome usando as minhas fotos. A população acreditou que tudo aquilo que ele falou era verdade", disse Sandra à **Folha**.

Acompanhada de Eduardo e de sua advogada, ela conversou com a reportagem no sábado (30). Procurado, Givaldo não respondeu.

"Vivemos numa sociedade machista e por isso tenho sofrido ataques. O que mais me dói é quando sou atacada por outras mulheres. Porque vir de outra mulher é muito sofrido."

Em tratamento psiquiátrico, Sandra conta que evita sair à rua. Em uma ocasião, segundo ela, estava com a filha e o marido em uma praça e um grupo de jovens gritou o nome de Givaldo em sua direção.

Ela demonstra ter forte ligação com a religião e se converteu evangélica quatro dias antes do episódio que mudaria sua vida. À **Folha**, ela descreveu com detalhes o que se passou naquele dia. Era período da tarde e Sandra estava com a sogra e a filha na rua quando uma pessoa apareceu querendo ver a Bíblia que ela lia.

No que mais tarde foi diagnosticado como surto psicótico, fruto de um transtorno bipolar ainda por ela desconhecido, Sandra diz ter visto no homem a representação de Deus e também de seu marido.

Já sem a companhia da filha e da sogra, voltou a encontrar o homem momentos depois. Os dois conversaram e foram de carro até uma área deserta. Lá ocorreu o ato sexual.

Na sua cabeça, afirma Sandra, havia um propósito naquilo tudo: realizar o desejo do marido e o seu de mudar de vida financeiramente.

Ela imaginava que consumar o ato sexual poderia concretizar o sonho de ter uma vida melhor. Na alucinação, relata, isso a levaria a ganhar na Mega-Sena. O jogo naquele momento pagava mais de R$ 100 milhões ao vencedor, dos quais R$ 10 milhões ela diz que doaria para a sua igreja.

Eduardo encontrou os dois no carro e agrediu o homem. Uma câmera de segurança registrou o episódio, que virou uma ocorrência policial. Sandra foi levada ao hospital ainda atônita, sem entender o que aconteceu, e lá recebeu documentos que costumam ser fornecidos a pessoas vítimas de abuso sexual.

Depois de medicada, foi para casa, onde teve mais dois surtos. Em um, conta, achava que seu pai, a madrasta e o sobrinho eram Satanás. Segundo ela, precisou ser levada amarrada para um hospital, onde foi internada para tratamento psiquiátrico.

O nome de Givaldo, de acordo com a empreendedora, só foi saber 15 dias depois. Aí se deu conta de que ele não se tratava de uma "divindade".

"Comecei a ter crises de ansiedade e tiveram que reforçar um medicamento. Comecei a dormir mais do que ficar acordada. Como mulher, comecei a sentir nojo de mim", afirma.

Após um mês, Sandra teve alta. Ainda era cercada de cuidados: se isolou de notícias sobre o caso, que àquela altura já havia ganhado repercussão nacional, após uma série de entrevistas de Givaldo.

> Vivemos numa sociedade machista. O que mais me dói é quando sou atacada por outras mulheres. Vir de outra mulher é muito sofrido
>
> **Sandra Mara Fernandes**
> empreendedora

Sandra precisou contratar uma equipe para cuidar de suas redes sociais —ela agora quer usar o dinheiro da venda da loja para abrir um comércio de roupas online.

A empreendedora teme que lidar com o mundo virtual das redes acione um novo gatilho, desencadeando nova crise.

Ela diz que nunca mais se encontrou com a sogra, pois não está preparada para vê-la.

Atualmente, Givaldo vive no Rio de Janeiro. Desde que o caso eclodiu, apareceu em diversos programas de TV e jornais. Passou a ser agenciado por um empresário, Diego Aguiar, conhecido por intermediar negociações de bitcoins.

Aguiar chegou a propor que o caso —que corre em segredo de Justiça— seja resolvido em uma luta entre Givaldo e Eduardo: ao vencedor ofereceu R$ 5 milhões. A **Folha** tentou localizar o empresário, mas não conseguiu contato até a publicação deste texto.

Sandra diz que, até o episódio, não sabia que era bipolar. Achava que seus picos de euforia e tristeza aconteciam em razão da depressão, diagnosticada após a morte da mãe.

"Olhando para trás, tenho consciência que episódios faziam parte da doença que eu já tinha e não sabia", afirma.

Ela diz que se afastou da igreja, mas não perdeu a fé. "Estou afastada por meus familiares acreditarem que o surto tem a ver com religião. A única certeza é que não preciso me colocar dentro de uma igreja para que minha fé em Deus se mantenha."

Fortes chuvas no Rio de Janeiro deixam ao menos um morto

SÃO PAULO Ao menos um pessoa morreu em decorrência de um temporal que atingiu o estado do Rio de Janeiro na nesta sexta-feira (29).

De acordo com a Defesa Civil estadual, bombeiros socorreram cinco pessoas em um rio em São Gonçalo. No entanto, uma delas foi resgatada já sem vida.

Em nota, o órgão afirma que, desde a noite de sexta até a noite deste sábado (30), já atuou em mais de 215 ocorrências em todo o estado. Só na capital, foram 11 resgates de pessoas, 13 cortes de árvores, 11 deslizamentos ou desabamentos e 36 alagamentos ou inundações.

Pelo Twitter, a Defesa Civil informa que os bairros com os maiores registros de solicitações foram Campo Grande (24), Quintino Bocaiúva (10), Jacarepaguá (10), Praça Seca (8) e Madureira (7).

Em decorrência das fortes chuvas, uma barreira caiu e ocupou uma faixa da Autoestrada Grajaú-Jacarepaguá, o que deixou a via interditada.

Ao longo da tarde, a via sentido Grajaú foi totalmente liberada e, até a noite deste sábado, a via no sentido Jacarepaguá estava parcialmente liberada, com uma faixa ocupada no trecho do quilômetro 4 ao 6.

De acordo com o Centro de Operações da Prefeitura do Rio, a capital fluminense estava em estágio de atenção desde as 23h45 de sexta-feira. O município retornou ao estágio de mobilização às 18h30 deste sábado, devido à redução dos acumulados de chuva registrados nas últimas horas.

O chamado estágio de mobilização se refere ao segundo nível, de uma escala até cinco, que significa que há riscos de ocorrências de alto impacto na cidade, podendo afetar a rotina de parte da população.

No fim da tarde do sábado, chuvas foram registradas em áreas isoladas da cidade.

Na manhã deste domingo (1º), o Rio retornou ao estágio de normalidade devido a ausência de previsão de chuvas. Este é o primeiro na escala de cinco estágios que significa que não há ocorrências de grande impacto, ou seja, podem ocorrer pequenos incidentes, mas que não interfiram de forma significativa na rotina do cidadão.

A Defesa Civil informou, por meio das redes sociais, que as equipes seguiram no domingo realizando vistorias após as fortes chuvas. Depois do temporal, a capital fluminense teve um domingo de sol, com termômetros que marcaram até 29°C.

Ciclone deve causar fortes chuvas no Sul do Brasil

SÃO PAULO A formação de um ciclone extratropical deve causar chuvas intensas e volumosas, com raios e ventos fortes, na primeira semana de maio na região Sul do Brasil.

Segundo os meteorologistas, o fenômeno atingirá, principalmente, os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul e trará grandes riscos de alagamentos, deslizamentos, quedas de barreiras em estradas e problemas causados pelo vento, como queda de árvores, interrupção no fornecimento de energia e destelhamento.

O ciclone, que se formou entre a Argentina e o Paraguai e que se encaminha para o Sul do país, produzirá circulação de ventos em vários níveis da atmosfera, que causarão a formação de um grande acúmulo de nuvens carregadas entre o sul de Santa Catarina e o nordeste do Rio Grande do Sul, de acordo o Climatempo.

A previsão do MetSul Meteorologia aponta que a segunda-feira (2) deve ter intensificação das chuvas no norte gaúcho. Já na terça (3), na quarta (4) e na quinta (5), as chuvas devem ser de forte a muito intensas, acompanhadas por ventos fortes.

Segundo o Climatempo, as regiões serranas do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, assim como os litorais do norte gaúcho e do sul catarinense, devem registrar alto volume de chuva acumulado.

"Entre os dias 3 e 5 de maio essas regiões podem alcançar valores entre 200 mm e 300 mm, o que poderá significar o dobro da média de chuva para este mês em alguns locais", aponta a empresa de serviços meteorológicos.

As outras regiões de Santa Catarina, como a Grande Florianópolis, e a maioria dos municípios do Paraná, terão precipitações entre 100 mm e 200 mm, segundo o MetSul.

Nas áreas mais atingidas pelos efeitos do ciclone extratropical, os primeiros dias de maio devem ainda registrar intensas rajadas de vento. De acordo com o Climatempo, a expectativa é que ocorram ventos de 70 a 100 km/h, com frequência do dia 3 ao 5, mas há a possibilidade dessas rajadas chegarem a 130 km/h entre quarta e quinta.

Os especialistas pedem que as populações dessas regiões fiquem alertas às orientações que podem vir da Defesa Civil na tentativa de evitar tragédias.

Mariane Ribeiro

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Amoroso, ajudou os outros sem esperar nada em troca

WELINGTON BRAZ CARVALHO DELITTI (1953 - 2022)

Samuel Fernandes

SÃO PAULO Quando pequeno, Welington Braz Carvalho Delitti tinha um brinquedo que simulava o Velho Oeste americano, com personagens de indígenas e soldados. No roteiro comum da época, seria de se esperar que os indígenas fossem os vilões e os soldados os mocinhos, mas Welington mudava essa narrativa.

"Na sociedade de mais de 60 anos atrás, o índio era um assassino ou bandido, mas Welington tinha essa sensibilidade de perceber que, na realidade, eles só estavam defendendo suas terras. Era dessa forma que ele dramatizava essa brincadeira", afirma Marco Eid, primo de Welington, o qual considerava como um irmão.

Marco diz que essa história ilustra muito bem algumas características do primo, como a bondade. "Ele tinha muito carinho e consideração pelas pessoas e se relacionava com os outros sem preconceito, julgamentos e sem esperar [que receberia algo em] troca."

De origem humilde, Welington nasceu em Penápolis, no interior de São Paulo, e viveu parte de sua infância em um ambiente rural. "Era uma criança que desde muito cedo tinha uma interação com a natureza pelo fato de morar numa fazenda", afirma Marco.

O contato prévio com a natureza tem relação com a profissão que seguiu. Ele ingressou no curso de biologia na USP e lá continuou no mestrado e doutorado. Daí, virou professor do departamento de Ecologia do Instituto de Biociências da universidade.

Uma pesquisa na pós-graduação sobre o ciclo de nutrientes de vegetais teve repercussão internacional. "Ele recebeu um convite do governo da Espanha para fazer um grande trabalho de ecologia", conta o primo.

A filha do biólogo, Luana Delitti, recorda como o pai não se gabava de sua posição, mesmo tendo alcançado o título de professor titular, o mais alto da carreira docente da USP.

"Neste mundo acadêmico, sabemos que existe uma certa luta de ego, principalmente em relação a títulos, mas eu nunca ouvi meu pai falar [desse jeito]", diz Luana.

A filha também relata que o pai sempre se dedicou à criação dela e de seu irmão, sendo extremamente "maternal, amoroso, brincalhão". Até durante os últimos dois anos e cinco meses em que tratava de um câncer no pâncreas, Welington não deixou a família desamparada.

Luana acompanhou o pai durante todo o processo de tratamento da doença, que envolveu até procedimentos experimentais. Mesmo com todos os cuidados, o biólogo não resistiu.

Welington deixa a esposa, Maria Cândida, dois filhos, sobrinhos e primos.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-2000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (15h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Há alerta, falta ação

Pouco exercício físico e consumo alimentar precário contribuem para obesidade

Marcia Castro

Professora de demografia e chefe do Departamento de Saúde Global e População da Escola de Saúde Pública de Harvard

Desde 2006 o Brasil realiza o Vigitel, um inquérito telefônico anual que entrevista adultos com 18 anos ou mais nas capitais dos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal. O Vigitel é um dos inquéritos que compõem o Sistema de Vigilância de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas não Transmissíveis.

O relatório de 2021 do Vigitel, divulgado em abril, mostrou que 11,3% dos adultos já tiveram um diagnóstico de depressão. Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde, esse percentual era de 10,2% em 2019 e 7,6% em 2013. A situação é pior entre mulheres com menor escolaridade, e entre adultos acima de 45 anos. Uma pesquisa feita com grávidas em Fortaleza durante o período de lockdown em maio de 2020 revelou que 45,7% apresentavam sintomas depressivos. Também preocupa a prevalência de depressão e ansiedade entre crianças e adolescentes, cerca de 25% entre 2020 e 2021. A pandemia de Covid-19 certamente contribuiu para essa piora. Preconceito, desinformação e inequidade no acesso e na qualidade do tratamento são barreiras a serem vencidas.

O Vigitel mostrou ainda que 60% dos homens e 55% das mulheres apresentavam sobrepeso e cerca de 1 a cada 5 adultos era obeso. Os números são piores entre os mais velhos e os que possuem menor escolaridade. Vale lembrar que a obesidade aumenta o risco de casos graves e morte por Covid-19, e foi recentemente apontada como um dos fatores que retardam a recuperação de pacientes que sofrem de Covid longa.

A prevalência de sobrepeso e obesidade no país aumenta consistentemente ao longo dos anos. Em 2006, data do primeiro inquérito, cerca de 1 a cada 10 adultos era obeso, e 43% apresentavam sobrepeso. Aqui, três pontos são importantes.

Primeiro, cerca de 39% dos homens e 56% das mulheres não reportaram um nível suficiente de prática de atividade física, enquanto 16% dos adultos eram fisicamente inativos. Novamente, a situação é pior entre aqueles com menos anos de estudo.

Segundo, o padrão de consumo alimentar não é ideal. Apenas 17% dos homens e 26% das mulheres consumiram cinco ou mais porções diárias de frutas e hortaliças, enquanto 22% dos homens e 15% das mulheres referiram o consumo de cinco ou mais grupos de alimentos ultraprocessados. Os mais jovens reportaram consumo mais elevado de ultraprocessados, 28% entre pessoas com idade entre 18 e 24 anos.

Terceiro, cerca de 26% dos adultos em 2021 já haviam recebido um diagnóstico médico de hipertensão arterial e 9% tiveram diagnóstico de diabetes. Esses percentuais foram muito mais elevados entre adultos com 65 anos e mais (61% de hipertensão e 28% de diabetes) e entre os que possuíam 8 anos ou menos de escolaridade (45% de hipertensão e 18% de diabetes).

Esse contexto de atividade física insuficiente e consumo alimentar precário contribui para a tendência de aumento de sobrepeso e obesidade, que por sua vez piora a prevalência de diabetes e hipertensão. A piora desse contexto já vem sendo mostrada pelo Vigitel e outros inquéritos ao longo dos anos.

Com o recente aumento das desigualdades e o envelhecimento populacional em curso, o aumento da carga futura de doenças crônicas e a piora do contexto aqui apresentado são prováveis a não ser que haja ações concretas e imediatas. A demanda por atendimento e procedimentos médicos em função dessa piora poderá ultrapassar a capacidade de resposta do sistema de saúde.

Há dados, o alerta já foi dado há tempos, e a janela de oportunidade para agir a cada dia fica menor. Que os candidatos à presidência apresentem seus planos para reverter essa tendência e garantir uma vida saudável com equidade para a população brasileira.

DOM. Antonio Prata | SEG. Marcia Castro, Maria Homem | **TER. Vera Iaconelli** | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

Alunos autistas cobram cotas em universidades paulistas

USP, Unicamp e Unesp não seguem a lei federal que garante reserva de vagas

Isabela Palhares

SÃO PAULO Estudantes autistas das três universidades estaduais paulistas estão mobilizados para cobrar que as instituições passem a ter cotas para pessoas com deficiência. Eles também reivindicam que sejam adotadas medidas para garantir de fato a inclusão de quem ingressa nos cursos.

No último ano, alunos autistas da USP, Unesp e Unicamp se organizaram em coletivos para cobrar as instituições —juntos, os grupos já reúnem quase 200 estudantes com autismo.

As três universidades, que estão entre as mais prestigiadas do país, seguem na contramão das instituições de ensino federal, que possuem reserva de vagas para pessoas com deficiência.

Os estudantes Carolina Tatiane Cotta Cezario, Giulia Martinovic e Silvano Furtado (da esq. para dir.), que fazem parte de um coletivo de estudantes autistas Zanone Fraissat/Folhapress

"É lamentável que as universidades mais importantes do país não tenham essa preocupação. Não fazem nenhum esforço para garantir o acesso desse grupo aos cursos de graduação e o pior é que não dão condições para que quem entrou consiga estudar com qualidade", diz Guilherme de Almeida, 39, aluno da pós-graduação da Unicamp.

Em 2016, o país aprovou lei determinando que as universidades e institutos federais reservassem vagas para pessoas com deficiência. A regra alterou a Lei de Cotas, que já contemplava a reserva para alunos de escola pública, pretos, pardos e indígenas.

Pela lei, a cota deve ser definida de acordo com a proporcionalidade de pessoas com deficiência do estado em que está a instituição.

As universidades estaduais não são obrigadas a seguir a regra nacional. No entanto, a não adesão é criticada por especialistas, que veem falta de preocupação com a inclusão desse grupo no ensino superior.

USP, Unicamp e Unesp têm histórico de serem mais resistentes a aderir a políticas de inclusão. Elas foram uma das últimas do país a adotar cotas sociais e raciais.

"É triste, mas elas têm uma tradição de não acompanhar as políticas reparatórias a segmentos da sociedade já tão excluídos", diz Luiz Conceição, coordenador de formação do Instituto Rodrigo Mendes.

O acesso de pessoas com deficiência ao ensino superior é muito baixo no Brasil. Segundo o IBGE, o país tem cerca de 17 milhões de pessoas com deficiência, o que representa 8,4% da população com mais de 2 anos. Dados do Censo do Ensino Superior de 2019 mostram que esse grupo representa apenas 0,6% dos matriculados em cursos de graduação.

> É lamentável que as universidades mais importantes do país não tenham essa preocupação. Não fazem esforço para garantir o acesso
>
> **Guilherme de Almeida**
> aluno da pós-graduação da Unicamp

A pouca presença de alunos com deficiência nas universidades e a falta de políticas de inclusão fazem com que sejam comuns situações de discriminação.

Filha de pais surdos, Andressa da Silva, 24, só foi diagnosticada com autismo aos 22 anos, quando já cursava licenciatura em música na Unesp. "Passei a vida toda com diagnósticos errados, achavam que eu tinha dificuldades por ter crescido com pais surdos", conta.

"Quando recebi o diagnóstico de autismo fiquei aliviada porque achei que agora as pessoas saberiam como me auxiliar. Infelizmente, são poucos os que estão dispostos a isso na universidade."

Ela diz que já solicitou a professores que dessem mais tempo para que fizesse uma prova ou pudesse realizar o teste em um ambiente mais silencioso, mas teve o pedido negado.

Pela Lei Brasileira de Inclusão, de 2015, todas as instituições de ensino públicas ou privadas são obrigadas a garantir adaptações necessárias para que alunos com deficiência possam aprender.

Giulia Martinovic, aluna de direito da USP, já sofreu preconceito de professores ao solicitar adaptações. Um docente negou o pedido para que ela apresentasse um trabalho escrito ao invés de apresentar um seminário para toda a sala.

"Ele deu a entender que não mudaria a tarefa porque eu precisava me esforçar para conseguir falar em público. Ele não entende o nível de esforço que um autista precisa fazer para socializar e como isso é estressante para nós."

Por ter tido que conversar com os professores e explicar o porquê das adaptações necessárias, Martinovic criou o coletivo autista para exigir que a universidade tenha uma política de permanência e apoio para todos os estudantes.

"Essa discussão não deve acontecer de forma individual, só quando o aluno procura o professor. A universidade precisa pensar em nós."

Em nota, a USP disse que a lei federal de cotas não se aplica a ela e não respondeu se estuda aderir à reserva de vagas para pessoas com deficiência.

A universidade afirmou ter um programa para atender às demandas desse grupo e que deve ser votado pelo Conselho Universitário a criação da pró-reitoria de inclusão e pertencimento, que terá como missão fazer diagnóstico das necessidades existentes.

A USP sequer sabe quantos alunos com deficiência estudam em seus cursos.

A Unicamp também disse que não precisa seguir a lei federal e que não existe nenhuma regra estadual sobre o tema. Em nota, a instituição listou iniciativas e serviços criados para dar apoio aos alunos com deficiência, mas não respondeu quantos deles estão matriculados em seus cursos.

Já a Unesp diz ter 488 alunos de graduação com algum tipo de deficiência ou diversidade funcional, o que representa 1,2% do total.

Vera Lúcia Capellini, presidente da Comissão Permanente de Inclusão e Acessibilidade, afirma que a universidade estuda aderir às cotas e está em permanente discussão para melhorar as condições para um ensino de qualidade a esses estudantes.

"Sei que eles gostariam e merecem que as respostas e mudanças ocorressem mais rápido, mas estamos fazendo", diz Capellini.

esporte

ESPORTE AO VIVO | 18h F. Cataratas x Corinthians Liga Futsal, NSPORTS | 20h São Paulo x Santos Brasileiro, PREMIERE | 20h30 Heat x 76ers NBA, SPORTV2

Idade não é nada, diz Cesar Maluco, 76, cheio de planos

Ídolo do Palmeiras tem programa de TV, vai lançar cerveja e planeja biografia

Alex Sabino

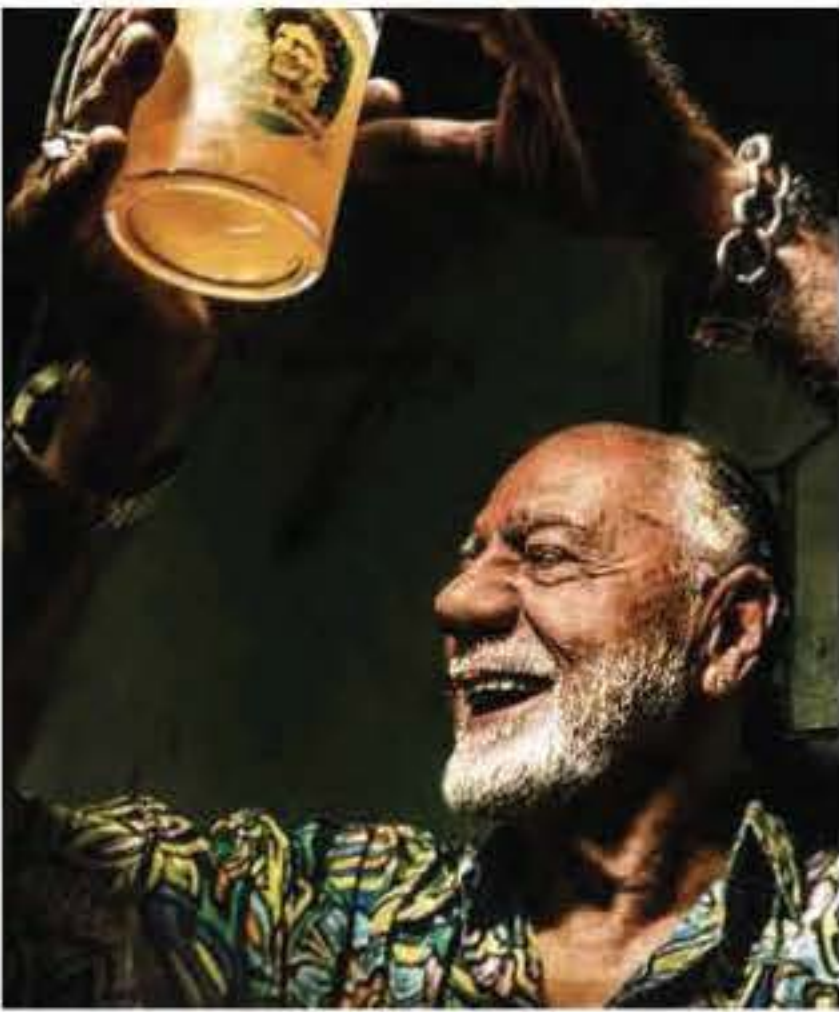
SÃO PAULO Cesar sonhou que estava em uma churrascada e alguém saiu para comprar cerveja. Quando voltou, as latas começaram a passar de mão em mão. "Pô, isso é o sabor do gol", pensou.

Na idade em que seus antigos colegas estão aposentados e inativos, Cesar Augusto da Silva Lemos, o Cesar Maluco, sonha. Aos 76, ele tem um programa de televisão (que também está em plataformas de vídeo, o que o transforma em YouTuber), planeja biografia, mandou fazer um busto de si mesmo para colocar no Palmeiras e, enfim, vai lançar sua própria cerveja.

O slogan é o mesmo que veio à sua cabeça enquanto dormia: o sabor do gol. "Ninguém tem o mesmo gosto. É só meu. Foi um mestre cervejeiro de Londrina quem fez."

Segundo seus sócios, Fabio Caldeira e Mario Colombo, a expectativa é colocar o produto no mercado em dois meses. Não seria a primeira iniciativa do tipo. Outros ex-jogadores fizeram o mesmo, como Vampeta (ex-Corinthians) e Aloisio Chulapa (ex-São Paulo).

"Mas a minha é diferente. É cerveja para quem gosta de beber cerveja, não para colecionar", promete, referindo-se ao valor para o consumidor. Considera que as outras lançadas por antigos atletas são caras demais, com preços superiores a R$ 20. A dele vai sair por cerca de R$ 10.

A cada dia de jogo do Palmeiras, seja no Allianz Parque ou fora, Cesar está em um bar na rua Caraíbas, a poucos metros do estádio, vendendo o seu chope. É um teste de popularidade no local em que se sente à vontade. Pessoas que nunca o viram jogar, mas sabem que está ali um dos maiores ídolos da história do clube, param para conversar e experimentam a bebida.

Cesar ergue a taça e exibe o "sabor do gol" Karime Xavier/Folhapress

Inconformado sobre a distância dos jogadores atuais com o público, Cesar Maluco afirma que tudo o que fez foi para manter essa proximidade com o torcedor. A verdadeira morte é ser esquecido, diz.

"Eu fui um atleta de nome. Quando fazia um gol, olhava para o torcedor de forma distante, do campo para a arquibancada. Depois que parei, falei para mim mesmo: esses são os meus verdadeiros amigos. Eu vou a eventos no interior, tem gente da minha idade que chora. É a coisa mais linda."

Cesar Maluco (que um dia odiou esse apelido) fez 182 gols em 327 jogos pelo Palmeiras entre 1967 e 1974. É o segundo maior artilheiro da história da equipe, atrás apenas de Heitor (323). Também é o segundo na lista de principais goleadores alviverdes no dérbi, o clássico com o Corinthians, com 14 anotados.

Foi campeão brasileiro em 1967 (duas vezes, Roberto Gomes Pedrosa e Taça Brasil), 1969, 1972 e 1973. Ganhou o Paulista em 1972 e 1974.

Suas velhas aventuras pela noite de São Paulo, acompanhado por outros jogadores e jornalistas, tornaram-se folclóricas. Para não perder horário de treino pela manhã, saía da balada para dormir na arquibancada do antigo estádio Palestra Itália. São essas histórias que compartilha com os torcedores que o procuram para dar um abraço e tirar uma foto na Caraíbas, entre um chope e outro.

"Eu parei [de jogar] em 1979. Dali para a frente, não tem nada mais. Só o que me restou foi o carinho do torcedor. Tem quem tenha parado de jogar e continue achando que é jogador, quer ficar distante. É o torcedor quem deixa a família em casa, tira aquele dinheirinho do bolso e paga para nos ver. Isso é amor. O amor que eles tiveram por mim eu tento retribuir", explica.

Para manter essa proximidade, ele também apresenta, comenta e conta histórias no "Cesar Maluco na Área", programa transmitido semanalmente pela TV Aberta, emissora comunitária de São Paulo, disponível no YouTube. Com a ajuda de um jornalista, produziu biografia que ainda pensa quando lançar ("são muitas histórias", afirma).

Seu irmão, o ex-jogador e artista plástico Lemos, fez um busto que ele queria colocar na área do tênis do clube social, mas que agora espera ver instalado na sala de troféus do Palmeiras. "Eu vou esperar que alguém faça por mim? Eu, não. Fui lá e fiz!"

Conversar com Cesar Maluco é escutar um arsenal interminável de histórias dos anos 1960 e 1970. Nem todas publicáveis. Às vezes disperso, começa uma, depois emenda outra sem terminar a primeira, mas adora ter uma audiência, alguém que escute e, principalmente, saiba quem ele foi: um dos maiores jogadores da história do Palmeiras.

"Eu tive uma infância muito humilde. Torcia muito para o Dida [meia do Flamengo]. Chorava pelo Dida. Então, eu sei como o torcedor se sente quando tem um ídolo. Eu abraço, fico à vontade. Receber um abraço, dar um autógrafo, é lindo", resume.

Esta é a melhor explicação que consegue dar quando questionado por que quer lançar uma cerveja com seu nome e seu rosto no rótulo.

"Se tem alguma coisa que eu ainda quero fazer na vida? Ah, tem. Voltar a dar alguma alegria ao torcedor. Tenho tempo. Idade não é nada."

Aqui se faz, aqui se paga

Vivo fosse e Guimarães Rosa diria que a cada dia viver fica mais perigoso

Juca Kfouri

Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Bastou elogiar o Palmeiras pelas goleadas impostas a adversários mais fracos na Libertadores para aparecer uma Juazeirense em sua vida e ridicularizar o elogio.

Porque mesmo com Gustavo Gómez, Raphael Veiga e Dudu em campo o alviverde suou para ganhar por apenas 2 a 1, depois de sair atrás e ser salvo pela providencial entrada de Gustavo Scarpa, autor do golaço da vitória.

A atuação abaixo da crítica do bicampeão continental aconselha a poupá-lo de elogios e ficar de boca fechada para não dar bom dia a cavalo, embora tenha permitido constatar que falta faz Danilo no meio de campo.

A vitória magra servirá de alerta para o jogo em Londrina que deveria ser em Juazeiro, onde a Juazeirense eliminou o Vasco da Copa do Brasil.

Não será, como sabem a rara leitora e o raro leitor, porque a CBF exige estádios com capacidade para 10 mil torcedores, absurdo que contraria o espírito do torneio, exatamente o de permitir a torcedores de clubes menores ver de perto pelo menos uma vez na vida um gigante de nosso futebol.

O magro triunfo palmeirense também teve a serventia de mostrar que em tempos de redes antissociais desregradas o melhor é não alimentar robôs e algoritmos sempre prontos a mostrar quão perigosa é a vida moderna. Elogios só mesmo para City, Liverpool e, moderadamente, Real Madrid.

SAN-SÃO

Caso vença no Morumbi, o Santos merecerá atenção especial. Caso perca, o São Paulo precisará de socorro.

O empate virá a calhar embora o clássico não esteja com cara de igualdade, ao contrário. Noite interessante.

TRAGÉDIA DA CHAPE

Está no canal Discovery+ um documentário sobre a tragédia da Chapecoense.

Muito bem-feito, comovente em vários momentos, rico em depoimentos pela América do Sul afora, mas com vício insanável: não ouve as verdadeiras responsáveis pela CPI instalada no Senado Federal, as viúvas das vítimas que organizaram a AFAV-C (Associação dos Familiares das Vítimas do Voo da Chapecoense), Fabienne Belle e Mara Paiva, que perderam, respectivamente, os maridos Cesinha, fisiologista da Chape, e Mário Sérgio, então comentarista da Fox Sports.

Apesar de deixar claro quem são os criminosos que organizaram voos com combustível no limite da irresponsabilidade e de tratar com respeito e reverência todas as vítimas, o documentário, no terceiro capítulo, acaba por dar visibilidade a oportunistas que fingem comiseração embora tenham interesses inconfessáveis.

Não é mesmo fácil tratar tema tão delicado, mas é imperdoável esquecer de quem, de fato, não tem deixado a tragédia ser esquecida e permanece na luta para que se faça justiça.

Ainda falta o quarto e derradeiro episódio do documentário, mas nem a presidenta nem a vice da AFAV-C, segundo a coluna apurou, foram sequer procuradas. É, no mínimo, estranho. Muito estranho.

TIM MAIA!

No país em que pobre vota na direita, como disse Tim Maia, nada mais é surpreendente. Nem revoltante.

Tudo é normalizado.

Até o dia em que vierem pegar você. Aí, camarada, não haverá mais ninguém capaz de defendê-lo.

Certamente você já leu ou ouviu alguém falar disso de maneira, digamos, mais poética.

Pois eis que a poesia agoniza e a realidade adverte.

Leu a coluna de Luís Francisco Carvalho Filho no sábado (30)? As de Janio de Freitas e Elio Gaspari no domingo (1º)? Não leu? Leia!

| DOM. Juca Kfouri, Tostão | SEG. Juca Kfouri, Paulo Vinicius Coelho | **TER. Renata Mendonça** | QUA. Tostão | QUI. Juca Kfouri | SEX. Paulo Vinicius Coelho, Sandro Macedo | SÁB. Marina Izidro

PRANCHETA DO PVC

Paulo Vinicius Coelho
pranchetadopvc@gmail.com

Ancelotti, Klopp e Guardiola fazem disputa de estilos

O mundo espera a primeira final de Liga dos Campeões entre Jürgen Klopp e Pep Guardiola, em semana que se inicia com Carlo Ancelotti festejado por ser o único técnico a levar as cinco maiores ligas da Europa. Nem Cruyff, nem Arrigo Sacchi.

Ancelotti foi campeão italiano pelo Milan, inglês pelo Chelsea, francês pelo PSG, alemão pelo Bayern e espanhol pelo Real Madrid. Se não bastasse, só ele, o escocês Bob Paisley e o francês Zidane ganharam três vezes a Copa dos Campeões.

O técnico europeu mais vencedor de todos não é tratado como o melhor, e o momento de Klopp e Guardiola ajuda a entender por quê. Ancelotti é o simples, o trabalho árduo e silencioso. Kaká já o definiu como o melhor administrador de talentos que conheceu.

Lidar com a fogueira das vaidades é das missões mais árduas dos grandes técnicos. O treino é o grande argumento, e a justiça das decisões, a maior sedução aos craques.

Guardiola, pelo Bayern, levou 4 a 0 do Real Madrid, de Ancelotti, em 2014, e tentará a revanche. Seu duelo de ideias é com Klopp. Até 2008, José Mourinho parecia levar o futebol para o caminho da força defensiva e certeza dos contra-ataques.

Guardiola apareceu como se tirasse o futebol das mãos de Mourinho, indo para o sul, e anunciasse ao mundo que agora iria ao norte, ao ataque. Klopp fez o mesmo a partir do Borussia Dortmund, em 2010/11, e do conceito de gegenpressing. Em outras palavras, a pressão para matar o contra-ataque.

O livro "Entre Linhas", do inglês Michael Cox, explica em dois conceitos as diferenças entre Klopp e Guardiola. O catalão fez seus times pressionarem a saída para ter a bola, porque sem ela seu time ficaria exposto. Fazia o controle do jogo a partir da circulação e dos passes, e sua pressão buscava quebrar as linhas de passe.

Klopp pressiona sempre o homem com a bola, para fazer o desarme, e partir o mais rapidamente possível em direção ao gol. Os técnicos alemão e espanhol têm objetivos iguais, com meios diferentes. Ambos foram transformadores.

Klopp diz não haver um camisa 10 como a pressão alta, porque levaria muitos passes até deixar seu meia criativo em condição de fazer o passe decisivo, enquanto um desarme perto da área pode ser também uma maneira de deixar o artilheiro de frente para o goleiro.

Os dois técnicos transformadores serão os favoritos deste meio de semana nas semifinais da Champions. Não convém menosprezar o Real Madrid e seus 35 títulos espanhóis, 13 Ligas dos Campeões. Nem desdenhar de Ancelotti, o único capaz de ganhar os cinco melhores campeonatos nacionais do mundo e ser recordista de troféus da Champions League.

Tudo isso com o entendimento de que futebol não tem controle remoto e, como dizem os três badalados treinadores, quem decide é o jogador. Está claro como água, mais ainda depois de City 4 x 3 Real, um massacre tático dos ingleses, que manteve o confronto aberto graças ao talento de Benzema – e também de Vinicius Junior.

Maio vai definir a vitória de um transformador –Klopp ou Guardiola– ou a de um detalhista, como Ancelotti.

A pressão de Klopp: no homem da bola

A pressão de Guardiola: cortar linha de passes

REAÇÃO

O pior momento do Corinthians contra o Fortaleza foi até descobrir como sair da pressão imposta pela equipe de Vojvoda. O Fortaleza pressiona muito no lado da bola, na saída de jogo. O Corinthians só se encorpou quando melhorou a qualidade do passe na defesa.

HOMEM DE FERRO

O zagueiro paraguaio Gustavo Gómez foge do rodízio de jogadores de Abel Ferreira. Chegou a 11 partidas seguidas como titular. É o único. A razão é sua capacidade de recuperação entre os jogos. Mas o Palmeiras dá alguns sinais de sentir a maratona física e emocional.

Desenhos em alusão ao nazismo são pichados na Unicamp

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO A Polícia Civil em Campinas, no interior de São Paulo, investiga desenhos com cunho nazista pichados a lápis em uma das pilastras do prédio de graduação do IFCH (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas) da Unicamp.

As pichações, feitas a lápis, faziam alusão à SS, uma divisão do Exército de Adolf Hitler na Alemanha nazista, além de uma saudação ao próprio líder, com a inscrição 88 —o número oito se refere à letra H, a oitava do alfabeto. Os desenhos foram descobertos no último dia 19.

"Assim que a direção do IFCH reconheceu os desenhos, registrou as imagens e informou o caso para a Diretoria Executiva de Direitos Humanos da Unicamp (DeDR)", afirma trecho do documento assinado pelo IFCH.

Em outro trecho da nota, o instituto afirma que é local é de inclusão e de tolerância, onde não é aceito conviver com atos violentos.

Desenhos em alusão ao nazismo foram pichados em pilastra de instituto da Unicamp Divulgação

"Vamos cobrar as instâncias responsáveis para que haja investigação do caso e que as providências necessárias sejam tomadas. Pedimos à nossa comunidade que esteja atenta e informe a direção sempre que tiver conhecimento de atos violentos como esse", informou a nota.

Também em comunicado, a diretoria executiva de direitos humanos da Unicamp declarou que "a alusão a movimentos, práticas e ideologias de caráter discriminatório, cuja trágica herança histórica fundamentou o ódio extremo, a perseguição e a morte de milhões de pessoas, como flagrante desrespeito aos princípios que regem a Unicamp e o Estado brasileiro, jamais será tolerada em nosso cotidiano".

Procurada pela reportagem, a SSP (Secretaria de Segurança Pública) afirmou que "o caso foi registrado na terça-feira (26) pelo 7º Distrito Policial de Campinas e encaminhado à 1ª Delegacia de Investigações Gerais da Deic do município, para as devidas providências de polícia judiciária".

Inconformados com a situação, estudantes da Unicamp resolveram se unir e cobrir as pichações. Para isso, eles colaram cartazes sobre os desenhos que faziam alusão ao nazismo e à ditadura militar no Brasil em diversos pontos do instituto. As intervenções foram realizadas na última segunda-feira (25 de abril).

Fotos do ato foram publicadas no perfil do Centro Acadêmico de Ciências Sociais e História da Unicamp. As pichações foram cobertas com papel sulfite, em que era possível ler frases como "racistas e fascistas não passarão", "ditadura nunca mais" e "fora Bolsonaro".

A Unicamp afirmou que "repudia toda e qualquer expressão de ideologias que não se pautem pela defesa dos direitos humanos. As pichações configuram crime e a autoridade policial já foi informada".

DESFILE SINDICAL MARCA A VOLTA DAS COMEMORAÇÕES DO 1º DE MAIO EM HAVANA
Após dois anos sem festejos públicos devido às restrições por causa da pandemia de Covid-19, cubanos lotaram a Praça da Revolução, na capital do país, neste domingo (1º), quando, sem presença da oposição e de jornalistas —vetados pelo governo de Miguel Díaz-Canel—, também protestaram contra o embargo imposto pelos Estados Unidos Xinhua/Joaquin Hernandez

MENSAGEIRO SIDERAL | *Salvador Nogueira*
folha.com/mensageirosideral

Estudo ajuda a explicar como o Sistema Solar ganhou sua configuração final

Um novo estudo pode ajudar a explicar como o Sistema Solar ganhou sua configuração final. De quebra, talvez esclareça como um hipotético nono planeta a orbitar o Sol a dezenas de bilhões de quilômetros de distância pode ter ido parar lá, muito além da região por onde trafega Netuno, o mais distante dos conhecidos.

Hoje tudo parece bem organizadinho: quatro planetas rochosos mais internos, quatro gigantes gasosos mais distantes, um cinturão de asteroides entre os dois e um segundo cinturão de objetos gelados depois do oitavo planeta.

Mas já era tudo assim desde que tudo começou, 4,6 bilhões de anos atrás?

Naquela época, quando o Sol estava nascendo e se via envolto em um disco giratório de gás e poeira —berço para o processo de formação planetária, as coisas pareciam diferentes. Pelo menos, é o que dizem as simulações feitas pelos cientistas.

Elas sugerem, por exemplo, que os planetas gigantes tenham se formado a distâncias menores entre si e só depois tenham se espaçado na sua configuração atual.

Para explicar com isso se deu, um grupo em 2005 propôs que um episódio de instabilidade dinâmica entre os planetas acabou, após bagunça considerável, deixando-os em sua configuração atual.

Esse modelo, conhecido pelo nome da cidade onde foi gestado (Nice, na França), supunha que isso havia acontecido várias centenas de milhões de anos após a dissipação do disco protoplanetário. Ou seja, seria um evento tardio, com um gatilho desconhecido.

O novo trabalho de Beibei Liu, da Universidade de Zhejiang, na China, Sean Raymond, da Universidade de Bordeaux, na França, e Seth Jacobson, da Universidade Estadual do Michigan, nos Estados Unidos, parece resolver boa parte desse mistério. Ele simula o efeito que a própria dissipação do disco teria sobre os planetas, ocorrendo de dentro para fora no sistema, conforme o Sol "acendeu" e o vento solar passou a varrer o gás circundante.

Publicado na última edição da revista Nature, o trabalho mostra que esse mecanismo naturalmente faria o espaçamento entre Júpiter e Saturno aumentar, numa espécie de efeito rebote, e acabaria induzindo a uma instabilidade nos dois planetas mais exteriores, Urano e Netuno. Inclusive, simulações com um quinto planeta gasoso poderiam ter desfecho similar ao do Sistema Solar, com um deles sendo ejetado para fora. E tudo isso aconteceria não centenas de milhões de anos após o nascimento do Sol, mas bem rápido, uns 10 milhões de anos no máximo.

Com isso, o que antes parecia uma peculiaridade inexplicável na evolução do Sistema Solar agora pode ser visto como um processo típico e natural. "O efeito rebote pode explicar por que instabilidades dinâmicas parecem ser quase onipresentes em sistemas exoplanetários", escrevem os autores do estudo.

Por fim, caso o tal planeta 9 (até o momento puramente hipotético) exista mesmo, o novo trabalho torna mais fácil explicar como ele foi parar lá, ejetado durante o período de instabilidade.

ACERVO FOLHA | **Há 100 anos 2.mai.1922**

Medidas preventivas buscam evitar insurgência militar no Rio

Continuam as medidas de prevenção em todos os corpos da guarnição militar do Rio de Janeiro contra possíveis movimentos sediciosos.

Comenta-se que o governo desconfia de três fortalezas, e um general tem percorrido essas instalações a indagar os oficiais a respeito de suas posições. Mas todos eles têm respondido que estão com o governo.

Membros do Exército lamentam, porém, que a atual administração esteja a dar braço forte a um candidato a presidente da República (Arthur Bernardes) que não teria condição de ir ao Palácio do Catete na opinião de políticos moderados, que preveem grande insatisfação do povo.

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

Folha da Noite

Agitações no Rio

Se ela dança, eu danço

Coreografias feitas para viralizar no TikTok dominam a indústria musical e são peças-chave para hits como 'Envolver', de Anitta, e 'Batom de Cereja', de Israel & Rodolffo

Pocah dança ao lado de suas bailarinas no clipe de 'Muito Prazer' Divulgação

Pedro Martins

SÃO PAULO Foi depois de improvisar uma coreografia numa festa do Big Brother Brasil que Rodolffo, da dupla com Israel, levou "Batom de Cereja" ao topo das paradas e fez a música se tornar a mais tocada do ano no Spotify, no YouTube e nas rádios Brasil afora.

Enquanto o cantor entoava o refrão "eu bebo, cê beija", os brothers e as sisters levavam as mãos ao rosto, ora com os polegares voltados para cima, como se virassem um copo, ora com as palmas estendidas e as línguas para fora, para encenar um beijo.

Além de "Batom de Cereja", há "Esquema Preferido", dos Barões da Pisadinha, que alcançou a segunda posição no YouTube com passinhos simples. Para dizer que "ela roda a cidade inteira para ficar comigo", as mãos giram no alto, enquanto uma sarrada arremata o refrão "porque eu sou seu esquema preferido".

As dancinhas e o TikTok, não há como negar, dominaram a indústria da música. Para o artista brasileiro, que cresce entre estilos como o samba e o funk, com um talento para requebrar que vem de berço, as coreografias são uma aposta certeira para alavancar a posição de suas músicas nos rankings das mais tocadas e até ajudar na internacionalização de seu trabalho.

Anitta sabe disso. Foi com as mãos no chão, a bunda empinada e muito rebolado que, em março, a cantora levou "Envolver" ao topo das músicas mais tocadas do mundo no Spotify. A coreografia levou até a apresentadora Ana Maria Braga a dançar —e divulgar gratuitamente— o single.

> **"Para gravar um TikTok, a pessoa vai ensaiar várias vezes, gravar outras tantas, e nisso os plays vão se somando. Você ouve a música mais de dez vezes antes de postar uma dancinha**
>
> **Flavio Verne**
> coreógrafo de Luísa Sonza, Pabllo Vittar e Duda Beat

É um ciclo que se retroalimenta. O influenciador dança, o público reproduz e o número de plays cresce. "Para gravar um TikTok, a pessoa vai ensaiar várias vezes, gravar outras tantas, e nisso os plays vão se somando. Você ouve a música mais de dez vezes antes de postar a dancinha", diz o coreógrafo Flavio Verne, que assina projetos de Pabllo Vittar e Luísa Sonza.

O Now United, grupo com 18 integrantes, cada um de um país, é outra evidência de que os passinhos são importantes para fazer sucesso e se globalizar. Em março, eles encheram o Ginásio do Ibirapuera, em São Paulo. Durante a apresentação, houve até um vídeo para ensinar à plateia as coreografias.

"As dancinhas possibilitam que o artista alcance consumidores do mundo inteiro, independentemente de seu idioma, do que canta, de onde vem", diz Marcelo Castello Branco, diretor da União Brasileira dos Compositores, a UBC, que fez sua carreira na música presidindo a Universal Music na América Latina.

Continua na pág. C2

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Liz Dórea/Divulgação

O ator Marco Pigossi está produzindo o documentário "Corpolítica", que tem direção e roteiro assinados por Pedro Henrique França. Os dois foram fotografados ao lado da vereadora de São Paulo e pré-candidata a deputada Erika Hilton (PSOL), uma das personagens da obra, em frente a uma bandeira criada pelo artista Luiz Wachelke para o cenário de entrevistas do longa. A produção, que debate o vazio da representatividade LGBTQIA+ na política brasileira, acompanhou as candidaturas de Hilton, Andréa Bak, Monica Benicio e William De Lucca nas eleições de 2020. Seu lançamento está previsto para este ano

UM CONTRA TODOS

As montadoras Toyota, Nissan e Renault e o Ibama (Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis) são alvos de uma ação na Justiça Federal da 3ª Região que pede R$ 1 milhão em indenização por danos ambientais.

FUMAÇA No centro da disputa, movida pelo Instituto de Saúde e Sustentabilidade, está uma norma de dezembro de 2021 publicada pelo Ibama. O órgão cedeu a pedidos das montadoras e prorrogou, por três meses, o prazo para adequação a uma nova etapa da legislação ambiental.

COMO ERA Até então, o Programa de Controle de Emissões Veiculares previa que os automóveis leves produzidos a partir de 1º de janeiro deste ano deveriam emitir menos poluentes que os modelos feitos em 2021. A lista de substâncias nocivas inclui monóxido de carbono e fuligem, por exemplo.

TEMPO Com carros incompletos por falta de peças, as fabricantes afirmavam correr o risco de não concluir modelos já iniciados em tempo da norma. Procurada, a Toyota diz que adequou seus veículos dentro do prazo original e que esse era seu plano desde o início.

TUDO CERTO A Nissan, por sua vez, afirma que todos os seus produtos atendem à legislação e que não irá comentar até ter detalhes sobre a ação. A Renault diz que não foi notificada e que não irá comentar até tomar conhecimento.

A JATO O Instituto de Saúde e Sustentabilidade, que assessora o Ministério Público Federal (MPF), também aponta que o Ibama levou apenas 30 horas para editar a normativa depois de receber um pedido do Ministério da Economia.

SINAL TROCADO A ação ainda afirma que a medida não traz benefícios ao meio ambiente, como seria de se esperar do Ibama, mas prejuízo à saúde da população. E destaca que, com ela, "dezenas de milhares de veículos" mais poluentes circularão por anos a fio. O instituto é representado pelos advogados Flavio Siqueira e Sheila de Carvalho. Procurado, o Ibama não respondeu.

CONVERSA Um grupo de 70 brasileiros vai se reunir com pesquisadores da Universidade de Princeton, nos EUA, para discutir propostas para o desenvolvimento de uma economia de baixo carbono na Amazônia. Entre os convidados estão os empresários José Roberto Marinho (Globo) e Guilherme Leal (Natura) e o presidente do conselho de administração do Santander, Sérgio Rial. A abertura do encontro, que ocorre na quinta (5) e na sexta (6), será realizada pela líder indígena Txai Suruí.

SUBIDA O setor de serviços representa 60% do total de empresas abertas no Brasil no primeiro trimestre deste ano, segundo levantamento da plataforma de contabilidade Contabilizei. O estudo foi feito com base em dados de mais de 30 mil clientes e informações da Receita Federal. Em seguida ficaram comércio (31,2%) e indústria (7%). Considerando a abertura de apenas micro e pequenas empresas, o setor de serviços cresceu 3,8% no primeiro semestre de 2022, em comparação com o mesmo período de 2021.

AUSÊNCIA O escritor Fabrício Carpinejar vai protagonizar websérie produzida por uma funerária. Devido ao sucesso dos textos do autor sobre luto nas redes sociais, ele foi contratado pelo Grupo Cortel —que tem cemitérios, crematórios e presta serviços funerários em todo o país— para conversar sobre o assunto com pessoas que perderam a mãe ou o filho. Dividido em três episódios, a produção para o Dia das Mães será exibida nos dias 6, 8 e 15 deste mês.

SOM O single "Água Viva", interpretado por Maria Bethânia, será lançado na próxima sexta (6). A música faz parte do projeto "Clarice Clarão", do Selo Sesc, em homenagem aos cem anos da escritora Clarice Lispector. Na faixa, Bethânia lê trechos do romance homônimo da autora. Os cantores Beatriz Azevedo e Moreno Veloso assinam a produção musical.

ORIGEM Uma réplica do crânio de Luzia, o fóssil mais antigo das Américas, será exposta no Parque Madureira, no Rio de Janeiro, a partir do dia 24 de maio. É a primeira vez que a peça poderá ser vista fora do Museu Nacional, que pegou fogo em 2018 e tem reabertura prevista para 2027. A mostra terá ainda uma réplica da reconstrução de Luzia e do fóssil do dinossauro brasileiro Berthasaura leopoldinae.

com Bianka Vieira, Karina Matias e Manoella Smith

O cantor Pedro Sampaio no clipe de 'Galopa' Fotos Reprodução

Luísa Sonza no clipe de 'SentaDONA', feito com Davi Kneip, Mc Frog e Dj Gabriel do Borel

Cena do clipe de 'Muito Prazer', de Pocah

Se ela dança, eu danço

Continuação da pág. C1

"Os 15 segundos do TikTok são de ouro, porque podem levar o ouvinte para outras plataformas nas quais é possível consumir a música na totalidade."

É de olho neste potencial que os artistas têm procurado profissionais como Verne, que cria uma coreografia por semana, às vezes duas, com seus assistentes —Amanda Araújo, Lia Cará e Renan Silveira, que também são dançarinos.

Sua cliente mais nova é Duda Beat, que investiu mais em coreografias ao lançar seu segundo disco, "Te Amo Lá Fora", no ano passado. Com a volta dos shows, suas apresentações agora são mais performáticas e transformam o sofrimento de relacionamentos fracassados em dança.

Para criar uma coreografia, Verne diz que dorme e acorda ouvindo a música por três dias seguidos. Depois, conversa com o artista para compreender qual público deve ser atingido e se há alguma referência de outras coreografias que precisa ser resgatada.

A partir disso, o coreógrafo vai ao estúdio para ver como se saem na prática os movimentos que elaborou. São muitos testes, principalmente para o pré-refrão e o refrão, as partes mais importantes da música. "Eu gravo tudo, assisto e vou editando. Pego um pedaço de uma versão, outro de outra, e vou colando até chegar ao formato que considero ideal."

Ele então apresenta o vídeo ao cliente e faz ajustes. O processo todo leva no máximo uma semana, "quando o prazo é generoso", diz. Não pode demorar muito porque o artista e seus dançarinos levam outra semana para aprender a coreografia antes de gravar clipe.

Verne também coreografa apresentações especiais, como a de Vittar no Lollapalooza e no Coachella, o maior festival de música pop do mundo, nos Estados Unidos, que também contou com a presença de Anitta e apresentou à indústria musical estrangeira a música brasileira que vai além da bossa nova.

O TikTok, diz Verne, é um dos elementos que mais impactam o trabalho de um coreógrafo. É no aplicativo, afinal, que as dancinhas costumam viralizar antes que comecem a migrar para outras redes .

O problema, diz, é a limitação que o aplicativo impõe, sobretudo em relação aos movimentos, que precisam ser ajustados à verticalidade da tela. É necessário também que sejam menos complexos para serem bem recebidos pelos principais 'tiktokers' de dança.

Há, ainda, uma preocupação com a longevidade do trabalho. "A demanda hoje é muito maior, mas é tudo mais perecível. Uma coreografia hoje 'hita' durante dois meses no máximo. Se for trend apenas de TikTok, dura 15 dias só", diz Verne, que quer se soltar das amarras do aplicativo.

"Em 90% das vezes, pedem para eu criar pensando em viralizar no TikTok. Com os artistas com que trabalho há mais tempo, consigo ter uma conversa mais franca e peço para gente fazer sem pensar no TikTok. Fazemos o que achamos que temos que fazer, o trabalho fica bom e naturalmente vira uma trend."

"Sentadona" é prova. Com rebolado semelhante ao de Anitta em "Envolver" —isto é, difícil de ser feito—, Sonza tem emplacado o single no topo da lista dos clipes brasileiros mais vistos no YouTube por semanas desde que foi lançado, em março. A música ainda marcou a primeira entrada da cantora no ranking das 50 mais tocadas do mundo no Spotify.

"Não é uma coreografia fácil", diz Verne. "Mas o que vem acontecendo é que os usuários querem investir, se esforçar, ou seja, querem ir para o chão e ralar os joelhos."

Uma das figuras mais importantes da indústria musical brasileira nos anos 1990 e 2000, Rick Bonadio afirma que as coreografias sempre foram importantes para um artista do pop, mas considera que hoje seu impacto é muito maior para alavancar uma canção numa parada e, consequentemente, gerar dinheiro.

Criador de grupos como o Rouge, que viralizou com coreografias como a de "Ragatanga", o produtor afirma ainda que, no Brasil, há um terreno mais fértil do que no restante do mundo para as dancinhas, ainda que elas também tenham grande impacto na indústria estrangeira.

"O Brasil gosta de dançar. É um país de pessoas alegres. O brasileiro dança bem, diferentemente do inglês, por exemplo, que é mais reprimido", afirma. "Prova disso é que, para além do pop, temos o samba e o sucesso de grupos como É o Tchan e Molejo."

F VEJA VÍDEO QUE EXPLICA O SUCESSO DAS DANCINHAS folha.com/f93oqk2e

Péricles Cavalcanti vai da origem do homem ao fim da era em disco

Em 'Saltando Compassos', seu primeiro álbum de inéditas desde 2013, compositor passa pelo chorinho e pelo dub

Claudio Leal

RIO DE JANEIRO A especulação sobre o destino da espécie humana frequentou a mente do compositor Péricles Cavalcanti no período de criação de seu novo álbum, "Saltando Compassos", que chega às plataformas digitais. "A Grande Jornada" é uma canção-irmã de "Depois da Terra", e a distância entre as duas é a mesma da origem ao fim do mundo.

"Fomos um bando em debandada na savana/ Depois cruzamos o deserto e o mar aberto/ Atrás de água e alimento/ Atrás de abrigo e assentamento/ Falta muito pra chegar, ô mãe?/ Falta muito pra chegar, ô pai?", diz a letra de "A Grande Jornada". A outra canção questiona o mundo após o fim: "Depois da Terra/ Depois de flora e fauna exterminadas/ Depois do Sol/ Depois que toda luz for apagada".

"Lee Perry, do reggae fundamental, do dub, foi uma referência pra 'Grande Jornada'. Eu queria uma coisa que tivesse o clima dos dubs. Na hora em que fui cantar, surgiu o assunto da evolução da espécie. É o que me interessa mais, fora da ficção", conta Cavalcanti, de 74 anos. "Sou um leitor de teoria da evolução. Leio muitas coisas sobre antropologia."

A convite do músico, o cineasta Jorge Furtado e o diretor de fotografia Alex Sernambi criaram um clipe para "A Grande Jornada". A animação incorpora momentos civilizados e bárbaros da evolução humana —as grandes navegações, as guerras mundiais e a conquista do espaço. Cavalcanti reconheceu alguma semelhança entre sua música e o curta "Ilha das Flores", de Furtado, que, a seu ver, reflete pelo lixo o destino da humanidade.

"'Grande Jornada' é a aventura da espécie humana. A gente ainda está longe de chegar à terra prometida da paz", afirma Jorge Furtado. "Chamei Alex Sernambi, artista plástico, pra fazer o clipe pensando nessa história da humanidade. Criamos uma teoria unificada, tipo Deus criou o Big Bang pra começar a história propondo um acordo. E viemos até hoje, com as guerras e os refugiados".

Nove anos depois de "Frevox", Péricles Cavalcanti fez seu primeiro álbum de inéditas. Apenas três das 14 canções foram compostas antes da pandemia. "No repertório dos discos anteriores, sempre regravei coisas do Asdrúbal Trouxe o Trombone ou músicas que Adriana Calcanhotto ou Gal Costa gravaram. Mas isso já não aconteceu no EP 'Clássicos Daora', de 2019. O novo álbum não tem regravação. Não tem isso de raspar o tacho".

"Saltando Compassos", título extraído da última faixa, tem participações de Adriana Calcanhotto, Marietta Vital, Ana Frango Elétrico, Leo Cavalcanti, seu filho, e do membro da banda pop argentino-mexicana Paté de Fuá, Yayo Gonzalez.

O salto de compassos traduz seus saltos de gêneros. A influência dos dubs de Lee 'Scratch' Perry se afirma em "A Grande Jornada"; do trap, em "Vai Dar Certo". O choro clássico de Jacob do Bandolim o inspirou em "Choro Alegre". Das sugestões da música pop de países africanos, veio o "Afrocanto". Ele então salta para o samba-choro "Maneira", em parceria com Arnaldo Antunes. E deste parte para o bolero-bossa "Eso Que Tu Llamas Amor" e a bossa nova de "Seja o Que For".

O compositor Péricles Cavalcanti Diego Ciarlariello/Divulgação

"No caso do 'Afrocanto', eu vi um documentário sobre música pop no Senegal. A música pop africana é maravilhosa. Isso foi uma referência, quis armar umas coisas que tivessem uns riffs de guitarra com aquele suingue próprio da música africana. E a letra tem a ver com a libertação. Talvez seja a música mais ligada ao momento político."

As experiências musicais em Londres, a partir de outubro de 1969, reverberam de alguma forma no faro experimental do compositor, que só estreou em disco muito mais tarde, em 1991. "Havia uma tendência nos anos 1960, que se mantém hoje, de não distinguir alta e baixa cultura. E nisso entra a experimentação. A vivência da música popular, no final da Swinging London, foi fundamental para nós todos —eu, Caetano Veloso, Gilberto Gil", afirma Cavalcanti.

"A música inglesa dos anos 1960 criou uma maneira de produzir disco. Tive proximidade com a maneira relax dos ingleses de fazer música. Muitos não são grandes, se comparados tecnicamente aos americanos. São meio amadores, mas ver aquilo acontecer com um acabamento pop tão bom nos influenciou. Eu nem sabia que ia compor."

Cavalcanti gravou o disco no estúdio montado em seu apartamento em São Paulo. Esse estilo de produção se repete desde o álbum "O Rei da Cultura", de 2007. "Quando a gente põe a mão na massa, pode errar. E há acasos que ajudam. Só não dá pra gravar bateria e quarteto de cordas. Eu pude experimentar mais. E experimentar soluções".

Saltando Compassos
Artista: Péricles Cavalcanti. Produção: DeleDela. Nas plataformas digitais

A cantora Gal Costa durante apresentação no Pacaembu, em São Paulo Ale Frata/Live Images/Código 19/Folhapress

Gal Costa canta 'Brasil' e ouve 'Fora, Bolsonaro' no Pacaembu

Marina Consiglio

SÃO PAULO Foi com as músicas "Ponta de Areia" e "Fé Cega, Faca Amolada", que a cantora Gal Costa marcou a inauguração do Pavilhão Pacaembu, na zona oeste de São Paulo, na noite deste sábado (30).

Gal subiu ao palco com cerca de 45 minutos de atraso para iniciar o espetáculo "As Várias Pontas de uma Estrela". Nele, a cantora se debruça sobre clássicos de seu repertório, com canções de Chico Buarque, Caetano Veloso e Milton Nascimento —o autor das músicas que abriram o show.

Parte do repertório também integra seu último álbum de estúdio, "Nenhuma Dor", lançado dois anos atrás com parcerias da cantora baiana com outros músicos.

Entre uma canção e outra, a artista trocou palavras com o público. Como em "Estrada do Sol", que Gal contou que foi composta por Tom Jobim e Dolores Duran nos anos 1950, mas que "parece que foi feita para os dias de hoje", disse em referência ao relaxamento das medidas sanitárias de prevenção a Covid-19.

A letra traz os seguintes trechos: "Quero que você me dê a mão vamos sair/ Por aí sem pensar no que foi que sonhei que chorei, que sofri/ Pois a nova manhã/ Já me fez esquecer".

Depois de uma dobradinha de canções sobre maternidade —com "Gabriel", dedicada ao seu filho, e "Mãe", de Caetano Veloso—, o clima esquentou. A cantora emendou hits como "Cravo e Canela", de Milton Nascimento, "Açaí", de Djavan, e "Lua de Mel", de Lulu Santos, e o público, até então mais contido, acordou e começou a fazer coro para a cantora. "Que bonitinho", ela disse e riu, enquanto a plateia entoava a romântica "Sorte".

No finzinho do show, boa parte do público já estava em pé, cantando e dançando "Maria, Maria". Nesse momento, houve quem ensaiasse puxar um tímido coro pró-Lula.

A deixa para o comentário político por parte da plateia veio no encerramento da apresentação, com "Brasil". "Vou cantar uma música agora que eu queria muito conseguir tirar do roteiro, mas eu não tô conseguindo porque o Brasil não está deixando", disse. Ela então saiu do palco, e o público se despediu depois de puxar gritos de "Fora, Bolsonaro".

Instalado no gramado do Complexo Pacaembu, o pavilhão tem 4.000 m² e capacidade para receber até 9.000 pessoas. O local irá abrigar uma extensa programação cultural, enquanto o estádio, que ficará sob gestão da concessionária Allegra por 35 anos, passa por reformas de modernização e restauro.

A ideia é que pavilhão apresente ao público um pouco do que será o centro de convenções que está em construção embaixo do estádio —e que terá a mesma capacidade de público da tenda.

Na estrutura, , um piso cobre o gramado. Para o show de Gal do último sábado, foram espalhadas mesas para acomodar a plateia de cerca de 3.000 pessoas. Luzes, telões e balões infláveis compunham a decoração do evento. Um bar com chopes da cervejaria artesanal Avós e drinques clássicos abastecia o público.

A cozinha será assinada pelo Bar da Dona Onça, comandao pela chef Janaína Rueda, com petiscos como pastéis, croquetes e coxinhas. Mas a comida acabou antes mesmo que Eduardo Barella, CEO da Allegra Pacaembu, subisse ao palco para o discurso de inauguração do espaço, com mais de meia hora de atraso — o show estava marcado para as 21h.

Segundo a assessoria do Pavilhão Pacaembu, as refeições não seriam servidas durante o espetáculo. Mas também foram relatados atrasos em relação à entrega das bebidas —esta repórter ouviu reclamações sobre demora de mais de uma hora na entrega dos drinques, por exemplo.

Os atores Kit Connor e Joe Locke em cena da série 'Heartstopper', da Netflix Fotos Divulgação

'Heartstopper' é original por retratar amor gay

Apesar de amontoar clichês das comédias românticas, série é caso raro de história colegial sobre namoro de rapazes

STREAMING

Heartstopper

★★★★☆

Inglaterra, 2022. Criação: Alice Oseman. Direção: Euros Lyn. Com: Kit Connor, Joe Locke, Olivia Colman. Na Netflix. 12 anos

Pedro Martins

"Heartstopper", da Netflix, é clichê do primeiro ao último episódio. É um romance que, se fosse protagonizado por um garoto e uma garota, pouco teria a acrescentar, mas, por tratar da paixão de dois rapazes, acha originalidade.

Quantas vezes as telas já foram tomadas pela garota que se esconde na biblioteca para ter paz e de repente se apaixona pelo garoto que é a estrela do time de futebol da escola?

"Heartstopper" não é diferente. Charlie, sofre bullying por ter sido tirado à força do armário. Às escondidas, ele beija um colega, Ben, que faz parte do grupo dos jogadores de rúgbi homofóbicos e que finge ter uma namorada.

Eis que, depois de uma briga com Ben, Charlie conhece Nick, que também faz parte do time de rúgbi, mas curiosamente não é homofóbico. Entre um trabalho em grupo e uma mensagem escrita e reescrita dez vezes antes de ser enviada, eles se apaixonam.

Nick ainda não sabe se gosta de garotos. Depois de descobrir a resposta, passa a se perguntar se é gay ou bissexual. Ciente de que nada disso importa, no entanto, ele logo se deixa levar pela paixão e começa a namorar Charlie.

É a partir daí que os clichês dão espaço para originalidade. Se já é difícil apresentar à família um namorado que não corresponde aos padrões esperados, apresentar um companheiro do mesmo sexo é mais difícil ainda, o que em "Heartstopper" representa a oportunidade de ver na tela conflitos diferentes dos que estamos cansados de ver.

Enquanto em "Grease" e em "High School Musical" os galãs se questionavam se podiam cantar, com medo de manchar reputação, em "Heartstopper" o conflito é mais profundo.

É uma avaliação que pode parecer exagerada, já que a comunidade LGBTQIA+ tem sido vista em quase toda produção recente de Hollywood. Se avaliarmos tais obras a fundo, no entanto, veremos que não é bem por aí, já que em geral seus dilemas são relegados a pano de fundo.

"Heartstopper" não é só uma história com um personagem gay, caso de sucessos como "Elite" e "Euphoria", para citar apenas dois exemplos de seriados de sucesso recentes. Também não é uma história em que o arco-íris é tratado como cota, com personagens da comunidade LGBTQIOA+ que não podem ter vida própria, como como é visto em "And Just Like That", o revival de "Sex and the City".

Embalada por uma paleta ultracolorida, "Heartstopper" é uma comédia romântica — isto é, de final feliz, sem nenhuma grande tragédia, outro destino comum para gays na ficção—, só que centrada no romance homossexual.

É ainda, e talvez isso seja mais importante, distribuída no circuito mainstream, dentro de uma plataforma de streaming que chega a qualquer casa, até mesmo de uma cidade interiorana onde filmes como "Me Chame pelo Seu Nome" não chegaram ou onde nem sequer há salas de cinema.

Por mais que não seja a primeira história com este propósito, "Heartstopper", baseada nos quadrinhos de sua roteirista, Alice Oseman, encontra poucos paralelos na indústria audiovisual. Nos cinemas, "Com Amor, Simon", que estreou em 2018, é até hoje o único filme de um grande estúdio com a mesma proposta.

O sucesso de "Heartstopper" nas redes sociais, sobretudo no Twitter, onde se tornou o seriado mais comentado da semana, reflete a carência do público por histórias com representatividade de verdade.

Reflete, ainda, um atraso. Não é preciso voltar muitas páginas do calendário. Qualquer jovem gay de 20 e poucos anos nunca se viu representado nas telas durante a adolescência, assim como qualquer jovem lésbica ou bissexual ainda não se vê, já que, para elas, não existe nenhum Simon ou um Charlie.

'Faz-me Rir' não arranca gargalhadas, mas é uma boa surpresa

OPINIÃO

Tony Goes

Esqueça as tragédias de Shakespeare, os equilibristas do Cirque du Soleil, os shows de sexo explícito. De todas as artes cênicas, nenhuma é mais difícil do que a comédia stand-up. Nem mesmo a mulher do atirador de facas enfrenta um desafio tão grande quanto o do comediante que sobe sozinho ao palco, tendo que fazer rir a plateia impiedosa que tem pela frente.

"Faz-Me Rir" é o nome brasileiro da nova série de Fanny Herrero, a showrunner francesa responsável pela aclamada "Dix Pour Cent" —ambas disponíveis na Netflix. O título original, "Drôle", significa "engraçado". Não foram bem escolhidos, pois induzem o espectador a crer que vai rolar de rir. Não vai. Mesmo assim, a série é uma das boas surpresas de 2022.

Os protagonistas são quatro jovens comediantes parisienses, em diferentes estágios da carreira. Bling, vivido por Jean Siuen, tem origem vietnamita e já fez um certo sucesso. Hoje ele é o dono de um concorrido clube de stand up, o Drôle, que dá nome à série. Mas sua indisciplina faz com que suas piadas fiquem cada vez mais sem graça, a ponto de ele ser vaiado para fora do palco.

Nézir, papel de Younès Boucif, ainda é iniciante, e seu talento como roteirista logo o transformará num profissional disputado. Aïssatou, feita por Mariama Gueye, se torna uma estrela da noite para o dia, depois que um vídeo seu viraliza. Por fim, Apolline, interpretada por Elsa Guedj, está disposta a abdicar de sua vida de burguesinha para encarar os holofotes.

Os quatro personagens são muito bem construídos, e as interações entre eles deixam a trama de "Faz-Me Rir" interessante. Sua diversidade reflete a França moderna e multicultural. Só Apolline, a única branca do grupo, não sofre com o racismo.

Todos eles são forçados a fazer escolhas difíceis entre a vida pessoal e a profissional. A belíssima Aïssatou é casada e tem uma filha de três anos, mas o seu marido não a apoia totalmente. Ele quer ter logo outro filho, mas ela prefere esperar mais um pouco —afinal, sua carreira está decolando. Mas Aïssatou engravida, e o casal é obrigado a discutir se aborta ou não.

Mariama Gueye e Younès Boucif em cena de 'Faz-me Rir' Divulgação

Nézir, que trabalha durante o dia como entregador, precisa desesperadamente de dinheiro. Sua ascensão profissional também o levará a colidir, por diferentes razões, com seus amigos Bling e Aïssatou. Ele e a patricinha Apolline se apaixonam, formando o casal mais feio da TV desde Nélio e Dolores, de "Nos Tempos do Imperador". Mas, como no caso do par da novela, a química entre eles é palpável.

Já Bling luta para não descer ladeira abaixo, mas não muito. Ele desperdiça as duas grandes chances que recebe ao longo da temporada, levantando a suspeita de que é um caso perdido.

Com apenas seis episódios, a primeira safra de "Faz-Me Rir" é agradável de se ver. As locações se concentram no lado B de Paris: bairros periféricos, lojas de imigrantes, vielas aonde os turistas não vão. O glamour de "Dix Pour Cent" raramente dá as caras.

Acima de tudo, "Faz-Me Rir" confirma o talento de Fanny Herrero, uma especialista em extrair comédias dramáticas do mundo do showbiz. Só não veja achando que irá rir muito.

Faz-me Rir

França, 2022. Criação: Fanny Herrero. Com Mariama Gueye, Younes Boucif e Elsa Guedj. Na Netflix

Fiascos apaixonantes

O que nossa vida, Kikos Marinhos, a novela 'Mandala' e o miojo doce têm em comum?

Bia Braune

Jornalista e roteirista, é autora do livro 'Almanaque da TV'. Escreve para a TV Globo

Se tudo der certo, fracassarei hoje. E amanhã também, pelos dias vindouros. Digo isso sem qualquer revolta, apenas a tranquilidade loser de quem percebe a vida como um equívoco constante a ser tratado com carinho. Ou com o sangue frio de quem compra esse novo miojo sabor chocolate, mesmo sabendo que será terrível.

Sucesso, do tipo espetacular, acontece pra quase ninguém. No dia a dia, quem dá as caras é o bom e velho fracasso, incansável e incompreendido vetor de mudanças.

Condição necessária ao real aprendizado, segundo teorias modernas. E, estatisticamente, nosso maior parceiro de trabalho e relacionamentos, vide as contas que deixamos no vermelho e os amores que rolam ladeira abaixo.

Não sei você, mas sou apaixonada por reveses banais, feito uma Pollyanna animada e pessimista, colecionadora de fiascos. Aprendi a dirigir num Fiat Tipo, carro que adorava, mas que a indústria aposentou pois pegava fogo e explodia. Torço por times que perdem, mas sigo enxergando beleza no ato de insistir, sem a pressão por vitórias.

Não criei Kikos Marinhos, a promessa de monstros de estimação que resultava num Ki-Suco de água suja. Contudo, sou da geração que sobreviveu à Fanta Maçã com biscoito wafer salgado e ao boneco do Fofão, que vinha com faca e lenda urbana dentro.

Escolhas erradas, pessoas confusas, playlists de bandas com um único hit: terão sempre meu apreço.

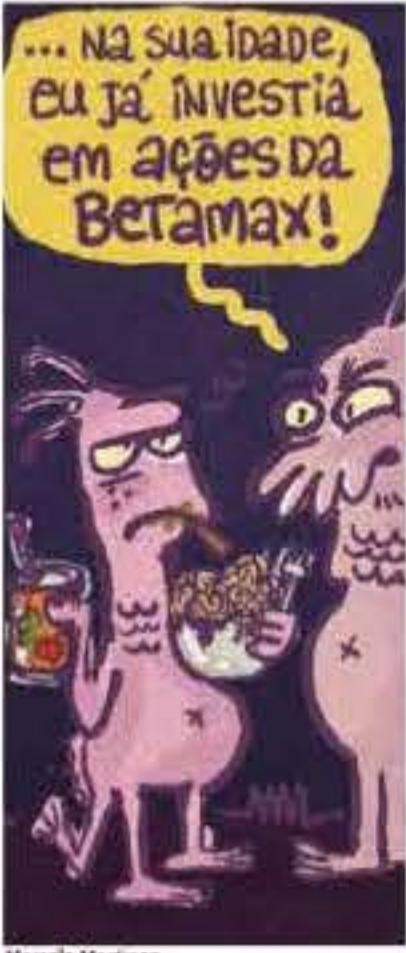
Na Suécia há um museu dedicado a flops internacionais. Itinerante, claro, porque se tivesse sede fixa era capaz de falir. Como o slogan "inovação requer fracassos", possui um acervo de ketchups azuis, camisinhas em spray, tacos de golfe com coletor de urina e potinhos de comida de bebê para solteiros.

Exaltemos, porém, os bons fiascos. Aqueles que selaram o destino trágico de itens excelentes, apenas impraticáveis. Como o supersônico Concorde e a novela "Mandala", que tinha Vera Fischer como Jocasta, dando beijos campeões de audiência no filho Édipo.

A fita Betamax e o cigarrinho de chocolate, que por anos foi vício entre as crianças até alguém perceber que, opa, melhor não.

Humilde e democrático, o insucesso cria uma terna noção de pertencimento, pois nada é péssimo para todos.

Sai o malsucedido, entra o que é de nicho. Portanto, parafraseando a famosa máxima de Voltaire (que não é dele, mas de sua biógrafa, uma falha de interpretação): "Discordo de você, mas defenderei até a morte seu direito de ferver um leite e comer logo esse miojo doce, antes que suma das prateleiras". Vulgo: "Credo, que delícia".

Marcelo Martinez

DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | **TER. Manuela Cantuária** | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goes

tonygoes@uol.com.br

Adriane Galisteu comanda gincana entre casais pelo 2º ano seguido

Power Couple Brasil 6

Record, 22h45, 12 anos

Depois de passar por quase todos os canais da TV aberta, Adriane Galisteu se consolidou como a apresentadora oficial dos realities da Record. Além de "A Fazenda", exibido no segundo semestre, ela também está à frente do "Power Couple Brasil", pelo segundo ano consecutivo. Nesta sexta temporada, participam de provas que testam a confiança mútua. Exibições de segunda a sábado.

Meia-Noite no Switchgrass

Amazon Prime Video, 16 anos

O recém-aposentado Bruce Willis faz um policial que tenta deter um serial killer, neste que é um dos últimos filmes de sua carreira.

Drive My Car

Para compra ou aluguel no Now, Google Play e iTunes, 16 anos

Vencedor do Oscar de melhor filme internacional e disponível na plataforma Mubi, o filme do japonês Ryusuke Hamaguchi conta a história de um homem que tenta superar a morte da mulher com a ajuda de uma jovem motorista.

Te Devo Essa! Reforma das Estrelas

Discovery Home & Health, 21h, livre

Os gêmeos Drew e Jonathan Scott comandam a nova temporada do reality em que celebridades reformam a casa de alguém especial em suas vidas. Entre os convidados estão Gwyneth Paltrow, Josh Groban e Kim Kardashian.

Roda Viva

Cultura, 22h, livre

Eleita pela revista The Economist como uma das 50 personalidades mais influentes do mundo no campo da diversidade, a psicóloga, escritora e colunista da Folha Cida Bento é a entrevistada desta semana.

O Dono do Lar

Multishow, 22h, 12 anos

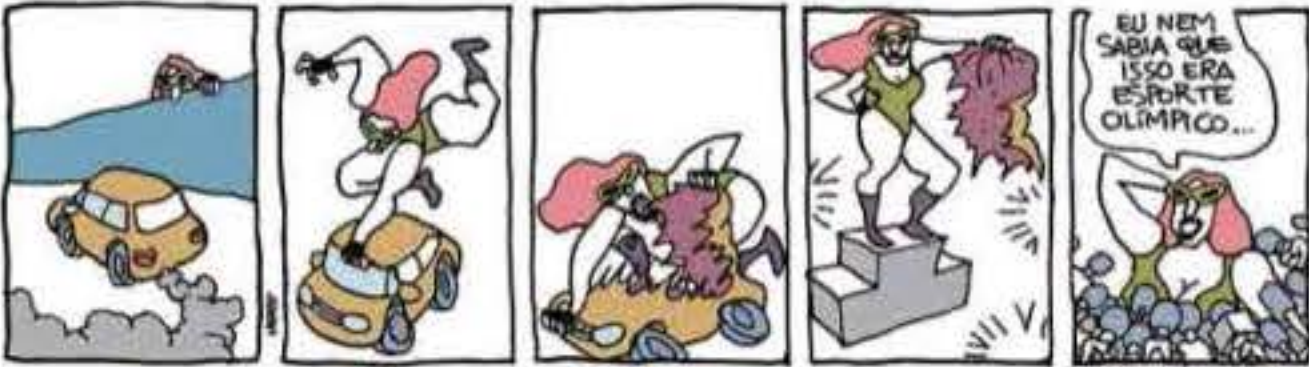
Estreia da quarta temporada da sitcom estrelada por Maurício Manfrini e Grace Gianoukas. Érico Brás e Tato Gabus Mendes se juntam ao elenco fixo. Exibição de segunda a sexta, no mesmo horário.

Aquaman

Globo, 22h35, 12 anos

Jason Momoa, de "Game of Thrones", encarna o herdeiro do trono do reino de Atlântida, e Nicole Kidman faz sua mãe, a rainha Atlanna. Inédito na TV aberta.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê *Laerte*

Daiquiri *Caco Galhardo*

Níquel Náusea *Fernando Gonsales*

A Vida Como Ela Yeah *Adão Iturrusgarai*

Não Há Nada Acontecendo *André Dahmer*

Viver Dói *Fabiane Langona*

Péssimas Influências *Estela May*

SUDOKU

texto art.br/fsp

FÁCIL

				3				
		2	6		7		5	3
4	8				2			
8		1				5		
5	3						2	9
		7				3		6
			3				4	1
3	2		5		1	6		
				9				

O Sudoku é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. (Pop.) Prato feito / Extensão de água menor que um oceano **2.** O McQueen personagem do desenho "Carros" **3.** Aquele que tolera e aceita opiniões diferentes das suas **4.** O ato de soltar a sua voz (a rã e o sapo) **5.** Roberto Carlos, cantor / Diminuição de fadiga, de enfermidade, de sofrimento **6.** Imposto sobre Operações Financeiras / Sentimento de reprovação ou intolerância a alguma coisa **7.** Que tem semelhança ou analogia com outra coisa / Ingrediente usado para enrolar sushis **8.** Imprecar, suplicar / Exclamação de incerteza ou incredulidade **9.** Fruto amarelo, doce **10.** Dois, em algarismos romanos / Diz-se de carta pública, para conhecimento geral **11.** (Fig.) Começar a surgir aparentemente do horizonte (dia, astros) / Executivo Nacional **12.** O de venda é um lugar em que o consumidor adquire produtos e encomenda serviços **13.** Falda, sopé / Parceiro em negócio.

VERTICAIS

1. Ter prole / Suf.: pequena **2.** Benê sem consoantes / Medo anormal, excessivo de veículos **3.** A cantora norte-americana de jazz Fitzgerald (1917-1996) / Amuleto / (-Francorchamps) Famoso circuito belga de corridas **4.** Cada uma das músicas gravadas em disco / Bugio ou mandril **5.** Movimento súbito / O piloto Barrichello **6.** (Pop.) Indicação, sugestão reconhecida como muito boa e oportuna / O oposto de longe **7.** Causar viva admiração ou encanto / Otaviano Costa, ator e apresentador **8.** A sexta consoante / Espécie de coalhada, em geral industrializada, preparada sob a ação de fermentos lácteos **9.** Outro nome do doce rocambole / Substância fibrosa resistente ao fogo, porém, cancerígena.

HORIZONTAIS: 1. Pê-efe, Mar, **2.** Relâmpago, **3.** Liberal, **4.** Coaxada, **5.** RC, Alívio, **6.** IOF, Ódio, **7.** Afim, Alga, **8.** Rogar, Hum, **9.** Bacupari, **10.** II, Aberta, **11.** Nascer, EN, **12.** Ponto, **13.** Aba, Sócio. **VERTICAIS: 1.** Procriar, Inha, **2.** Ee, Ocofobia, **3.** Ella, Figa, Spa, **4.** Faixa, Macaco, **5.** Embalo, Rubens, **6.** Pedida, Perto, **7.** Maravilhar, OC, **8.** Agá, Iogurte, **9.** Rolão, Amianto.

Ricardo Cammarota

A origem da política é a violência

Organizar o uso da força no cotidiano de um grupo é, basicamente, reduzi-la

Luiz Felipe Pondé

Escritor e ensaísta, autor de 'Notas sobre a Esperança e o Desespero' e 'Política no Cotidiano'. É doutor em filosofia pela USP

Quais as origens da política? O tema é polifônico. Muitas vozes buscam identificar tal processo. Reconhecer as diferentes formas de organização política é a mesma coisa que identificar as causas da necessidade da política? Não necessariamente.

É importante dizer que a busca por compreender tais questões não implica a última resposta para elas. A razão para entender a origem da política é buscar sofrer menos com as causas que geram a política enquanto tal. É sofrer menos violência, de qualquer forma em que ela se apresente na experiência concreta do cotidiano social e individual.

A origem da política é a violência. O debate entre Hobbes (século 17) e Rousseau (século 18), que opõe pessimistas a otimistas acerca da natureza humana pré-política, é interminável. Ambos erraram ao imaginar que existiu um homem pré-político, fosse ele o lobo do Hobbes ou o doce selvagem do Rousseau. Nunca fomos seres isolados a marchar sobre o mundo. E aqueles que por azar caíram nessa condição eram rapidamente assimilados pelos bandos, para o bem ou para o mal.

Todavia, ambos acertam quando veem que a violência é um problema para os seres humanos, e que o surgimento das formas políticas é um modo de lidar com essa violência, tentando organizá-la, com maior ou menor sucesso. Evidentemente que nunca houve um contrato social assinado, nem os autores imaginaram que tenha existido ao lançar mão desse termo.

O contrato social é uma hipótese de trabalho para tentar explicar como teria surgido a ordem política sem a interferência das explicações religiosas e mágicas.

O que está por trás da ideia de um contrato social é a suposição que teriam sido decisões racionais que levaram os homens à ordem política.

O filósofo Francis Fukuyama no monumental "Origins of Political Order", da Farah, Straus and Giroux de 2011 — com tradução no Brasil —, demole essa hipótese racionalista. Não somente ele, claro, percebe a inconsistência de tal hipótese.

O que nos leva à vida política é a condição humana determinada pelas contingências de um ambiente aberto à violência contínua. Proteger-nos da violência implica fazer a gestão contínua dessa mesma violência, usando-a como recurso disponível. Se a gestão da política é racional, sua substância é emocional.

Fukuyama, mesclando história e filosofia política, diz que nunca houve homens pré-políticos porque a violência sempre fez parte do cenário humano. Jacob Burckhardt, historiador do século 19, já dissera que a violência surge como resultado das diferenças de poder entre indivíduos, grupos e sociedades no cotidiano da busca por realização dos intentos humanos.

Tanto o filósofo quanto o historiador veem essas diferenças de poder já na ordem biológica. Uns são mais fortes do que os outros, os homens mais do que as mulheres. Umas sociedades mais do que as outras, por elementos naturais e geográficos ou culturais e técnicos.

Fukuyama vai aos chipanzés para ver como entre eles também há política porque há diferenças de capacidade para exercer a violência.

Reconhecer que a violência é parte da condição humana é como reconhecer que existe a gravidade, a priori não se trata de um enunciado moral. Tampouco significa que sejamos apenas capazes de violência, mas sim que negar essa disposição, e diferentes capacidades para o exercício da violência, implica não compreender a política real.

O que está em jogo na política institucionalizada é quem ou o que consegue exercer mais violência de modo mais ou menos legitimado. E esta legitimidade implica, em grande medida, na importância da forma como a violência é exercida e organizada no cotidiano dos grupos. Organizar a violência no cotidiano de um grupo é, basicamente, reduzi-la.

Nunca existiu um processo acumulativo e linear de sucessos na gestão da violência na longa duração da história. Dos grupos organizados por parentesco à corrupção no coração dos Estados, às teocracias, à tentativa de uma organização impessoal e mais transparente, tudo é efêmero e pode, um dia, degenerar em violência desorganizada.

| SEG. Luiz Felipe Pondé | TER. João Pereira Coutinho | QUA. Marcelo Coelho | QUI. Drauzio Varella, Fernanda Torres | SEX. Djamila Ribeiro | SÁB. Mario Sergio Conti

Idoso caminha em corredor auxiliado por assistente no Residencial Lar Sant'Ana, em São Paulo Eduardo Knapp - 22.dez.14/Folhapress

Idadismo pode afetar saúde e qualidade de vida de idosos

Estudo aponta que a sobrevivência média foi de 7,5 anos a mais para aqueles com ideias positivas sobre a velhice

EQUILÍBRIO

Paula Span

THE NEW YORK TIMES A cada outono, Becca Levy pede aos alunos de sua turma de saúde e envelhecimento na Escola de Saúde Pública de Yale, nos Estados Unidos, que imaginem uma pessoa idosa e compartilhem as cinco primeiras palavras que vêm à mente. Não pensem muito, ela diz a eles.

Levy escreve as respostas no quadro. Elas incluem palavras de admiração como "sabedoria" e "criativo" e papéis como "avó". Mas "'senilidade' aparece bastante", disse Levy recentemente, "e muita enfermidade física e declínio: 'curvado', 'doente', 'decrépito'".

Robert N. Butler, psiquiatra, gerontologista e diretor-fundador do Instituto Nacional sobre o Envelhecimento, cunhou há meio século o termo "idadismo", que ecoa "sexismo" e "racismo", para descrever os estereótipos e a discriminação contra os idosos.

> Assim como aprendemos nas últimas décadas que há estruturas tendenciosas contra mulheres e pessoas não brancas que levam a piores resultados de saúde, sentimentos negativos sobre a velhice levam a maus resultados em pessoas idosas
>
> **Louise Aronson**
> geriatra

Entre as lembranças no pequeno escritório de Levy em Yale está uma foto preciosa dela com Butler, que morreu em 2010. Pode-se argumentar que ela é sua herdeira.

Psicóloga e pesquisadora de saúde pública, Levy demonstrou —em mais de 140 artigos publicados ao longo de 30 anos e em um novo livro, "Breaking the Age Code" (Rompendo o código da idade, em português)— que o idadismo resulta em mais do que sentimentos de mágoa ou mesmo comportamento discriminatório. Afeta a saúde e o bem-estar físico e cognitivo de maneira mensurável, e pode reduzir anos de vida.

"Assim como aprendemos nas últimas décadas que há estruturas tendenciosas contra mulheres e pessoas não brancas, que levam a piores resultados de saúde, ela mostrou que sentimentos negativos sobre a velhice levam a maus resultados em pessoas idosas", disse Louise Aronson, geriatra na Universidade da Califórnia em San Francisco e autora do livro best-seller "Elderhood" (A fase idosa da vida, em português).

Outra lembrança no escritório de Levy é um cartão em seu quadro de avisos que diz: "Pergunte-me sobre 7,5". A lembrança veio de uma campanha anti-idade em Wisconsin e se refere ao seu estudo de longevidade de 2002, que durante duas décadas acompanhou centenas de moradores com mais de 50 anos em uma pequena cidade de Ohio.

O estudo descobriu que a sobrevivência média foi de 7,5 anos a mais para aqueles que tinham as ideias mais positivas sobre o envelhecimento, em comparação com os que tinham atitudes mais negativas.

"Uso isso em praticamente todas as palestras que dou, porque é chocante", disse Tracey Gendron, que preside o departamento de gerontologia da Virginia Commonwealth University e cita o trabalho de Levy em seu recente livro "Ageism Unmasked" (Idadismo desmascarado, em português). "Ela foi realmente uma pioneira."

Levy e sua equipe medem as atitudes em relação ao envelhecimento de várias maneiras. Eles usam questionários ou o mesmo exercício de cinco palavras que ela dá aos alunos, além de testar preconceitos subliminares usando programas de computador que exibem palavras negativas ou positivas sobre o envelhecimento tão rapidamente que os participantes as absorvem sem notar.

Também usaram pequenas amostras experimentais de algumas dezenas de pessoas e rastrearam registros de saúde de milhares por meio de grandes pesquisas nacionais. Graças a seus esforços, sabemos que além da redução da longevidade o idadismo também está associado a:

Eventos cardiovasculares, incluindo insuficiência cardíaca, derrames e ataques cardíacos. Usando registros de saúde de quase 400 participantes com menos de 50 anos no Estudo Longitudinal sobre Envelhecimento de Baltimore, "conseguimos acompanhar as pessoas durante 40 anos", disse Levy. "Elas tinham um risco duas vezes maior se, na juventude, adotassem estereótipos negativos sobre o envelhecimento." Seus problemas cardiovasculares também ocorreram em idades mais precoces.

Função física. Entre 100 idosos (com idade média de 81 anos), aqueles expostos semanalmente a estereótipos de idade positivos implícitos durante um mês tiveram melhores resultados em testes de postura, força e equilíbrio do que os grupos de controle.

De fato, aqueles que receberam exposição positiva melhoraram mais do que um grupo experimental de idade semelhante que se exercitou durante seis meses. Em um estudo com residentes de New Haven com mais de 70 anos, aqueles com ideias positivas sobre a idade também eram mais propensos a se recuperar totalmente de deficiências graves do que aqueles com crenças negativas.

Doença de Alzheimer. Alguns participantes do estudo de Baltimore passaram por exames cerebrais regulares e alguns doaram seus cérebros para autópsias.

Aqueles que mantinham crenças de idade mais negativas em idades mais jovens exibiram um declínio mais acentuado no volume do hipocampo, região do cérebro associada à memória. Eles também exibiram, após suas mortes, mais placas e emaranhados cerebrais que são biomarcadores de Alzheimer.

Outro estudo usou dados da Pesquisa Nacional de Saúde e Aposentadoria que incluiu se os participantes tinham o gene APOE4, que aumenta o risco de Alzheimer. Aqueles com o gene e ideias positivas sobre idade "tinham um risco tão baixo quanto as pessoas sem o gene", disse Levy.

A lista continua. As pessoas mais velhas com visões positivas do envelhecimento apresentam melhor desempenho em testes de audição e tarefas de memória. Elas são menos propensas a desenvolver doenças psiquiátricas como ansiedade, depressão, TEPT (transtorno de estresse pós-traumático) e pensamentos suicidas.

De fato, Levy e seus colegas estimam que a discriminação por idade, estereótipos negativos de idade e autopercepções negativas do envelhecimento levam a US$ 63 bilhões em gastos anuais excedentes em condições de saúde comuns, como doenças cardiovasculares e respiratórias, diabetes e lesões.

Absorvemos esses estereótipos desde a tenra idade, por meio de retratos depreciativos na mídia e contos de fadas sobre bruxas velhas e más. Mas as instituições —empregadores, organizações de saúde, políticas habitacionais— expressam um preconceito semelhante, reforçando o que é chamado de "idadismo estrutural", disse Levy. Reverter isso exigirá mudanças radicais, um "movimento de liberação da idade", acrescentou ela.

Mas Levy encontrou motivos para otimismo: ideias prejudiciais sobre a idade podem mudar. Usando as mesmas técnicas subliminares que medem atitudes estereotipadas, sua equipe conseguiu aumentar o senso de competência e valor entre os idosos. Pesquisadores em muitos outros países replicaram seus resultados.

"Você não pode criar crenças, mas pode ativá-las", disse Levy, expondo as pessoas a palavras como "ativo" e "cheio de vida", em vez de "rabugento" ou "indefeso", para descrever os adultos mais velhos.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

LEIA TAMBÉM

Passageiros em estação de metrô no Brooklyn, na cidade de Nova York, um dia após homem fazer disparos em um trem da linha Spencer Platt - 13.abr.22/Getty Images/AFP

Crimes no transporte público desafiam reabertura nos EUA

Violência afasta passageiros e pode prejudicar retomada econômica pós-Covid

MUNDO

CHICAGO | THE NEW YORK TIMES Anna Balla, 47, tolerou por meses os comportamentos que, segundo ela, tornaram-se comuns entre passageiros do "L" (o metrô elevado de Chicago): pessoas fumando, assédio e até uma vez em que um desconhecido usou seu ombro, sem permissão, como apoio para pular a um lugar num trem superlotado.

Mas foi algo que aconteceu num dia em março que a levou a abandonar o metrô de uma vez por todas.

Numa estação movimentada no Loop, o centro financeiro da cidade, no horário do rush, Anna viu um rapaz sem camisa puxar uma mulher pelo braço e bater nela com uma garrafa de cerveja, enquanto ela se encolhia na plataforma, aos gritos. Anna saiu às pressas do vagão lotado e subiu correndo para a rua.

"Tive medo de alguém sacar uma arma ou, se a polícia chegasse, de começar um tiroteio", diz Anna, secretária de um museu em Chicago. "O clima era esse."

No momento em que várias grandes cidades americanas procuram atrair o público de volta às áreas centrais, antes movimentadas, líderes municipais enfrentam índices de criminalidade no transporte público que já ultrapassaram os níveis anteriores à pandemia em Nova York, na área da baía de San Francisco, na Filadélfia e em Los Angeles.

Neste mês um incidente com tiros num trem do metrô no Brooklyn, em Nova York, deixou 23 feridos. Em outras cidades, relatos de agressões violentas, assaltos a mão armada e esfaqueamentos em ônibus e trens dominam o noticiário noturno e conversas em aplicativos de mensagens entre moradores.

A queda no número de passageiros levou muitas pessoas a dizer que se sentem mais vulneráveis do que antes quando usam o transporte público. Na Filadélfia, o número de crimes graves denunciados é maior hoje que antes da pandemia, e em Nova York está mais ou menos igual, apesar de o número de passageiros ter caído muito nas duas cidades. Menos crimes vêm sendo denunciados em outras cidades que em 2019, mas a taxa de criminalidade subiu porque há tão poucos passageiros.

> "[A segurança] é crucial para muitas das comunidades mais pobres ou mal servidas, cujos habitantes dependem do transporte público
>
> **Kevin Ryan**
> vice-presidente de segurança da Autoridade de Trânsito de Chicago

A crise dos sistemas de transporte coloca em risco a recuperação nacional da pandemia. Autoridades dizem que restaurar a confiança das pessoas nos metrôs, nos trens metropolitanos e nos ônibus ajudaria a resgatar as economias locais de dois anos de estagnação, incentivar mais pessoas a voltar para escritórios urbanos e levar turistas a se sentirem confortáveis em se deslocar livremente.

Em lugares densamente povoados como Chicago e Nova York, onde o transporte público é essencial para milhões de pessoas, o bem-estar do sistema é sentido como espelho do bem-estar das próprias cidades.

Prefeitos, empresas e a polícia procuram maneiras de reduzir a criminalidade e restaurar a confiança dos passageiros, mas, segundo especialistas, os destinos do transporte público e das áreas urbanas centrais se interligam de maneiras complicadas. Se mais pessoas voltarem a usar o sistema agora que retornam a seus escritórios e às lojas, os trens podem parecer mais seguros. Ao mesmo tempo, se as pessoas não se sentem seguras, relutam em voltar às áreas esvaziadas pela Covid.

Em Chicago, onde em março o segundo maior sistema de transporte público do país foi usado por uma média de 800 mil passageiros por dia, a criminalidade em trens e ônibus aumentou neste ano — mesmo antes da pandemia, os casos já vinham aumentando. No mês passado, a prefeita Lori Lighfoot anunciou a intensificação das medidas de segurança e o uso de policiais adicionais para tranquilizar os passageiros.

"Essa é uma das coisas mais importantes que podemos fazer para alterar a percepção da cidade como um todo", disse Kevin Ryan, vice-presidente de segurança da Autoridade de Trânsito de Chicago, falando da segurança no sistema de transporte público.

"É uma das primeiras coisas vistas por muitas pessoas que vêm para a cidade. É crucial para muitas das comunidades mais pobres ou mal servidas, cujos habitantes não possuem veículos particulares e dependem do transporte público. A segurança na CTA é imprescindível."

O número de crimes denunciados no transporte público de Chicago hoje é cerca de 50% menor do que antes da pandemia, mas o número de passageiros também caiu pela metade. A queda em muitos sistemas é um dado essencial quando se analisam os índices de crimes neles: em Los Angeles, o número bruto de crimes registrados em 2021 foi inferior aos anos pré-pandemia, mas, como o número de usuários também caiu muito, a taxa de crimes por passageiro é mais alta hoje.

Em outras cidades, como Filadélfia, os incidentes vêm crescendo ao longo da pandemia. Em 2021, policiais da Septa (empresa de transportes públicos do sul da Pensilvânia) registraram 86 agressões com agravantes, contra 46 em 2019. No mesmo período, assaltos subiram de 118 para 217. As cifras nos primeiros meses de 2022 indicam uma queda pequena.

Segundo a vereadora Jamie Gauthier, os problemas não se limitam ao transporte público, mas fazem parte de uma tendência maior de alta da violência na cidade. "Temos uma crise de opiáceos e uma habitacional. Os problemas maiores que vemos na cidade também migraram para nosso sistema de transporte."

Especialistas consideram que a preocupação crescente com a criminalidade talvez reflita em parte uma mudança de percepção dos passageiros, muitos dos quais interromperam seus deslocamentos habituais em ônibus e trens urbanos durante a pandemia.

A perspectiva de voltar ao transporte público está levando algumas pessoas a avaliar a segurança de uma maneira que não teriam feito no passado, quando a ida e volta diária entre casa e trabalho era parte da rotina. Um fator que eleva a tensão, para alguns passageiros, foi o recuo de muitas cidades na questão do uso de máscara, depois de uma juíza na Flórida ter derrubado a obrigatoriedade do item de proteção em aviões e no transporte público.

Christopher B. Leinberger, professor emérito da Universidade George Washington que estuda espaços urbanos e transportes públicos, afirma que a melhor maneira de reduzir a violência no transporte público é conseguir que mais pessoas voltem a usá-los. "A melhor maneira de suprimir o crime é ter muita gente, de muitas faixas de renda, nos transportes de massa. É claro que a polícia tem um papel importante, mas o mais importante é ter muitas pessoas de olho nas outras pessoas."

Julie Bosman, Sophie Kasakove, Jill Cowan e Richard Fausset
Tradução de Clara Allain

Indultos de Biden livram condenados por delitos ligados a drogas

WASHINGTON | REUTERS O presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, anunciou os primeiros indultos de seu governo na terça (26), parte de uma série de movimentos para reforçar seu histórico sobre justiça racial em um ano de eleição.

O democrata vai perdoar três pessoas e reduzir as penas de outras 75, a maioria das quais condenadas por crimes não violentos relacionados a drogas. Autoridades do governo também devem anunciar novas políticas, incluindo um programa de treinamento de US$ 145 milhões (R$ 719,5 milhões), para ajudar ex-detentos a se reintegrar à sociedade e, assim, diminuir o risco de que voltem a cometer infrações.

As medidas, no entanto, estão aquém das demandas de ativistas por reformas no sistema de Justiça dos EUA, que defendem uma ampla redução das penas impostas a contravenções não violentas ligadas a drogas e a libertação de mais pessoas que já foram condenadas.

Os EUA têm menos de 5% dos habitantes de todo o mundo, mas um quinto de seus detentos, ainda que a população carcerária americana tenha diminuído nos últimos anos para reduzir riscos da Covid-19.

O presidente dos EUA, Joe Biden, durante visita à Varsóvia (Polônia) Brendan Smialowski - 26.mar.22/AFP

O tema tem peso especial diante das eleições de meio de mandato, em novembro, quando a estreita maioria do Partido Democrata na Câmara e no Senado estará em jogo. Os democratas precisam de apoio dos eleitores negros, alvos de prisões de maneira desproporcional. A expectativa é a de que o aumento de crimes urbanos seja uma questão do pleito, assim como o desemprego em tempos de inflação alta.

"A América é uma nação de leis e de segundas chances, redenção e reabilitação", disse Biden em uma nota divulgada nesta terça. "Ajudar quem cumpriu penas a retornar a sua família e se tornar um membro que contribui para a comunidade é uma das formas mais efetivas para reduzir a reincidência e o crime."

Betty Jo Bogans, 51, será perdoada após ficar sete anos presa devido a uma condenação de 1998 por portar cocaína para o namorado dela, segundo a Casa Branca. Dexter Jackson, 52, também terá a pena indultada após ser condenado em 2002 por deixar traficantes de maconha usarem o salão de bilhar dele.

Em média, as outras pessoas que terão suas penas reduzidas já permaneceram quase dez anos na prisão e demonstraram comprometimento com o processo de reabilitação, ainda segundo a Casa Branca.

Abraham Bolden, 86, primeiro membro negro do Serviço Secreto de um presidente americano, durante o governo de John F. Kennedy, também está entre os que foram perdoados por Biden. Ele gerou preocupações sobre a prontidão da força de segurança antes de enfrentar acusações, nos anos 1960, de tentar vender informações do governo a um falsificador.

Bolden seguiu alegando ser inocente e afirmando que foi perseguido por apontar o mau comportamento e episódios de racismo de membros da segurança —diz, por exemplo, que, em algumas viagens, funcionários brancos e negros eram colocados em quartos separados.

Um dos quadrinhos da Dona Morte, criada por Mauricio de Souza na década de 1960 para abordar rito como parte necessária da vida Reprodução

Dona Morte mostra que fim da vida é natural

Mauricio de Sousa conta que criou a personagem inspirado na experiência de ir a velórios com a sua avó na infância

MORTE SEM TABU

Cynthia Pereira de Araújo

Meu primeiro contato com a palavra morte foi por meio das revistinhas da Turma da Mônica, com a Dona Morte, criada por Mauricio de Sousa nos anos 1960. Como leitora fiel dos gibis e almanacões desde que aprendi a ler, já vi centenas de histórias da Turma do Penadinho, que vive no cemitério.

Em conversa com a **Folha**, Mauricio de Sousa lembra que a criação da Dona Morte remonta à sua infância em Mogi das Cruzes (SP). Ele e seus irmãos sempre iam com a mãe ou a avó aos velórios, nas casas das pessoas. "Eu estive até mesmo com algumas pessoas em seus últimos minutos de vida", contou ele.

Mauricio percebia a tristeza, aquela sensação de perda no choro das famílias, mas via aquele rito como algo natural —a morte como uma parte necessária da vida.

"Na conversa das pessoas de antigamente, minha avó, meu bisavô, era tão natural o ciclo da vida e da morte, que isso era repassado para os filhos, os netos. Nós percebíamos como algo realmente natural: triste, mas não lancinante", afirma o cartunista.

"E com isso, no momento em que eu estava fazendo história em quadrinhos, eu achei que podia falar alguma coisa sobre a morte de outra maneira, não com choro, com tristeza, que eu podia fazer um pouco de filosofia."

"Não me olhe assim, é o ciclo da vida", diz a Dona Morte na história "Os animais", da Turma do Penadinho (Mônica n. 45 de 2019), que retrata a tristeza de crianças que perderam seus bichinhos de estimação —para muitas pessoas, certamente, a primeira perda significativa da vida.

A narrativa do Mauricio sobre os velórios que o fizeram perceber a morte com a naturalidade que lhe é inerente me remeteu ao livro "História da Morte no Ocidente", de Philippe Ariès. O historiador narra que foi no último século que a morte se tornou um tabu.

Antes, "a partir do momento em que alguém 'jazia no leito, enfermo', seu quarto ficava repleto de gente, parentes, filhos, amigos, vizinhos e membros de confrarias. As janelas e venezianas eram fechadas. Acendiam-se os círios."

Com a retirada da morte de dentro das nossas casas e seu deslocamento para os hospitais, as funerárias e os cemitérios, perdemos a familiaridade com a sua existência.

A Turma do Penadinho faz com que termos fúnebres e pouco palatáveis para a maioria das pessoas, como cemitério, caixão, túmulo, alma penada, cremação e morte se tornem agradáveis.

Divulgação

> **Eu achei que podia falar alguma coisa sobre a morte de outra maneira, não com choro, com tristeza, que eu podia fazer um pouco de filosofia**
>
> **Mauricio de Souza**
> cartunista, sobre a criação da Dona Morte

"Sabe o que é? É que todos eles são muito vivos. Depende do nosso olhar, da nossa sensibilidade e às vezes até para que a gente entenda a saudade que a gente tem", explica Mauricio.

Uma vez escrevi que nós, humanos, somos todos feitos do mesmo material, finito. Mas cada um de nós é infinito. De possibilidades, de memórias que fazem com que renasçamos constantemente e, assim, existamos enquanto formos saudade de alguém. A vida termina. Mas nós não terminamos. Como me disse Mauricio, somos continuação.

O ciclo natural da vida e da morte é cuidadosamente retratado em muitas das histórias da Dona Morte. Mas não apenas nelas.

Na história "O Ciclo" (Cebolinha n. 45 de 2019), assinada pelo próprio Mauricio, Cebolinha pergunta ao pai se seu cãozinho, Floquinho, ficará para sempre com eles. O Seu Cebola responde que uma vez fez a mesma pergunta ao seu pai, avô do Cebolinha, e ele disse que "na natureza da vida... todos têm um ciclo!", que "todos nós temos um começo, um meio... e um fim".

"Mas o que mais importa é o amor que podemos compartilhar enquanto estamos aqui. Dar o melhor de nós para aqueles que passam pelo nosso caminho... pelo tempo que estivermos juntos!"

Uma história muito famosa para além dos fãs da Turma da Mônica é a da irmã do Chico Bento, Mariana, como me lembrou José Alberto Lovetro, o Jal, jornalista e cartunista que é também assessor de comunicação do Mauricio.

A personagem é representada por uma estrelinha, que retorna ao convívio das demais estrelas no céu depois de adoecer e morrer.

Comentei com o Mauricio sobre a extrema sensibilidade dessa história, que tem uma passagem que diz "Luto tanto pra ficar... luto tanto, tanto...". Marianinha, como é carinhosamente chamada pelo irmão, está falando sobre a sua luta para continuar com a sua família. Mas a leitura imediatamente remete ao luto.

Eu perguntei para o Mauricio se ele havia pensado no tamanho do impacto de uma personagem como a Dona Morte em um quadrinho para crianças. Perguntei se ocorrera a ele que seria o primeiro contato de muita gente com o assunto, assim como foi comigo.

Ele respondeu categoricamente que sim. "Eu achei que poderia e deveria fazer, até porque tem até anjinho na história, tem o outro lado. Eu acho que nós devemos colocar tudo que puder, de alguma maneira, levar algum tipo de informação que seja positiva, quando a gente trabalha para crianças", disse.

Lendo gibis mais recentes, algumas frases me reportaram a discussões muito profundas sobre a finitude humana. O "pouco de filosofia" de que Mauricio havia falado é, na verdade, muita filosofia. Mencionei a história "Classificados", da Turma do Penadinho (Almanaque da Turma da Mônica n. 06 de 2021), em que ao ouvir de uma de suas vítimas que era muito jovem, a Dona Morte responde: "Você sabe que comigo esse negócio de idade não funciona!"

Sabemos que pessoas morrem o tempo todo, em todo lugar. Sabemos que estão vivas e que no segundo seguinte não estão mais. Mesmo jovens. Mesmo jovens demais. Mesmo saudáveis. Mesmo saudáveis demais. Mas quem morre é sempre o outro. Até que não é mais.

"Pura realidade", afirmou Mauricio de Souza.

Para criar as histórias da Dona Morte, o cartunista diz que toda a equipe cuida para que a personagem seja sempre bem ativa e bem viva. Aliás, bem feminina.

"Nenhuma história pode ser triste. Sempre é de alguma maneira um aprendizado."

Realmente, as histórias com a Dona Morte são sempre divertidas. Muitas vezes, ela confunde a pessoa a ser levada com ela, o que enseja situações muito engraçadas.

Segundo Mauricio, essa é uma forma de quebrar a imagem da dureza da morte a partir de suas fraquezas, dos apuros por que passa.

Aliás, a humanização da Dona Morte é levada muito a sério. É ela a responsável pelas atividades domésticas do cemitério, o que a faz ter que lavar roupa, arrumar cama (lápide), ir ao supermercado e dizer que as coisas estão "pela hora da morte".

Dona Morte, como não poderia deixar de ser, também trabalha muito. E às vezes reclama da concorrência.

Mauricio acredita que ela realmente tem "uma bela concorrência com os seres vivos aqui". "Aliás, olha aí o que estamos passando agora."

Mas ele evita falar sobre fatos reais que podem trazer memórias desagradáveis ao leitor dos quadrinhos.

"Durante a pandemia, naqueles tempos em que estavam sendo mostrados cemitérios imensos, cruzes, eu pedi ao pessoal para evitar desenhar cemitérios com cruzes nas histórias. Seria olhar para a história e lembrar daquelas fotos muito tristes. A pandemia esteve próxima da maioria dos leitores e eu preferi não mencionar."

Por outro lado, ele registra "a obrigação, junto ao nosso público, de informar, como quando o Cascão lavou as mãos. Eu liberei o Cascão para lavar as mãos com sabão e um sorriso no rosto. Isso marca e ajuda as pessoas a se lembrarem dos cuidados necessários, lembrar de vida, não de morte", afirmou.

Em muitas histórias, a Dona Morte conversa com as suas vítimas antes da passagem. Toma até café com biscoito. E assim, Mauricio nos ajuda a fazer essa conversa prévia. A cada vez que a morte nos lembra que nosso tempo por aqui é limitado, podemos pensar mais no presente e viver da melhor maneira possível.

A propósito, no novo arco da Turma da Mônica Jovem, chamado "Uma luz que se apaga", os jovens enfrentarão o luto. O ciclo natural da vida —que inclui a morte— foi indicado como a história da edição.

A ideia não é transmitir uma mensagem de tristeza ou desmotivação, pelo contrário.

"É um ensinamento de vida, que apesar de sua fragilidade, não nos impede de viver, de sonhar, de acreditar e, principalmente, realizar", diz nota de divulgação enviada pela assessoria de comunicação.

Que assim seja.

Cena da animação 'Apollo 10 e meio: Uma Aventura no Espaço', da Netflix Reprodução

Parceria de 30 anos está por trás do filme 'Apollo 10 e meio'

Richard Linklater e Sandra Adair estreiam 20º trabalho conjunto, uma animação que combina horror e humor

FS

Sean Malin

THE NEW YORK TIMES Em "Apollo 10 e meio: Uma Aventura Espacial", comédia de animação da Netflix que passa na década de 1960 no subúrbio de Houston, uma horda de pré-adolescentes ataca uma barraquinha de picolés, em um esforço para escapar do calor do Texas. Um a um, os adolescentes dão a primeira lambida deliciada em seus sorvetes, mas imediatamente descobrem que os picolés ficaram por tempo demais no congelador, e que suas línguas não desgrudam do sorvete.

O pânico começa a se espalhar, e a molecada se remexe freneticamente até que um menino ousado termina com a língua ensanguentada.

A cena, com sua combinação de humor e horror, é parte das lembranças do diretor e roteirista Richard Linklater, 61. Mas o timing impecável é obra de Sandra Adair, 69, que edita todos os filmes de Linklater há décadas.

"Apollo 10 e Meio: Uma Aventura Espacial" é o 20º longa de Linklater, que foi editado por Adair. E o lançamento marca o 30º aniversário de uma das colaborações mais duradouras na história do cinema dos Estados Unidos, produzindo obras que receberam imensos elogios dos críticos e múltiplas indicações ao Oscar.

Adair não é a única profissional da área técnica que colabora com Linklater há muito tempo. O cineasta já realizou 11 longas-metragens com o diretor assistente Vincent Palmo Jr., nove com a figurinista Kari Perkins e sete com o diretor de fotografia Shane Kelly, entre muitos outros colaboradores.

> Em algum momento ao longo do caminho ela [Sandra Adair] me disse que eu não precisava lhe dar aquelas instruções, e que ela sabia exatamente o que eu estava pensando
>
> **Richard Linklater**
> diretor de "Apollo 10 e meio"

Mas Linklater dividiu mais créditos com Adair do que com qualquer outro colega, um fato que ele atribuiu à compreensão quase sobrenatural que ela demonstra quanto às preferências estéticas do cineasta.

"No começo, eu dizia a ela que começaríamos pela tomada de plano geral, e depois iríamos para aquilo, e cortaríamos com aquilo mais", disse Linklater em uma entrevista por Zoom. "Mas em algum momento ao longo do caminho ela me disse que eu não precisava lhe dar aquelas instruções, e que ela sabia exatamente o que eu estava pensando. E minha reação foi a de que nossa, isso é muito conveniente".

Adair começou a trabalhar com Linklater quando ela e o marido, o cineasta Dwight Adair, se mudaram para Austin, Texas, em 1991. Natural de Las Vegas, Sandra Adair tinha se transferido para Los Angeles no começo da década de 1970 para estagiar com seu irmão, o editor de cinema Robert Estrin. Lá, ela começou a ganhar experiência "pelo porão", trabalhando em filmes como "Confissões Verdadeiras" e "Corações Desertos", aprendendo a profissão e descobrindo como sobreviver às disputas políticas em Hollywood.

Em 1992, um ano depois que ela se mudou para Austin, um colega a informou de que um diretor em ascensão estava procurando por um editor para um novo projeto que ele estava desenvolvendo para a Paramount Pictures. Ávida por trabalho, Adair enviou uma carta manuscrita a Linklater oferecendo seus serviços, e logo foi contratada para editar o filme que se tornaria "Jovens, Loucos e Rebeldes". Foi o primeiro longa de Hollywood pelo qual Adair levou crédito como editora principal.

"O roteiro era tão vivo que redespertou minha paixão pela edição", disse Adair. "Eu logo me enquadrei à ideia e comecei a compreender o que Rick estava tentando fazer".

Embora a produção do filme tenha sido complicada, o resultado se tornou um sucesso cult. Mas foi só depois de trabalhar com Linklater em seu filme seguinte, "Antes do Amanhecer", que o diretor e a editora "entraram em sincronia totalmente", disse Adair.

O jornalista e cineasta Louis Black, que dirigiu o documentário "Richard Linklater: Dream Is Destiny", com Karen Bernstein, expressou sua opinião, via Zoom, sobre a colaboração entre Linklater e Adair. "Eles amam trabalhar um com o outro porque estão em sintonia", ele disse.

Estar no mesmo comprimento de onda permitiu que os dois mantivessem uma coerência entre projetos que abarcam uma vasta gama de temas e estilos, de um ruidoso musical pop ("Escola de Rock") à ficção científica sombria ("O Homem Duplo"). "As sensibilidades deles na verdade são parecidas demais", disse Black. "No mundo deles, o mimético se torna espetacular".

O triunfo conjunto mais conhecido de Linklater e Adair só aconteceu em 2014, quando os dois foram indicados ao Oscar por "Boyhood – Da Infância à Juventude", um drama familiar sóbrio que eles filmaram em segredo durante 12 anos.

"Obviamente foi um filme que nós fomos escrevendo enquanto filmávamos, mas também foi editado enquanto estava sendo filmado", disse Linklater. "Nós conversávamos muito sobre o que o filme tinha e sobre o que faltava a ele".

A natureza incomum daquela produção permitiu que Adair influenciasse o produto final de uma maneira que poucos editores fazem. "Ela interferiu como criadora de histórias. 'Em minha opinião, ele precisa ter seu coração partido em algum momento', ela disse. Não é comum que um editor interfira dessa maneira em um filme", disse o cineasta.

Quando as filmagens terminaram, Adair recebeu crédito também como coprodutora. "Foi quase inacreditável que tenhamos conseguido fazer aquilo", ela disse. "Eu experimentei física e mentalmente o amadurecimento daquela família, vezes sem conta. É difícil descrever o efeito que aquele filme teve sobre mim e sobre muitas outras pessoas".

A mais recente colaboração dos dois uma vez mais rejeita qualquer categorização fácil de gênero. Uma mistura de cenas "live action", animações bidimensionais e "rotoscoping" (o uso de cenas com atores reais sobre as quais animadores baseiam seus desenhos), "Apollo 10 e Meio: Uma Aventura Espacial" traz Milo Coy como Stan, que representa um menino parecido com Linklater, cujo pai tem uma posição burocrática na Administração Nacional da Aeronáutica e Espaço (Nasa) no pico da corrida espacial. O filme é parte viagem nostálgica, em parte fantasia.

Tommy Pallotta, um dos produtores do filme e seu diretor de animação, disse que a "amizade e respeito" que existem entre Linklater e Adair era essencial para que a história atravessasse as partes mais fantasiosas da jornada de Stan sem perder o contato com as profundas lembranças pessoais do diretor.

"Sandra está totalmente imersa nisso", ele disse. "Integrar material diferente como esse é algo que depende do processo de edição. É difícil dizer que percentual é o quê".

Linklater e Adair já estão trabalhando em seu novo projeto, uma adaptação de "Merrily We Roll Along", um musical de Stephen Sondheim, que começou a ser filmada em 2018 e cuja produção deve durar mais 18 anos. Adair disse que, embora ela ainda não tenha visto qualquer cena, Linklater insistiu em que trabalhe no filme, uma tarefa que estenderá a parceria única entre ele até 2039, pelo menos.

"Isso é uma coisa fundamental na vida: sentir que você está engajado em alguma coisa que realmente o interessa", disse Linklater. "Estamos nessa por conta dessa coisa da trupe de artistas, e o mais recompensador em termos criativos são os relacionamentos que você forma. Nós mergulhamos nisso, e continuamos mergulhados".

Tradução Paulo Migliacci

Laverne Cox se reinventa como entrevistadora no tapete vermelho

ENTREVISTA
LAVERNE COX

Gina Cherelus

THE NEW YORK TIMES A atriz Laverne Cox, conhecida por seus papéis em "Orange Is the New Black" e "Inventando Anna", se tornou uma figura conhecida nos tapetes vermelhos de Hollywood. Mas nesta temporada, ela se viu do outro lado do microfone e se tornou a guia das audiências televisivas em especiais do Oscar e Grammy exibidos pelo canal E!.

A presença dela no tapete vermelho e suas interações com os convidados, nas quais mistura seu carisma natural ao calor humano, fizeram com que se destacasse, a despeito da experiência limitada como entrevistadora (ela estava acostumada a ser a entrevistada).

Cox, 49, começou a apresentar programas do E! durante o especial do Emmy em 2020, e no segundo trimestre do ano seguinte a rede a apontou como apresentadora para sua cobertura das premiações do cinema, TV e música em 2022.

A fim de se preparar para o trabalho, Cox, com a ajuda de seus produtores, faz uma pesquisa profunda para conhecer mais sobre as celebridades antes das grandes noites de suas carreiras.

"Tento assistir a outras entrevistas que elas tenham feito, se possível, para encontrar um jeito de lhes fazer perguntas que ainda não tenham sido feitas", disse Cox.

Cox, que também é uma das produtoras do especial do Emmy, disse que um de seus momentos favoritos foi sua entrevista com a rapper Saweetie no Grammy. A cantora ficou comovida depois que Cox resumiu em detalhes as suas realizações. "Ela percebeu que não estava no Grammy pela primeira vez, mas pela primeira vez como indicada, e o quanto isso era importante para ela", disse Cox.

"Momentos como esses são especiais para mim, porque eu mesma fui indicada", disse Cox. "Lembro-me de minha primeira vez em uma cerimônia de premiação, como indicada, e de como aquilo foi bonito e especial."

As estrelas que se aproximavam dela no tapete vermelho muitas vezes pareciam tão empolgadas por encontrá-la quanto ela por entrevistá-las, e muitas se declararam seus fãs antes de ela ter a oportunidade de perguntar sobre que grife estavam vestindo.

A atriz e apresentadora Laverne Cox Reprodução

*

Como foi a experiência de fazer programas de tapete vermelho dois domingos em seguida? Exaustiva. (Risos.) É muita preparação.

O que a levou a querer ser entrevistadora no tapete vermelho? E o que nessa atividade a agrada mais? Tenho de dizer que não é algo que eu tivesse vontade de fazer. Acho que para mim a primeira coisa é ser atriz e, embora eu sempre tenha feito muita coisa, sempre priorizei a atuação. Por isso, queríamos garantir que eu continuasse a ser vista como atriz e não como uma pessoa de tapete vermelho, certo? Mas estou gostando muito mais do que imaginei que gostaria.

Quais foram algumas de suas interações favoritas no tapete vermelho? Denzel Washington foi um ponto alto, e Andrew Garfield é simplesmente incrível. Nós já tínhamos convivido socialmente e isso ajudou. Há momentos de que gostei com Lady Gaga, de quem sou muito fã. E um momento com Jared Leto, em que ele mandou um oi para o meu irmão, no tapete vermelho do Grammy, e depois pude conversar com ele sobre seu método de trabalho e o que ele aprendeu.

Amo essas coisas. Eu não conhecia o trabalho de Jon Batiste, nada do que ele fez. Foi na preparação para o programa que vi que ele era a pessoa que mais recebeu indicações ao Grammy (este ano). E por isso comecei a ouvir sua música e pensei, meu Deus, esse cara é um gênio. Isso também é uma emoção para mim, descobrir artistas novos e aprender sobre novos estilos musicais ou filmes.

Você já esteve do outro lado das entrevistas de tapete vermelho muitas vezes. Como isso influencia a maneira pela qual você aborda essas entrevistas? Tento criar uma conexão significativa e deixar que as pessoas digam o que querem dizer sobre seu trabalho ou sobre o mundo da maneira mais autêntica possível. Quando estive do outro lado e sentia conexão e química com o entrevistador, eu sabia que a entrevista seria muito melhor.

Algum momento complicado no tapete vermelho que você possa revelar ou coisas inesperadas que você aprendeu? Houve um momento em que achei que o 'prompter' [ponto eletrônico] estava errado e não estava. E isso aconteceu ao vivo, literalmente, quando eu estava entrevistando Finneas no Grammy, e o 'prompter' me tirou do rumo.

Eu posso não acertar todos os fatos, e isso é desconfortável e incômodo. É por isso que tento me preparar ao máximo para que não aconteça. Mas também há muito amor. As coisas não serão perfeitas, e minha oração, especialmente nesses eventos, é 'que Deus me dê permissão de ser imperfeita e ainda assim servi-lo'. Ainda tenho dificuldades por causa do meu perfeccionismo, mas é realmente impossível: não há como ser perfeito na TV ao vivo. É preciso rolar com o que está acontecendo e ter a capacidade de rir de si mesmo.

Você se imagina fazendo esse trabalho de novo na próxima temporada de prêmios? Acho que tenho mais um ou dois tapetes vermelhos no meu contrato. Acredito que o E! vá avaliar no final do ano, e eu vou avaliar e estudar minha agenda para o ano que vem. Boa parte disso vai depender do que eu tiver pendente. A maior dificuldade da minha vida é a agenda. Mas estou me divertindo muito mais do que imaginei que me divertiria.

Tradução Paulo Migliacci